

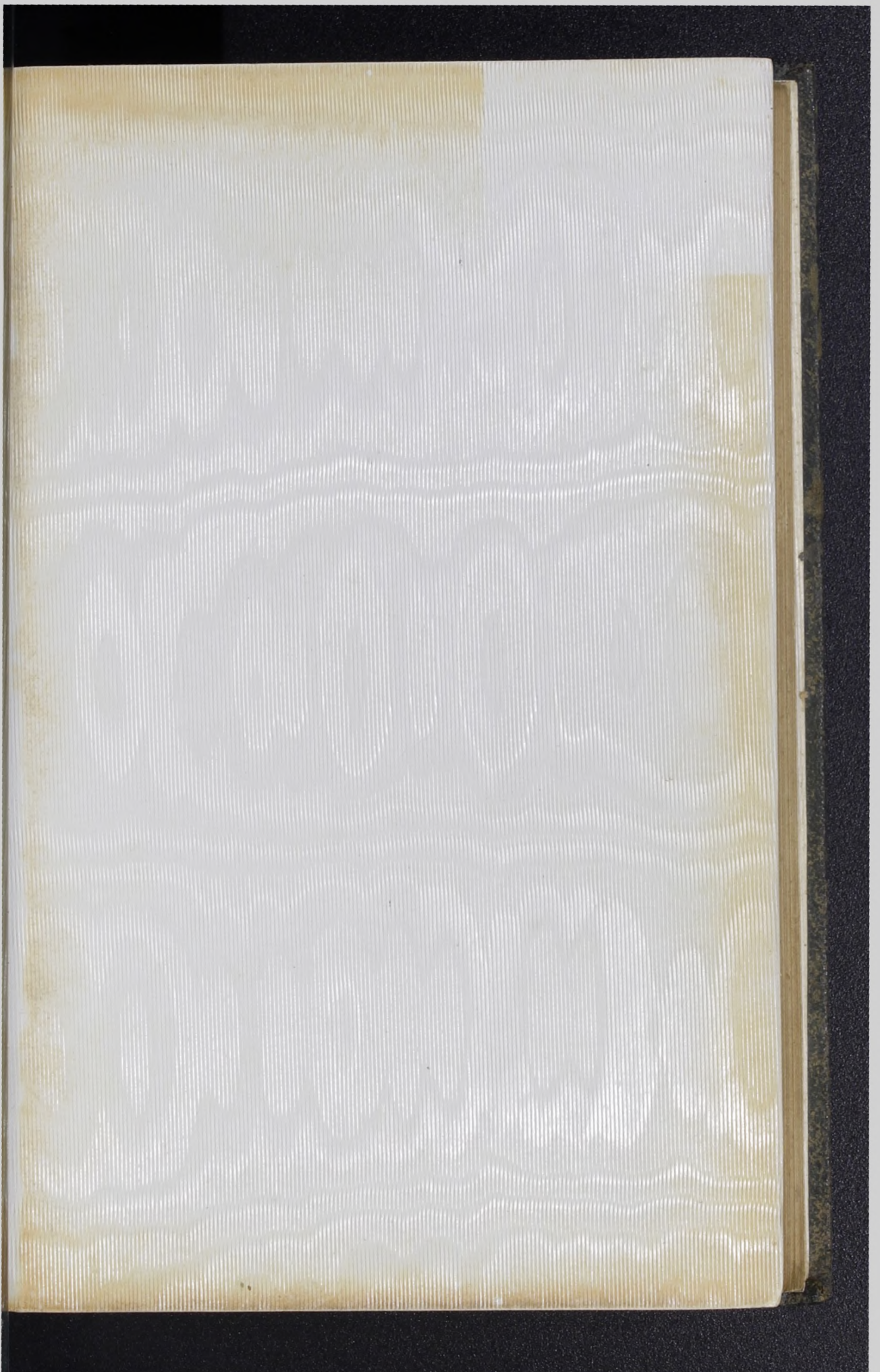


BIBLIOTHECA
DE
VICENTE THEMUDO

N. 1358

VOL. 1

DATA 27-7-918



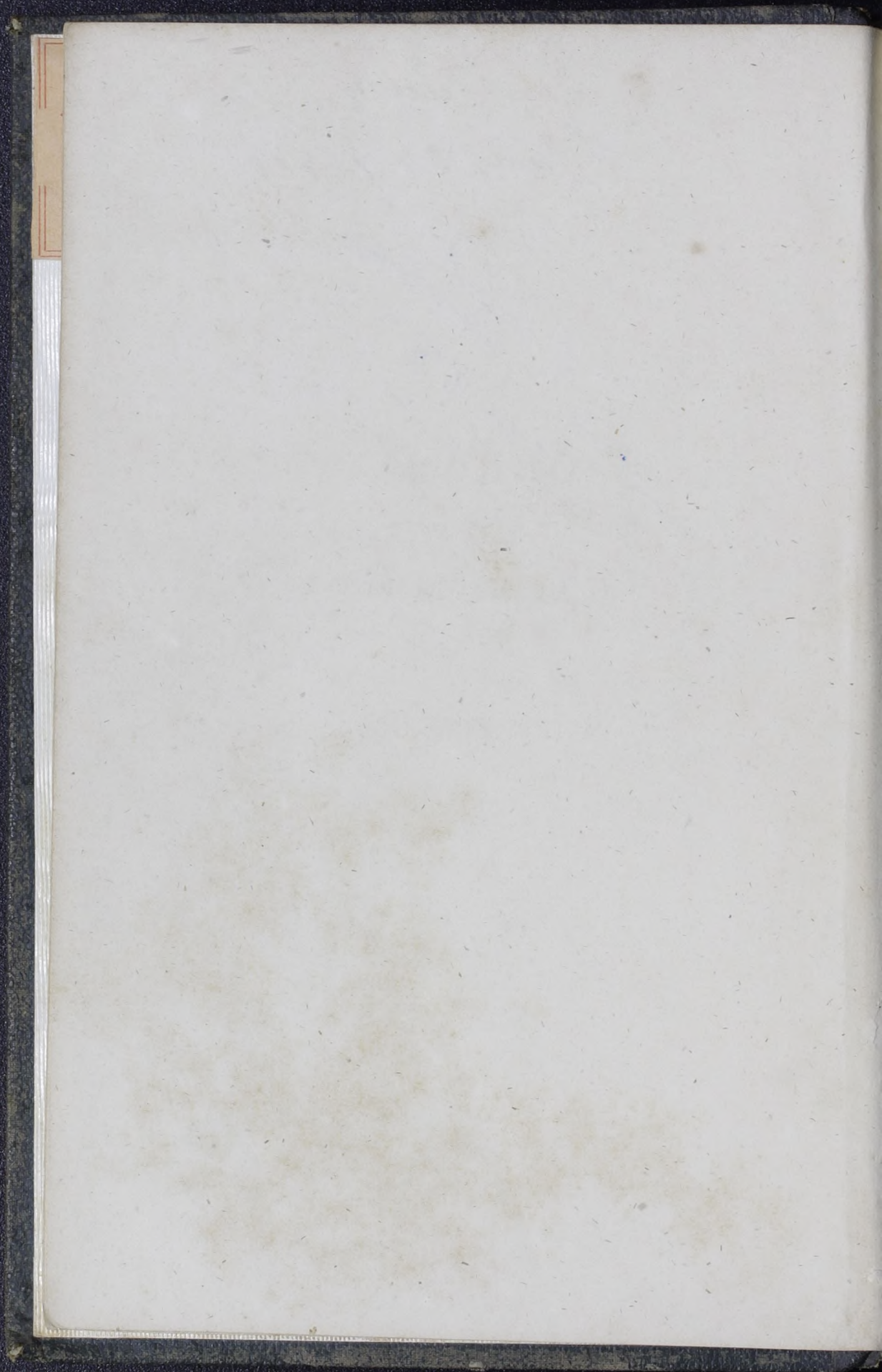
D7

Λ*

B

A. J. Fumo
S. Paulo, 27-7-518

Zingher Lissa
19.11.39



OBRAS
DE
D. J. G. DE MAGALHAENS.

TOMO VI.
CANTICOS FUNEBRES.

VIENNA.
IMPERIAL E REAL TYPOGRAPHIA. 1864.

CANTICOS FUNEBRES

POR

D. J. G. DE MAGALHAENS.



RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DE B. L. GARNIER

RUA DO OUVIDOR N.º 63

—
1864.

11

CANTICOS FUNEBRES.

A DOR.

Quem é no mundo tão feliz, que nunca
O rosto lhe sulcasse amargo pranto? . . .
Que bens perennes nos concede a sina,
A nós filhos da dor, da morte herdeiros? . . .
Acaso como nós os reis não choram? . . .
Resoará continuo em torno ao solio
Festivo e louco da lisonja o hymno? . . .
Em purpureos coxins a dor se acalma?
Ou não convulsa a morte em aureos leitos? . . .
Ai! quantas afflicções, quantos queixumes
Por esses altos tectos não retumbam!

Talvez o sabio, a meditar assiduo
Nos mysterios de Deos, o peito enrije,
E á cima se erga das fraquezas do homem?
Ah, não! Sua alma, quanto mais se extrema
Do lodaçal do mundo, mais lamenta
As miserias da vida. . . O peito estoico
Póde abafar a dor, calar-lhe o grito,
E o pranto aos olhos impedir que suba:
Mas dentro fica a corroer-lhe occulto,
Máo-grado a calma do severo rosto.

Feliz ao menos quem de amor nos braços
Descuidado respira! . . . O céo risonho,
Embalsamado o ar, meigas blandicias
Só lhe gyram em torno; enquanto ao longe
A tempestade a rebramar se espessa,
E os desvalidos choram! . . Ah! que importa
Lá se aniquile o mundo? — Elle é ditoso! . .
Oh doce engano! Oh illusões de um' hora!
Quem mais tormentos no prazer encobre,
Que a cada instante o riso em dor convertem?
Oh amor, brando amor, fonte meliflua


De ineffaveis delicias, quantas vezes
Magoado, ou suspeito, aos teus mimosos
Não inundas de lagrimas as faces,
E o coração em fel lhes não afogas!

Em que regaço de suave affecto,
Em que remanso plácido, reclina
Seguro a frente o homem, sem que venham
Inopinadas magoas assaltal-o,
Como entre flores escondidos vermes?

Ah! quem não chora? . . Nunca penas faltam
Da dor aos filhos, — que a chorar já nascem
Neste valle da morte! — E que ventura
Não é ao coração dilacerado
Ver sympathica lagrima nos olhos
De piedoso amigo? e n'um amplexo
Unir-se á sua, no encontrar das faces? . . .
Que conforto não é a voz ouvir-lhe,
Bem triste, e assim mais grata; — ou no silencio
Do seu retiro, meditar sozinho,
E repetir então luctuosos carmes,

Que sobre campas, ou da noite ás sombras,
Algum vate exhalou, — lembrando ás turbas
A Eternidade e Deos? — Mesta harmonia
Consola o infeliz, — mesmo embebendo
Lá mais dentro do peito mór tristeza.

Ide, meus carmes funebres, — carpidos
Em horas bem crueis! — Echos desta alma,
Harpa sensível pela dor vibrada,
Ide gemer nos corações que choram,
E confortar seus ais! Ide! — No mundo
A harmonia da dor grata resôa.



A MORTE

DO ILLUSTRE CIDADÃO

EVARISTO FERREIRA DA VEIGA.

Maio de 1837.

Onde está elle? — Esse homem fabricado
De sangue novo, pelo molde antigo,
De grega e de romana contextura,
De tempera sublime
Que vale mais que as eras que a produzem.

Onde está elle? — Vi-o n'outro tempo
Como uma ponte forte
No meio de torrente caudalosa.
Contra essa ponte, troncos, grossos cantos

Rolando entre espumosas catadupas,
Bafiam, e quebrados encalhavam.
Mas como pouco a pouco as aguas crescem,
Cobrem a ponte, as bases aluindo,
Até que enfim a quebram,
Assim nesta torrente de miserias
Estalou o penedo de constancia.

Onde está elle? — Oh tumulo, não creias
Que tudo em ti se acaba.
Sobre o teu frio pó só vejo um corpo,
Que desse pó se alçara;
Mas quem o levantou, em Deos existe.
Em Deos eterno vive.

Quem? — Evaristo! — Não hei dito tudo?
Nascêo como uma Aurora apavonada
De suaves perfumes recendente,
Ao som dos hymnos matinaes das aves;
Rutilou como o sol alçado ao pino,
Cheio de luz, no meio das fadigas
Dos homens que trabalham;

Caio como o crepusculo sombrio,
No meio da incerteza e da saudade:
Foi a vida do sol, vida do genio,
 Vida de um grande homem,
Que a patria muito amou, dos bons amado.

Oh Evaristo! quem causou-te a morte?
Mas não vibremos essa fiste corda,
Que idéas melancolicas desperta.

Que te fizemos nós? que assim tão cedo
 Teus amigos deixaste!
 Tu não vês que choramos?
Choramos, e por ti! — Ah que nossa alma
Perdeo contigo parte de si mesma.
Vivias para nós, por nós morreste.
Foi curta a tua vida, mas intensa
De mil grandes virtudes, de mil vidas
Deste povo que tu representavas,
Com a voz eloquente, e uma alma pura.

Acaso me ouves tu? — Eu não pretendo
Indiscreto evocar a tua sombra,

Que venha neste féretro sentar-se.

Não, não. Assaz te vemos.

Tua image' ante nós vaga constante,
Como a imagem do sol nos olhos fixa,
Se reproduz nas trevas.

Ah si podesses recobrar teu posto! . . .
Que sublimes lições tu nos trouxeras!
Que suaves palavras verterias,
Para acalmar a febre em que vivemos.

Mas que dizes? Tu fallas? — Na minha alma
Resôa tua voz! — É como um echo
Vindo de longe, triste, gemebundo,
E que vem expirar n'uma caverna!

Não, não é tua voz; eu me illudia!
É minha alma que geme, como um organ
Levemente tangido.
São de meus olhos lagrimas que caém,
Como gottas de orvalho sobre as folhas.

São meus nervos que vibram como as cordas
Do salterio, que o vento magoára.
São as minhas arterias que palpitam;
Meu coração que angustiado ar'queja.

Evaristo, entre nós teu grande nome
É puro e sancto, tem altar e templo
Nos nossos corações; e o louvor nosso
Constante fumará como um incenso.
Porém o teu logar ficou vazio!
Como um monte que o fogo consumira
Se abaixa, e afunda, e em lago se converte;

E o viajor que passa,
Vendo o lago, diz cheio de tristeza:

Outr'-ora foi um monte!

Oh Deos, unico Ser, Ser por si mesmo,
Tudo em torno de ti é mero sonho!
Sonhos que sonham, nuvens de vapores,
A quem um teu querer dá vida, e fôrma,
A quem um sópro teu extingue, acaba!
E no meio de tantas ironias,

De sonhos, de illusões, de engano e nada,
Cuida-se o homem rei? — Vaidade humana!

Mortaes! ouvi a voz do desengano.
Hoje por Evaristo nós choramos,
Quem por nós chorará na aurora crastina?
O dia de amanhã não nos pertence.
Amanhã . . . amanhã! . . . Porvir . . . Futuro;
Problema da esperança; ou vida, — ou nada.

Eis a barreira das loucuras nossas!
Eis o leito que sempre nos espera!
Leito do eterno somno de quem sonha!

Para alli vamos todos!

Todos um dia nos veremos junctos;
Onde? — Na Eternidade! — Adeos, oh cinzas!



A MORTE DE MEU PAI.

ALGUNS DIAS DEPOIS.

Triste albor da manhã, pelos resquícios
Da cerrada janella, a custo entrando
Na luctuosa estancia, annunciava
Que esperanças, além, trazia a aurora
Após doce repouso, — aqui, só dores.

Noite afanosa! amanhecer terrivel! . .
Uma familia inteira, Mãe, e filhos,
Em torno a um leito debruçados choram
O velho esposo, o pai. . . . Fieis escravos,

A quem a sujeição jamais pesara,
Sem tino vagam nas sombrias salas,
Inuteis a gemer; que vãos soccorros
Não se lhes pedem mais! . . . Pallidos cirios
Que a noite alumiam, descuidados,
Moribundos alli tambem se extinguem.

O pio ancião já languido estendido,
Deslembrado do mundo, agonizando,
Co'as frias mãos, que as minhas comprimiam,
Um crucifixo ao peito sustentava,
Preces balbuciendo interrompidas.
Num momento em que apenas respirava:
Ah! meu pai! lhe dice eu. . . . Elle volvendo
A nós a mente e os olhos, que em Deos tinha:
„Filhos! . . . Esposa! . . . adeos!“ E assim dizendo,
Em silencio voltou ao céo a mente;
A lagrima final vidrou-lhe os olhos,
E sua alma exhalou sereno e sancto.

Meus sentidos alli me abandonaram.
Mudo como meu pai, frio como elle,

Ficou meu corpo. — Eu creio que minha alma
A sua acompanhou por longo espaço.

Um triste choro, uns ais, um pranto amargo
Chamou-me á vida! . . . Oh minha Mãe, viuva!
Eras tu, que prostrada aos pés do esposo,
Assim choravas; . . . e eu chorei contigo.

Então bradei ancioso:
Meu Deos, que te fiz eu?
Meu Deos, sê mais piedoso;
Ah volve o rosto teu
Ao filho desditoso,
Que o terno pai perdeu.

Tira-me a inutil vida,
Que eu só quero morrer.
Minha alma desvalida
Que mais tem que fazer
Na terra aborrecida,
Onde eu não sei viver?

Minha alma, a que voltaste
A este corpo vão?
Ha pouco me deixaste
Sem vida e sem razão.
Porque não te ficaste
Na eterna habitação?

E voltaste outra vez ao lodo impuro,
Que ora com laço infame á dor te prende!
Eis-te de novo atada ao mortal corpo,
Que te arroja por entre invias devezas
De hirtos espinhos, e bravios cardos,
Como o infeliz Masepa atado ao potro!

E ha quem possa amar a vida, e o mundo?
Si ha, viva o infeliz que tal deseja,
A quem o mundo captivou com sonhos
De mentiroso amor, tão vão como elle.
Mas eu que o odeio, como odeio o inferno,
Porque no charco seu hei de abysmar-me?

Co' um riso de desprezo
Eu te ólho, oh mundo infame!
Não cuides que ainda preso
Me tens, co' o vil liame
Das tuas illusões.

Si ainda corajoso
Minha alma te sujeito,
É só que ao Poderoso
Tributo alto respeito,
E ás suas decisões.

Redobra os teus rigores,
Redobra os teus azares,
Combate-me com dores,
Com males, e pezares,
Com duras afflicções.

Sómente por tal modo
Purificada esta alma,
Deixando este vil lodo,
Irá colher a palma
Das suas oblações.

Mas entretanto o sacrificio é duro,
E crua e dilatada a experiencia!
Dias, mezes, e annos vão passando,
Com dores tão crueis, tão repetidas,
Que o coração por fim quebrado, exangue,
Blasphema, desespera!

Luz das almas, Razão eleste, eterna,
Emanação de Deos á humanidade!
Porque máo-grado me meu não penetras,
Quando o meu coração, de ti fugindo,
Pela dor arastado,
Nos horrores do mundo se despenha?
Como grande me sinto, e sobranceiro
Á dor terrena, e ás illusões finitas,
Quando, oh Razão, oh luz de Deos, me aclaras,
E me mostras o céo além da campa,
E o espirito feliz que lá me espera!

Mundo, oh Mundo! meu pai já te não soffre!
Si ainda os olhos meus lagrimas vertem,

Sobre o teu pó ingrato;
Si ainda um ai nos labios meus murmura,
É só por não dever a ti furtar-me,
Como um covarde que da lucta foge!

Quem a viver em ti me ha condemnado,
E me impoz o dever de supportar-te,
Não sei bem para o que, dar-me-ha o premio
Que a meu pai outorgou no fim da lucta.

Mas ah! eu chorava,
E agora no peito
Já mais satisfeito,
Já brando palpita
O meu coração!

Que voz tão suave,
Que diva harmonia,
Que doce alegria
Eleva minha alma
Á eterna mansão!

De um Anjo a voz ouço
Suave e canora,
Que a frauta sonora
Em labios de mestre
Não póde imitar.

— Mortal, assim falla,
Celebra a virtude
No teu alaúde;
A morte do justo
Não deves chorar.

Oitubro de 1841.



A MORTE

DO MEU AMIGO

FRANCISCO DE LIMA E SILVA FILHO,

MAJOR COMMANDANTE DO 3.^o BATALHÃO DE FUZILEIROS.

Ouçõ uns dobres de sinos, que parecem
Soltar agudos ais,
Roucos sons de trombetas, e tambores,
E marchas funeraes.

Mais algum bravo da imperial phalange
Veio a morte roubar,
E do livro da vida um nome illustre
Para sempre apagar.

Em cada rosto de tristeza impresso
Seu nome lendo-o estou.
Tremem os labios ao dizer — o Lima,
O Lima nos deixou!

E não ousam dizer — morreo! — Nem morre
Quem como elle viveo!
Deixou apenas a mansão de dores,
A terra pelo céo!

Mas nós choremos, que perdemos n'elle
Da Patria um defensor;
Um peito de guerreiro, um braço forte,
Uma alma sem pavor.

Choram por elle do Janeiro as margens
Filhos, a esposa, e o pai;
E bravos, e um heróe * por elle choram
Nas margens do Uruguay.

Por toda parte hão de choral-o amigos,
Que o amaram, que elle amou.
Que alma tão bôa, de futuro cheia,
A morte nos roubou.

Em Porto-alegre 1844

* Seu irmão o Marechal de Exército Marquez de Caxias.

A MORTE

DO MEU INTIMO AMIGO

O MAJOR

CARLOS MIGUEL DE LIMA E SILVA.

Nunca mais o verei entre os viventes,
Onde ainda fiquei para choral-o!

Para sempre o perdi! . . . Ainda meus olhos
O procuram no leito em que jazia,
Onde da vida á morte em curto espaço

Passou o ponto acerbo.

Onde um fogo voraz, como accendido

Por toxico terrivel,

De uma em uma as entranhas devorou-lhe,

E quantos orgãos tinha,

Sem intacta deixar a menor fibra
Do seu tão bello corpo,
Primor da natureza, que abrigava
Uma alma digna das romanas eras!

Assim eu vi co' a morte pleiteando
Aquella vida tão robusta outr'ora,
Tão affeita ás fadigas e aos combates,
Que vencer parecia os males todos!
Mas quem resiste á mão da fria morte?

Sua alma nesse afan como que absorta,
Ou como temerosa
Pela primeira vez do atroz conflicto,
Ao duello fatal não presidia.
E em seus arcanos revolvendo as eras,
As scenas do passado revocava,
E delirava assim vendo-as presentes.

Do corpo, para nós frio, gellado,
Só lhe ia a sensação de um fogo intenso,
Que a todos os momentos o abrasava!

Como, não sei; mas só calor sentia!
Era como o vesúvio, quando o hiverno
De neve o cobre, e lhe resfria os flancos,
Sem lhe extinguir o ardor da interna lava

Que lhe devora o seio.

E nove dias, nove longas noites,

N'um delirar continuo,

Alma e corpo lidaram sem repouso.

Emfim na lucta as forças se exgotaram,

E a morte desprendeo a alma sublime

De um livido cadaver,

Tão diverso a meus olhos, que o extranhara

Si lhe não visse a vasea derradeira!

Assim perdi o amigo, o meu bom Carlos.

Nunca mais o verei entre os viventes,

Onde ainda fiquei para choral-o!

Ah! tão moço, tão bello, tão garboso,

E tão em flor ceifado!

Quem não o chorará? . . Olhos, que o vistes

Em frente ás hostes, qual o Grego Achilles,

Gentil e forte, radiante e alçado
Sobre o ginete audaz, que se orgulhava
De sentir-lhe a pressão; sempre o primeiro
No campo honroso a assoberbar a morte,
 Em defesa da Pátria;
Sempre ao lado do irmão, do heróe querido,
 O impavido Caxias;
Sempre ledo, aos perigos sobranceiro,
E prompto a dar a mão aos infelizes;
Como quem tinha nas illustres veias
De guerreiros avós o herdado sangue;
Nunca mais o vereis, chorosos olhos!
Vós bravos, seus irmãos e companheiros,
 E tu, oh Pátria cara.
Que hoje perdeste um defensor, um bravo,
 Chorai, chorai por elle!

Nunca mais o verei entre os viventes,
Onde ainda fiquei para choral-o!

Tu, venerando ancião, prestante Lima,
Da Pátria amado, e pai tão desditoso

Que assim no resto da cançada vida,
Á Patria toda inteira consagrada,
 Vão-te murchando as glórias,
Como ao sopro do inverno as verdes galas
Aos pés do tronco vão caindo seccas;
Quem ousará cravar-te n'alma o espinho
Que estas vozes contem? — morreo teu Carlos!

Para te acompanhar no areal da vida,
Entre moutas de cardos e de espinhos,
 Só te restam dous filhos,
Que os outros para si o céo roubou-te-os!
Bem estão os que já desenganados
Deste mundo tão vão, sonho da vida,
 Na eternidade acordam!

Ai agora dos filhos que te restam!
Ai de ti! que não bastam honras, glórias,
Tropheos recentes pelo heróe colhidos,
Para a dor acalmar-te da saudade.
Ai de mim! que nem ais, nem pranto amargo
O oppresso coração me desafogam.

Descança, em paz descança, oh meu bom Carlos!
A ti eterna paz, — a nós saudades.

Nunca mais o verei entre os viventes;
Mas vel-o espero na mansão eterna.

Riopardo, 12 de Janeiro de 1846.



TRISTE CONSOLAÇÃO

A UMA BELLA MOÇA QUE POR MUITO TEMPO CHORAVA

A MORTE DE SEU PAI.

Não basta de chorar, gentil donzella,

A morte de teu pai?

Queres a mágoa conservar eterna?

E a cada instante um ai?

Teu rosto outr'ora purpurina rosa,

Agora jaz sem cor;

E tua voz, que doce amor cantava,

Só vibra agora a dor!

Dos olhos teus celestes, dos teus labios
Sorriso divinal

Fugio, qual a alma foge ao debil corpo,
Que perde a aura vital.

Grande é a perda, — irreparavel perda!
Outro pai não terás!

A voz de um pai, que a voz de Deos imita,
Não mais a escutarás!

E elle que era pai! . . que tinha o peito
Todo cheio de amor!

Elle . . . Mas ah! porque chorais, meus olhos,
Com tão acerba dor?

E que ainda me punge n'alma o espinho
Que a morte me cravou,

Quando co'as seccas mãos um pai querido
Dos braços me roubou!

Então na minha dor só desejava
Meu mal eternizar;

E no lucto, e no horror achava allivio,
E em gemer e chorar!

E aborrecia a quem para animar-me

Erguia meiga a voz;

E essa consolação me exacerbava

Como um veneno atroz.

Oh virgem pura, quanto agora sentes

Eu tamhem já senti;

E esse fel que te cala os seios d'alma,

Esse fel já bebi.

E como de um máo sonho a vaga sombra

De vez em quando vem

Perturbar do repouso esses momentos,

Poucos, que o homem tem.

Assim me assalta inopinada ás vezes

A lembrança cruel;

E lá do fundo peito, onde acolheo-se,

Me sóbe á bocca o fel.

Não serei eu, ah não! que ouse e pretenda

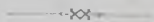
A mágoa attenuar,

Que te repassa o peito; . . ah não! . . Só quero

Chorar, vendo chorar.

Mas ouve: — o tempo, irmão da morte, acaba
Com tudo o que é mortal;
Doces contentamentos, bens e males:
Mas a alma é immortal!

De nossos páis as almas nos esperam
Lá no seio de Deos! . . .
Desça do céo um sopro da esperança,
E enxugue os olhos teus.



LEMBRANÇAS DOLOROSAS

AO MEU AMIGO M. DE A. PORTO-ALEGRE.

Roma. Dezembro de 1851.

Eis-me de novo em Roma! . . E como triste
Revejo estas ruínas venerandas,
Que outr'ora vi contigo! Os monumentos,
Os sumptuosos templos, e os palacios,
Que a palheta e o sinzel de tantos genios
Desta fecunda Italia enriqueceram
De primorosas obras; . . . tudo agora
Me recorda esses tempos deleitosos,
Em que junctos, tão cheios de esperanças,
Pela primeira vez saudámos Roma,
Co'a mocidade n'alma, — e ante os olhos
Um futuro que a dor não enluctava

No impróvido sonhar! . . . Como afanosos,
Sem mais cuidados que o desejo ardente
De ver do humano engenho as maravilhas,
Contemplavamos tudo, vagueando
De ruínas em ruínas! . . . Dextro lapis
Na tua mão traçava as bellas fôrmas
Desses quebrados marmores, que o tempo
Não gastára de todo, após as chammas
Do feroz vandalismo. . . . Que poesia
Não esmaltava então a nossos olhos
Essas sacras reliquias, testemunhas
De tantas gerações, de tantas glórias,
E de tantas miserias, que deixaram
Tão alto brado nos annaes do Mundo!

Ao transmontar do sol, sentados ambos
No fastigio do Flavio amphitheatro,
Ao Capitolio os olhos dilatando,
A evocada memoria relatava
Seus fastos immortaes. . . E a phantasia
Á vista dos destroços gigantescos
Das derrocadas moles, toda a pompa

Dessa extincta grandeza adivinhava!
Como que via do seu pó erguer-se
A senhora do Mundo; . . . reanimar-se
Esse immenso esqueleto; . . . illustres sombras
A vagar nos marmoreos perystilos,
E a voz das turbas a bramir no Foro,
Por entre os arcos triumphaes, e os renques
De vistosas columnas e de estatuas.

Tudo era vida então! . . . A poesia
Monumentos e homens restaurava,
Reanimando essa historia gloriosa,
E esse grande passado, que aprendemos
A admirar na infancia. . . .

Ab! nada disso

Agora me desperta o enthusiasmo!
Nada me falla mais! . . . Tudo está morto!
Mudas são para mim estas ruinas!
Enluctados os templos me parecem.
Jazigos que cadaveres esperam!
E tudo um cemiterio! — e eu uma sombra,
Que vólto a ver ô que já vi com vida!

E o que mudou-se aqui? — Nada! . . . Somente
Outro affecto me absorve! . . Assim varia
Da aurora á tarde da Natura a face,
E o sol morrendo de pallor a tinge.

Dor immensa, profunda de minha alma,
Que em pranto amargo sem cessar goteja,
Assim a mente e os olhos me anuvia,
E tudo envolve de funereo crepe!
A imagem d'alma se reflecte em tudo!
É qu'eu já vi morrer caros penhores
Do mais sagrado amor, . . . meu pai, . . . meus filhos!
Ah! dice tudo. . . Minha dor comprehendes.

Do derradeiro, angelico cadaver
Sinto ainda a frieza penetrar-me
O coração, e os braços que o apertaram
No laerimoso amplexo. . . A cada instante
Vivo se me afigura o tenro filho,
E a cada instante nos meus braços morre! . . .
Assim me tyranniza o amor paterno;

E assim o pranto e as ancias se renovam
Dessa morte cruel que inda estou vendo,
E tantas me recorda, . . . reavivando
Dores d'alma, que o tempo amortecera.

Que doloroso quadro! . . . A cara esposa,
E lastimosa mãe, chóra a meu lado. . .
Entre suspiros e ais um doce nome
Incessante nos labios lhe murmura,
E em tudo se lhe antolha o amado filho.
Ella o vê nos altares, nessas telas
Que os mais habeis pinceis de Anjos encheram.
Raphael e Morillos, inspirados
Por esse influxo da ideal belleza,
Pintando cherubins o retrataram,
Dando a todos alguns desses primores
Qu'elle em sí reunia! . . . Este lhe mostra
Do seu mimoso infante os vivos olhos,
Cheios de intelligencia e de ternura;
Aquelle a linda bocca sorridente,
Que seus labios mil vezes osculavam.

Neste vê o semblante, as rubras faces,
Que a frescura da rosa deslumbravam;
Naquelle a larga fronte, a loura coma
Toda erguida em anneis, que ella em seus dedos
Carinhosa enrolava. Aqui um gesto,
Alli o corpo, o movimento, a graça.
E a cada similhança que descobre,
Do coração um ai lhe sóbe aos labios,
E lagrimas aos olhos macerados,
Que se voltam aos meus, — e iguaes encontram.

Assim, deixando as dolorosas margens
Em que o vimos morrer, buscando allivio
Á consternada mãe, em Roma achamos
Triste conforto, que redobra o pranto.

À MEMÓRIA

DE MINHA MÃE.

Oh minha saqueta mãe! não mais meus lábios
Te beijarão a dextra! . . . Que impio fado
Me separou de ti! . . . E não me viste
Ao lado teu, na hora da agonia,
Para ajudar-te a repetir as preces
D'alma que sobe a Deos! — De ti tão longe,
Não me foi dado, desditoso filho,
De joelhos, chorando, ante teu leito,
A bênção receber, que me lançaste,
Por mim chamando no afflictivo transe.

Bem sabe o céu porque privou meus olhos
De ver-te agonisar! — Eu morreria.
Si te visse morrer! . . . Mãe adorada,
Que me nutriste no teu terno peito,

Com tanto amor, . . . que penas, que cuidados
Te não deo minha infancia tão molesta,
Que assidua, e carinhosa defendeste
Tantas vezes da morte! . . . Que tormentos,
Que lagrimas, que insomnias dolorosas
Te não custou a vida deste filho,
Que tanto amavas, — que te amava tanto,
E por ti hoje chora em terra estranha,
Onde jazem meus filhos innocentes,
Que a dura morte me arrancou dos braços. . .

Quanto tenho soffrido, oh mãe querida!
E não mais te verei! . . . Sim, hei de ver-te!
Tu me ensinaste a crer, — e eu ouço n'alma
Entre o gemer da dor e da saudade,
A doce voz da fé, igual á tua,
Vida melhor, eterna prometter-me
Lá no seio de Deos, de ti ao lado.
Eu creio nessa voz em que tu crias,
E espero ver-te ainda! — Mas, que dores
Reservadas me estão neste desterro,
Antes que a voz do céo a ti me chame.

OS MYSTERIOS.

À MEMORIA

DE MEUS FILHOS.

AOS PAIS

QUE PERDERAM OS FILHOS.

Tristes pais, tristes mães, a quem a morte
Os dias enluctou, impia roubando
Os caros filhos, que chorais ainda!
Em vós me vejo, e como vós carpindo,
Aos vossos corações meus ais, meu pranto,
Com estes carmes funebres envio.
Commigo meditai nesses mysterios
Da existencia fugaz, farta de dores,
Balda de bens, — si a fé não vem doural-a.
Ah possa a fé seccar o pranto vosso,
E mostrar-vos no céo os caros filhos.

MYSTERIO I.

A MORTE.

Pobre pai! pobre mãe! . . . Junctos choremos.

Nossa sorte é cruel! . . .

O céo assim o quiz! . . . Junctos traguemos

Mais este acerbo fel.

E não bastava ao céo ter-me roubado

Esse filhiho meu.

Primeiro fructo de um amor sagrado,

Que elle mesmo accendêo!

E não bastava ao coração paterno
Essa terrível dor,
E ao peito maternal o espinho eterno,
Co' a perda desse amor!

Ainda mais, oh céo, o outro filhinho,
O meu segundo, e só, . .
Só para tanto amor! — o meu anjinho,
Tomar-m'o tu sem dó!

E tendo com tal golpe lacerado
Os corações dos pais,
De novo o céo mostrou-se apiedado
Aos nossos tristes ais.

As extinctas imagens imitando,
N'um ente as reunio;
E essa cópia dos dous, a nós mandando,
Suave nos sorrio.

Era um primor de angelica belleza
Esse corpo infantil;

Nunca se vira em toda a Natureza
Menino mais gentil.

Quantos olhos o viam, namorados
Ficavam de prazer;
E dos seus lindos gestos encantados
Mais o queriam ver.

Com elle renascêo o amor da vida
Em nossos corações;
Com elle resurgio a paz perdida,
Com novas illusões.

Quantos sonhos em torno do seu leito,
Quantas graças a Deos!
Nunca extremoso pai mais satisfeito
Beijou os filhos seus.

Parecia que o céo se comprazia
Em nos ver exultar,
E nesse rosto angelico se abria,
Por mais nos fascinar.

Parecia querer com tal ventura
A memoria extinguir
Desses dias tão cheios de amargura,
Passados a carpir.

O céo nos illudio! . . . Novos tormentos
Foi tudo o que nos dêo!
Essa vida esgotou-se em soffrimentos. . .
Até que emfim. . . morrêo!

Oh desesperação! . . . Quando eu cuidava
Que o mal ãa acabar;
Que da morte meu filho triumphava; . . .
Eu o vi . . . expirar!

MYSTERIO II.

LAMENTAÇÕES.

Quantas vezes, após o horror das trevas,
No monótono gyro o sol passando,
Deixou de novo em lucto a terra envolta!
E ainda eu choro! . . e minha dor renasce
Co'a luz da aurora, e o negrejar da noite!

Ai! negas todas minhas horas côm
N'um quadrante fatal, que uma só marca!
E um leito, um corpo, um tumulo só vejo!
Um corpo! . . . o filho meu! . . . o meu filhinho,
De graças naturaes caro thesouro,

Qu'eu zeloso em meus braços suspendia! . . .
Esperanças, porvir, dourados sonhos,
Afagos infantis, amor de um Anjo,
A doce vida, qu'eu vivia n'elle,
Tudo me dice adeos n'um só sorriso,
Nesse sorriso ironico da morte,
Que impresso lhe ficou nos frios labios,
Onde suave outr'ora se expandia
Sua alma em ternos sons, que enfeitçavam! . . .
Vazio o leito jaz, fechada a campa;
Mas esse corpo se me antolha sempre,
Como mimosa, alabastrina imagem,
Que a vida que fugio-lhe está pedindo
Com mestos olhos para o céo voltados.

Ah! meus férvidos beijos, meus amplexos,
Minha ávida vontade, meus transportes,
Meu anhelito ardente não poderam
Deste peito arquejante o vital sopro
Passar-te, oh filho, e revocar-te essa alma,
Em que minha alma prelibava um mundo

De mil venturas nos meus velhos dias,
Que hoje tão tristes me annuncia o fado.

E assim o Auctor da vida, alheio aos males
Dos filhos, a soffrer no mundo expostos,
Tantos cuidados paternaes premeia! . .
Ai! tudo é vão! . . Assim compensa as dores,
Dores crueis das maternaes entranhas! . .
Afans, vigílias, susto, extremos, ancias,
Tanto excesso de amor, — tudo perdido!
Tudo illudido n'um fatal momento,
Incerto, inesperado! . . . Oh vida! Oh morte!
Oh mysterios do ser, flagellos do homem,
Entregue a tanto engano, ao desamparo
Neste enredo de espectros transitorios,
Chorando, transviado ao pallor vago
De fátua luz, que lhe agiganta as sombras,
E mais lhe avulta o horror da escuridade.

Oh forçosa irrisão! . . . Sonho funesto! . . .
Ironia cruel! . . De quem? . . Quem me ouve

Agora blasphemar, — si é que blasphemo?
Que olho eterno me vê? . . . Que ouvido occulto
Se dóe das queixas do infeliz proscripto,
Que os céos invoca em vão, em vão se afana
Por lei fatal em lástimas inuteis;
Como em rôto baixel, que se submerge,
Exhausto passageiro nada espera?

De que me serve agora no infortunio
A voz interior, que alto bradava
Em dias esmaltados de ventura;
Como canoro passaro, que á aurora
Ledo gorgêa, e mudo jaz nas trevas?
Ah! falla-me, oh Razão! . . . É no naufragio
Que animadora voz, por entre as vagas,
Em seguro batel, do porto amigo,
Vem trazer a esperança ao peito anciado
Da victima infeliz da tempestade.
Resôe a tua voz consoladora
Ao travez deste funebre susurro
Dos gemidos, dos ais da natureza.

Porque tão longo pranto? . . . Aos olhos demos,
Já mortos de chorar, breve repouso;
E ao coração, ai misero, que geme
Na dor profunda em que se abysma anciado,
Demos tambem o acerbo lenitivo
Do afflicto discorrer; . . fallaz consolo
Que perpetua a dor, n'alma embebendo-a
Co'a triste idéa, que a penetra e punge! . .
Assim te quero, amargo refrigerio!
Eterna seja a dor, porém eterno
No pensamento meu dure meu filho,
Em quem mais dous eu cria ver revivos;
Como si uma só alma tenra e pura,
Por dous corpos passando successivos,
No terceiro a meus olhos renascesse!

Grata illusão do paternal affecto!
Fugiste-me tambem! — E a realidade,
Eil-a — tres corpos que consome a terra!
E tres golpes mortaes nos seios d'alma?

.

Eis a herança, eis os bens que o céo piedoso
Jamais aos homens nega, — a dor, e a morte!

Oh lagrimas, correi! . . . Impio é tal fado!
Martyrio é o viver! . . . Mas si ao Eterno
Da dor os gritos, e o alarido aprazem,
Soffra, murmure a natureza escrava;
Evapore-se a vida em sons queixosos;
Tétricas nenias, oh minha alma, exhala,
Que vão chorar, gemer em seus ouvidos,
E fartal-os co'a horrida harmonia
Dos lamentos, dos ais da criatura.

E piedoso é o céo, porque termina
Co'a morte a dor da vida! transmittindo
A sempiterna dor de pais a filhos,
De uma idade á outra idade; e transplantando-a
De quem morre aos que ficam a choral-o?
E quando em torno ao nosso inerte espolio
Saudosos corações nos prantearem,
Invejando essa paz que ostenta a morte,

Quem sabe, oh céo, que dolorosa herança
Tua immensa piedade nos reserva,
Além dessa mudez mysteriosa,
Que envenena a esperança, e a fé regela?
Quem sabe si esta dor, que o homem segue
Do berço á sepultura, além o aguarda?

Quero aprazer-te, oh céo! Gratas te sejam
Minhas lamentações. . . Ao homem déste
A vida para a morte; o sentimento
Para continua dor; a liberdade
Para tornal-o réo; e a intelligencia,
Luz vacillante em trevas envolvida,
Para em vão esgotar-se em vãos chimeras,
Sem jamais penetrar os teus arcanos
Do ser, e do não ser; da origem sua,
E do destino seu! . . Oh céo, exulta! . .
Intactos permanecem teus mysterios,
Que a mais alta sciencia não penetra!
A tua criatura nasce, e chora,

Soffre, delira, vocifera, e morre!
Escravos somos teus para exaltar-te
Co'a nossa humilhação! . . Teus dons gratuitos,
Esses pesados bens que nos flagellam,
O nada, si podesse, os recusára.

Quem t'os pedio, oh Deos? Onde é que achaste
A vida, a intelligencia, a dor, e a morte
Para constituir o ser humano? . .
Como, enchendo o Universo de prodigios,
Mil mundos pelo espaço semeando,
Em teu alto saber criar podeste
Ohomem para a dor, para a desgraça,
Para victima ser, ou ser tyranno,
Ludibrio sempre de paixões que o illudem,
Do mundo exterior, de sí, de tudo?!
.
Talvez da criação no luxo immenso,
Para do teu poder sellar a força,
Elementos oppostos reunindo,
Quizeste produzir um ente absurdo?

E o conseguiste, oh Deos! — Eil-o que ousado
Do pó levanta a voz, e te interroga!

Poder Eterno e Soberano! acaso
Nada deves ao homem, que formaste
Para invocar teu nome, e achar-te surdo
Nas suas afflicções? — Para adorar-te
Sempre occulto, e a mercê de herdadas crenças?
Para amar-te, e soffrer? — E agradecer-te
Os golpes com que o feres, sem carpir-se?

Por lei mysteriosa uma alma e um corpo
Em discorde consorcio vinculando,
Formaste o ente infeliz, que homem se chama,
Á propria intelligencia estranho enigma,
E a trabalhos sem fim o condemnaste,
Em lucta assidua, interna. . . A dura terra
Sem o humano suor nega-lhe os fructos,
Que alluviões de insectos lhe disputam,
Ou prematuros a saraiva os rouba.

Aqui, vibrando o sol ardentes raios,
O abrasa, o prostra, e lhe resica, e torra
Os campos qu'elle arou, ermos deixando-os! . . .
Alli, aguas do céo, aguas da terra,
Das nuvens e dos montes despejadas,
Em torrentes contra elle se conspiram,
Arrasando-lhe os lares, e as seáras! . . .
Como um sopro do inferno surge a peste
Dos exicios da infecta natureza,
E corrompendo os ares que devassa,
Vai matando a milhares pais, e filhos
De cidade em cidade; á toda parte
O lucto, o pranto, a dor atroz levando! . . .
Zunindo em turbilhões irados ventos
No mar, na terra rábidos o assaltam!
Debaixo de seus pés a terra treme;
O trovão o amedronta; o raio o fere,
E os elementos todos congregados
Por mil fórmias a morte lhe propinam!

Oh misero mortal! que parte inerte
Tens em teu debil corpo, que não sintas

O acicate de um mal? . . Que fibra occulta
Tens em teu coração, que a dor não vibre?
Que pensamento n'alma puro afagas,
Que penas te não custe? Que desejos,
Que instinctos, que paixões as mais suaves
Que mágoas te não dêem? E que virtude
De tão grandes tormentos te liberta?
E desse teu viver martyrisado
Qual o premio a final? — Sómente a morte!

Para o seu Criador o ser que pensa,
O homem, que a Deos seu pensamento eleva,
Que em seu curso veloz os astros pésa,
Não vale mais que a secca, inutil folha
Que do tronco caïo, do outono ao sopro;
Nem mais que o verme que rasteja a vida,
E o pó que em turbilhão os ares rolam!

Para quem te conhece o que és, oh terra?
De crimes infernaes arena infame,

Campo sangrento de crueis batalhas,
Onde milhões de autómatos escravos,
Á voz de um louco, e á espada obedientes,
Contra iguaes, vivas machinas lançados,
Em medonho holocausto matam, morrem,
Instrumentos brutaes de alhêas iras.

O que és, oh terra? — Um charco tenebroso,
Onde da podridão mil larvas surgem,
E após confusas, renovadas scenas
De odio, de amor, de insania, e vis instinctos,
Em vortice perenne ao lodo voltam,
Deixando apenas por legado aos evos
Desse drama irrisorio o obscuro euredo,
Que espectros novos sem cessar repetem.

O que és, oh terra? — Um vasto cemiterio,
Furna de vicios, carcere das almas,
Reino caduco de illusorios seres,
Delubro infecto consagrado á morte.

Alma innocente qu' eu amei, qu' eu amo,
Chorando a tua perda; oh caro filho!
A que vieste á terra, que deixaste
Antes de conhecel-a? — O que aprendeste?
Que missão era a tua? — Que virtudes
Vieste exercitar, para que o premio
Eterno merecesses? — Sem destino,
Sem que o soubesse Deos nasceste acaso,
Como em vergel, que o dono deleixára,
Brota espontanea a espuria, inutil herva? . .
Ou imprevista salteou-te a morte,
Antes do tempo, como a flor mimosa
Ainda em botão, mordida pelo verme,
Máo-grado o jardineiro, murcha e morre?

Depende então do acaso a vida, e a morte,
E ao seu acontecer é Deos estranho?
Ou phases são do ser que se transforma
Em momento previsto, imprescriptivel,
Por sabia lei de uma Razão eterna? . .
Então porque ao teu surgir ao mundo,

A voz primeira pela dor soltando,
Como quem de algum mal presente o annuncio,
Espontaneo prazer a alma inundou-me,
Como si a mim, e a ti, dilecto filho,
Nos concedesse o céo ventura eximia? . .
Porque, deixando agora a terrea crosta,
Sem que da vida te manchasse o lodo,
Como mimosa perola extrahida
De rude concha vai brilhar n'um throno;
Porque, máo-grado a Fé, que eterna vida
No descanso dos Anjos te promette,
Devo eu chorar, carpir, como si a morte
Grande bem para sempre te roubasse? . .
Que bem? — Esse soffrer que vida chamam
Na dos homens linguagem mentirosa,
Com que se douram de pomposos nomes
Tantas miserias, e nefandos crimes!

Ah! como esse prazer que então sentira,
Esta afflicção agora, esta amargura,
Novo meio de engano, algum mysterio

Nos encobre talvez! . . . A Natureza
É toda uma illusão mysteriosa,
Uma falsa harmonia dos sentidos
Anteposta á Razão, afim que o homem
Raiar não veja da verdade a aurora
Sem merecel-a em doloroso carcer.

O que é da vida o instincto? — Um laço occulto
Com que a enganadora Natureza
Obriga o escravo a supportar seus ferros,
A curvar-se, a gemer sem libertar-se
Da desgraça e da dor, antes dessa hora,
Final hora, fatal como a primeira,
Ambas prescriptas por sentença eterna.

O que é o amor? — Um aprazivel dólo,
Um sorriso embusteiro, um artificio
Com que a lei da existencia transitoria
Faz que nós mesmos, victimas ignaras,
Em torno a nós a dor perpetuemos,

De pais a filhos transmittindo o germen
Deste terreno, tormentoso exilio.

E a esperança, o que és tu? — Continuo engano;
Sonho fagueiro do infeliz que dorme;
Nuvem dourada, que a desgraça encobre
Á mente espavorida; tredas flores
Na fauce de um abysmo; falso lume
Que attrai o nauta errante ao escolho occulto.

Poder, gloria, prazeres? . . ah falsarios
Conselheiros são elles! . . Instrumentos
De vicios e de crimes, com que a morte,
Variando escondida a fórma e os meios,
Ceifa mais prompta faz na insana raça,
Que assim corre a seu damno, e cega exulta,
E escrava incensa esse poder que a esmaga,
Canta essa gloria que o seu sangue rega,
E afaga esses prazeres que a envenenam.

Ah quanto engano, Oh Deos! — E tu te occultas,
Para mais completar miserias tantas,

Deixando a terra entregue a estranhos mythos!
E vãos phantasmas de cruentos deoses,
Infame raça de Saturno, e Siva,¹
Em feras seitas dividindo os homens,
Só pedem sangue, e horrendos holocaustos!
E quando um Deos de paz amor nos dicta,
Guerra, e fogo, nos bradam Torquemadas!²
Assim para os mortaes mesmo a verdade,
Mesmo o mais sancto amor que nos sublima,
É da morte instrumento, e do martyrio!

Deos! Oh Deos! vem a mim! Teu nome invoco,
Como uma luz no tenebroso enredo,
Que me envolve a razão. — Falla, esclarece
De uma vez este symbolo tremendo.

Natureza! phantastico reflexo
Da Eterna Idéa aos humanaes sentidos! .
Seductora illusão, imagem vaga,

Que me occultas o ser, qual uma nuvem
O brilho do teu sol esconde ás vezes!
Espectro enganador, . . . some-te, vai-te
Com tudo quanto é teu: sol, lua, estrellas,
Céos, mares, e terra, aves, e flores;
Vai-te dos olhos meus, que se fecharam
As tuas sombras vans. — Só Deos procuro,
Procuro o Eterno Ser, por quem só vivo,
Por quem de espanto a mente extasiada
De balde interrogou-te dia, e noite;
E tu m' o occultas como um véo sombrio
Estendido ante á sua majestade! . .
Fontes de tanto engano, oh meus sentidos,
Da finita apparencia criadores,
Deixai-me penetrar a realidade,
Que o testemunho vosso encobre, e nega.

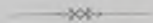
Por vós as flores pelo ar beijadas
Effluvios odoriferos exhalam;
Por vós sôam no tempo aéreas ondas
De gratas vibrações, que a alma harmonisa;

Por vós em turbilhões no espaço rolam
Essas cores, que a luz, effeito d'alma,
Parece reflectir; . . mas luz e cores,
Ar e sons, cheiro e flores, tudo é sonho,
Signal apenas que uma Força existe,
De infinito poder, que tudo cria.

Mas eu sonho não sou; . . . não o é quem sonha,
Quem te interroga, e tuas leis recebe
Co'a divina razão, que te revela.

Causa Eterna, oh meu Deos! eu te descubro
Dentro, e fóra de mim. — Mas não comprehendo
A vida transitoria, a dor, a morte,
A que máo-grado meu tu me condemnas! . .
Si a vida é punição, si é d'alma o exilio
Temporario n'um mundo de apparencias,
Um delirio, ou visão expiatoria;
Si é do ser livre a necessaria arena,
Da virtude ao triumpho consagrada;
A morte então será do mal o termo?
Da lucta assidua a triumphal corôa?

D'alma a revocação á eterna vida? . .
Deos! si assim é, assaz luctado tenho;
Cangado estou; . . . revoca-me, lá onde
Meu pai me espera, minha mãe, meus filhos.



MYSTERIO III.

RECORDAÇÕES DOLOROSAS.

Tu choras, triste mãe inconsolavel?

Choras o filho teu?

Ah! pobre mãe! esposa inseparavel,

Une teu pranto ao meu.

Esta morte tres mortes te apresenta,

Que viste como eu vi.

Mas ella para mim é mais cruenta;

Quantas vi eu sem ti!

Esta morte mil dores reavivando
Me quebra o coração;
Meus páis, irmãos, e amigos expirando
Agora aqui estão.

No seu leito de morte agonisante
Ouçõ meu pai gemer;
E das scenas do seu fatal instante
Não me posso esquecer.

Já declinava a noite; e despontava
Da aurora um triste albor;
E meu pai como em extasi abraçava
A cruz do Redemptor.

Nestes braços o vi. . . Estremecendo,
Olhos ao céo volvêo:
Filhos! . . . Esposa! . . . Adeos! . . . E isto dizendo,
Meu terno pai — morrêo.

E a lagrima do adeos no passamento
Dos olhos lhe rolou;
E sua alma ao sair co'o extremo alento
Como que vendo-a estou!

E qual ficou seu corpo frío e mudo,
Mudo e frio fiquei!
Como que um vêo de trevas cobrio tudo
De nada mais eu sei.

Olhos fitos, a bocca semiaberta,
De pedra o coração!
E minha alma ficou como deserta,
Sem corpo, e sem paixão.

Deixaria no instante malfadado
A habitação de pó?
Não sei; mas despertando, achei-me ao lado
De um cadaver, eu só.

Então ouvi um echo agonisante,
Um funebre ulular! . . .
Eras tu, minha mãe! . . . e nesse instante
Comecei a chorar.

E tudo um sonho máo me parecia,
Um deserto sem fim,
Uma illusão sinistra, uma ironia,
Um pesadelo ruím.

Depois a ti liguei-me; e a mãe saudosa,
A patria, e irmãos deixei;
E vim contigo errar, oh cara esposa,
Por onde outr'ora errei.

E a voz da morte, atravessando os mares,
Me veio a dor trazer,
Dos bens perdidos nos saudosos lares,
Que me viram nascer.

Lá, meus caros irmãos, e a mãe querida
Me não esperam mais!
No céo oram por mim, que nesta vida
Envio a Deos meus ais.

Ah possa eu ir chorar sobre essa terra
Que cobre os corpos seus.
Minha mãe, meus irmãos, ella os encerra,
E espera os ossos meus.

Suas sombras aos olhos meus chorosos
Presentes ora estão;
E dias me recordam mais ditosos,
Que não mais voltarão.

Dessas horas mais calmas a lembrança

 Não attenúa a dor.

Com a luz que fugio vai-se a esperança,

 Das trevas neste horror.

Agora, triste esposa, só contigo,

 E esta filhinha só,

Com terror entre nós vejo um jazigo,

 Vejo da morte o pó.

Nesse cruento pó, ah! quem primeiro

 De nós se irá deitar? . .

Mais infeliz será o derradeiro,

 Que mais tem que chorar.

Ah chora, infeliz mãe! chora; e teu pranto

 Deixa solto correr.

O amado filho nós amava tanto. . .

 Choremos té morrer.

Choremos té morrer; . . que cada instante

 Póde ser o fatal.

A folha que lá vai ao vento errante

 É da morte um signal.

Morte nos diz a noite, . . . morte a aurora, . . .

Morte o relógio diz; . . .

E o bronze sepulchral, que um morto chora,

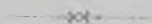
A morte nos prediz.

Quando virá? Não sei; mas n'um momento

Inopinada vem.

Do pendulo da vida o movimento

Co'um sopro se retém!



MYSTERIO IV.

O LETHARGO.

Momentaneo deliquio dos sentidos,
Somno talvez, após longas vigílias,
Deixou minha alma repousar. . . Que digo?
Deixou-a apenas variar de imagens,
Em novos pensamentos envolver-se,
Sem dar descanso á mente, toda absorta
No acerbo discorrer; qual branda aragem,
Em céu turbado, ao transmontar da tarde,
As luctuosas nuvens revolvendo,
Novas fôrmas lhes dá, sem dissipal-as;

Ou como o véo da noite, que encobrendo
Esse matiz, que o sol á terra empresta,
Deixa no céo brilhar mais almos cirios,
Mais bellos mundos encantar os olhos.

Foi um lethargo, — não do ser que pensa,
Mas do externo sentir. — Sombra da morte,
Que invade o seu dominio, e d'alma o alhêa,
Como para ensaial-a pouco a pouco
A estremar-se da terra, e revelar-lhe
Da posthuma existencia o abstruso arcano.
Assim ao preso, na masmorra escura,
Por entre as sombras de enredados ferros,
Deixa ás vezes piedoso carcereiro
Frouxo raio de luz entrar furtivo;
Prematuro penhor de liberdade,
Que preliba em silencio o encarcerado.

Para um longo soffrer o céo formou-nos,
Pois que o somno nos dêo; — esquecimento
Do mal passado, que restaura as forças

Para fadigas e tormentos novos.

Assim esses da terra impios tyrannos

Parco sustento ás victimas concedem,

Para co'a vida as dores prolongar-lhes. . .

Mas si o somno nos é da morte imagem,

O sonho o que será? — Um previo annuncio

Do futuro viver além da campa.

Céos! que vi eu? — Quem dera que o meu sonho,

Essa interna visão, qu'eu não pensara,

E espontanea mostrou-se aos olhos d'alma,

Fosse como uma imagem reflectida

Da suspirada, eterna realidade;

Um divino conselho, uma promessa

Ao ente que a recebe, e que não sabe

Como vê, como crê, porque duvida.

E porque duvidar? . . Pois mais verazes


São os olhos do corpo, que essa força

Mysteriosa que cá dentro enxerga,

Sem luz material, essas imagens

Tão vivas como as que reaes chamamos?!
E porque duvidar? — Poder tão grande
Que dos sentidos no torpor se ostenta
Um vão poder não é! — O céo dest'arte
Outra vida mais bella nos revela.

Ah! não se apaguem na fugaz memoria
Essas revelações, talvez celestes.



MYSTERIO V.

A VISÃO.

Sobre um penedo asperrimo sentado,
Em alta região eu só me via,
Como por um tufão alli alçado.

Argentea luz no espaço alvorecia,
Não emanada de terrena esfera,
Mas de um immenso sol, que tudo enchia.

Ao longe, em negro mar, estranha fera,
Da terra imagem, horrída bramava,
E a bocca era de fogo uma cratera.

Sorvia o monstro as ondas, e as lançava
Em figuras diversas transformadas,
Pela chamma interior que as rescaldava.

Essas figuras todas mal forjadas
Iam depois nas aguas diluir-se,
Seguidas sem cessar de outras manadas.

E desde o seu nascer ao submergir-se,
Todas em uma voz iam bradando:
Engano! dor! e morte! — Até sumir-se.

Então no tempo um echo rebramando
Ouvi eu que dizia: — Cesse tudo
Quanto o espaço formou de Deos ao mando.

E tudo a essa voz immovel, mudo,
Alli se aniquilou. . . A interna flamma
Da fera a devorou, e o mar sauhudo.

E dessa combustão a escura chamma
Extinguiu-se tambem; . . e aquelle espaço
Foi-se com todo o seu horrivel drama.

Do meu corpo eu não via o menor traço:
Mas eu estava allí; tudo eu sabia,
E attingia sem dor, sem embaraço.

Ao compasso de angelica harmonia
Vi mil mundos surgir, e collocar-se
Em torno ao sol, que em todos transluzia.

E após de mundos mil, e mil gerar-se
Na amplidão luminosa, transparente,
Sem jamais essa luz assombrar-se,

Apparecêo em todos de repente,
Qual rapido relampago que passa,
De almas puras immensa, infinda enchente!

Era a resurreição da humana raça,
Na sua essencia divinal, ethérea,
Triumphante da morte, e da desgraça.

Livres as almas da visão aérea,
De sentidos mortaes mera apparencia,
O nada conheciam da materia.

E na mente de Deos, na eterna essencia,
Que é do tempo e do espaço a Realidade,
Ser teem ellas, e propria consciencia.

Eu concebia então essa verdade,
Que agora me parece transcendente,
Depois que me acordei na falsidade.

Como sem corpo estão na humana mente
As idéas, que vivem na memoria,
Assim tudo alli stava a Deos presente.

Oh bemaventurança, e immortal gloria
Dessas almas que estão sempre cantando
Da eterna criação a eterna historia!

O meu olhar por ellas dilatando,
Sem poder computar e innumeravel,
Como que as via todas ir passando.

E nesse puro espaço immensuravel,
Um grupo vi; e de prazer immenso
Fiquei só vendo o grupo veneravel.

Oh meu pai! minha mãe! . . De amor suspenso
Quiz segui-os. . . Mas ah! um brando gesto
Fez-me lembrar que á morte inda pertengo.

Tremi de horror a tão fatal aresto!
Cendoídos meus páis me abençoaram,
E alli fiquei sózinho, immovel, mesto.

Tão grandes afflicções me assoberbaram,
Que já n'um corpo me sentia preso,
E lagrimas de sangue me regaram.

Oh mundo que conheço, e que desprezo,
Bradei, que inda tu devas illudir-me,
Quando, longe de ti, me cria illeso!

E é força a ti voltar para carpir-me,
Para que ainda possas profligar-me,
Até que venha a morte redemir-me!

E deste geito estando a lastimar-me,
Como do asylo um prófugo expellido,
Que aos ferros volta, ouvi alguém chamar-me

Não era um som estranho ao meu ouvido
Era um trio de accentos argentinos,
De vozes infantis um côro unido.

Eu absorto attendendo aos sons divinos,
No céo, em nuvem rosea, vi parados
Tres mimosos, angelicos meninos.

Meus filhos! Oh meus filhos tão amados!
De um puro e sancto amor ternos penhores,
Tão caros á minha alma, e tão chorados!

Compadecêo-se o céo das minhas dores!
Vinde de novo, oh filhos, a meus braços,
Vinde ao meu coração, oh meus amores!

Por vós esperam maternaes abraços.
Vinde, que á triste mãe quero levar-vos,
E comvosco apertar da vida os laços.

Vinde; e si amais o céo, eu posso dar-vos
Na terra um céo de amor. . . . Vinde, que a vida,
Com esse immenso amor, ha de agradar-vos.

E quando assim minha alma enternecida,
Em caricias e preces se exhalava,
A sonhada esperança era perdida.

O meu primeiro filho me deixava;
la o segundo após; e eu ancioso,
Para o terceiro convulsivo olhava.

Elle calmo, solemne e mavioso,
Assim fallou-me como um ser divino:
„Não chores mais por nós, pai extremoso.

„Grato recebe o piedoso ensino
Do que só vês co'a tua intelligencia;
E vai cumprir na terra o teu destino.

„Tanto a virtude apraz como a innocencia
Ao Eterno, cujo amor á criatura
Só é igual á sua omnipotencia.

„De uma virtude só a formosura
Mais satisfaz a Deos do que a belleza
Da submissa, siderea constructura.

„O Criador se exalta na firmeza
D'alma livre que o ama, e, contrastada,
Resiste á dor, e á infensa natureza.

„Mas eterna é a gloria reservada
Ao forte luctador, que magnifica
A potencia que foi-lhe confiada.

„Pela lucta com o mal se purifica
A livre criatura, a Deos tão cara,
E a presença do mal se justifica.

„Lucta, espera; que Deos não desampara
Os caros filhos seus. Ah soffre ainda;
Que o mysterio da vida a morte o aclara.“

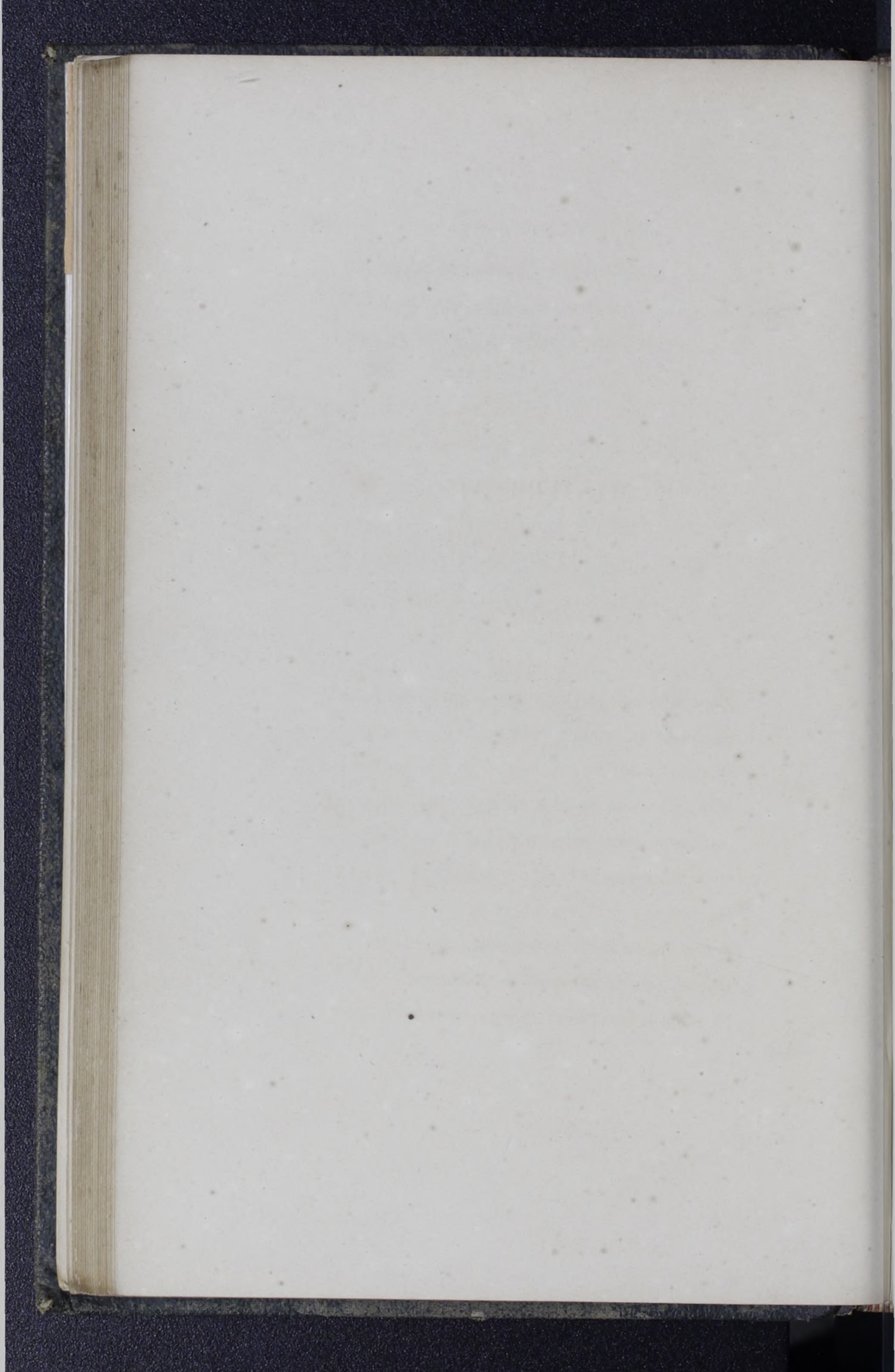
Assim aquella voz do céo só vinda,
Nos labios de meu filho resoando,
A alma me enchia de alegria infinda.

N'um extasi de amor me fui alçando,
E meu filho abracei. Elle em meus braços
Deixou cair seu corpo, desmaiando.

A alma esquivou-se aos meus ternos abraços,
Como para ensinar-me a respeitá-la,
E não cingil-a com terrenos laços.

E eu súbito fiquei frio, sem falla,
E alli morto caí. — Mas essa morte
Foi o meu despertar para esperá-la,
Até que ao céo minha alma se transporte.





MYSTERIO VI.

A CONSCIENCIA.

Meu filho eu vi! Que importa em sonho fosse!
Sonhasse eu sempre assim! . . Vi-o, é certo,
Quando da luz na ausencia, o mundo em trevas,
Meus olhos em pesados véos envoltos,
Nenhuma image exterior podia
Da visão penetrar o escuro adito! . .
Eu ouvi sua voz; reconheci-a,
E a memoria fiel o testemunha,
Quando, surdo ao rumor da Natureza,
Nenhum echo vibrava os meus ouvidos! . .

Eu seu corpo abracei; da morte o frio
Gelou-me o coração; caí com elle,
Quando meus braços languidos jaziam,
E o corpo immoto, entregue ás leis da vida,
Á interna agitação não se prestava,
Em tudo estranho a mim, como a sí mesmo!

Assim, phantasma vão, corpo indolente,
Posso pensar sem ti, querer, mover-me,
Aos céos alar-me, discorrer co'os mortos,
Sentir e perceber, sondar mysterios,
Quando, do meu poder sombra importuna,
No teu nada te esváes, e só me deixas
Livre alargar do meu saber o imperio;
Como das cinzas separado o fogo
Livre flammeja, e sua luz derrama!
Corpo mortal, estúpida materia,
Ah! de ti não depende a essencia minha.

Como o rio que corre, e se renova,
Só pelo alvêo o mesmo parecendo,

Tal do corpo desliza-se a materia
Ao travez desta fórma, á que se amolda,
Imagem que lhe impõe da vida a força.
De instante a instante se renova o corpo;
Quantos já eu gastei! — E eu permaneço,
E identico perduro, e penso, e quero!
Eu o rio não sou, o alvêo, a fórma;
Sou o dono, o Senhor, que a posse herdára.

Cego, instrumento vil, rebelde á vida!
Posso existir sem ti, deixar-te posso,
E além da campa erguer-me á Eternidade!

O que é sonhar? — É ver; é ter certeza
Que posso ver sem corporaes sentidos,
Deixar de ver o que real parece,
E ver como real o que é possível.

Quando a interna visão, do corpo estreme,
Esta certeza salutar confirma,
Qu'eu não sou da materia occulto moto,

Muito o sonho me diz! — Que outra certeza
Mais veraz competir pôde com esta?

Oh sonho meu, revelação divina!
Oh alma pura de meu caro filho!
Não me illudiste, ah não! — No céo me esperas.



MYSTERIO VII.

A DUVIDA.

Duvida atroz, cruel, que ante mim surges
Como um phantasma da verdade ao lado!
Que luz procuras tu, que te aniquile,
Como esse insecto que acommette a chamma?
Ah! quanto mais intenso o sol fulgura
Á face nossa, deslumbrando os olhos,
Mais negra após nos acompanha a sombra!

Tormento d'alma, condemnada ao erro!
Temor continuo de imprevisto engano!
Da sciencia implacavel companheira,

Oh duvida, que á fé o encanto roubas,
E me vens perturbar a doce crença
Que a celeste visão deixou-me n'alma! . .
Com que luz infallivel pôde o homem
O teu espectro fulminar de todo?
Que verdades me dão estes sentidos,
Que nem dos actos seus as leis conhecem?
Mas a razão? — Ah sim; ella descobre
Ao travez da apparencia a realidade,
E da crença os phantasmas assoberba!
Ella ao passado sua luz devolve,
Esclarece o presente, e o véo penetra,
Que aos olhos nossos o futuro encobre.

Sciencia humana e audaz, tu que a verdade
Livre procuras, vem, dize o que sabes,
Tira-me do erro, a duvida dissipa.

A PHILOSOPHIA.

Ah! tu sonhaste! E como crer n'um sonho?
Nesse enredo phantastico de idéas,
Resurgidas do abysmo da memoria,

Como larvas da morte revocadas,
Que se ordenam por sí, e se encadeam
Ante um ser impassivel, condemnado
A ver em seu repouso, envolto em trevas,
Esses fátuos signaes passar incongruos?
Como os olhos, que intenso sol ferira,
Mesmo fechados vêm vagar no espaço
Multicores imagens luminosas,
De extinctas impressões sentidos restos!

EU.

Como! . . Pois espontaneas as idéas
Se encadeam por sí? . . Que estranha especie
De entes vivos são ellas, que em mim vivem.
E sensiveis aspectos assumindo,
A uma falsa visão a mente obrigam,
Sem que as repilla d'alma a livre força,
E alli mesmo a razão as contradiga? . .
Si, no meio de escura galeria,
Visse alguém de repente illuminar-se
As pintadas figuras, e avultadas,
Animar-se, e surgir dos lisos quadros,

Mover-se, e discorrer, casos narrando
De uma estranha, phantastica existencia;
Oh que de certo maravilha fôra!
Espantoso prodigio! . . Mas não menos
Estupendo milagre me parece
Que essas idéas minhas, por si mesmas
Das trevas da memoria se levantem,
Ou dos quadros da obscura phantasia,
E mil fôrmas reaes aviventando,
No espaço exterior se me apresentem,
Um drama enredem de impensado entrecho,
Novas imagens criem, pensem, fallem,
E discorram commigo; e eu soffra, e eu chore,
E real tudo creia; e a final tudo
Uma pura illusão! um sonho! um nada! . . .
Quem ás minhas idéas dêo tal vida?
Quem lhes dêo tal poder?

A PHILOSOPHIA.

Foste tu mesmo.
Fugindo á Natureza, entregue á mágoa
Pelos teus pensamentos aggravada;

Transcendentes mysterios perscrutando,
Onde se perde e devaneia a mente;
Por ti aguilhoadada a phantasia
Nessas lucubrações soltou seus vôos.
Tu mesmo, no deliquio do teu corpo,
Todas essas idéas concebeste,
E essa tua visão obra foi tua,
Como quando desperto um drama enredas.
Si és acordado conscio de que pensas,
E o transumpto distingues do modelo,
É que tens a teu lado a realidade,
Que aquilata a verdade, e o engano impede.
Real parece o sonho a quem o inventa,
E visível no espaço se lhe finge,
Porque na escuridão, e no silencio,
Quando nada contrasta o pensamento,
Clara, sem distração se ostenta a idéa.
Tal as imagens, que o pincel traçára
Em lisa téla, em adequada estancia,
Ao exclusivo olhar, que além não vaga,
Se resaltam, e avultam; quaes mais longe,
Quaes mais perto, e reaes se nos antolham.

Assim, para attingir mais clara a idéa,
Os olhos fecha o artista, e se recolhe,
E a interna concepção no espaço enxerga.

EU.

Assim eu mesmo imaginei meu sonho?!
Testemunha fiel a consciencia,
Que aos actos todos do intellecto assiste,
Presente esteve ao voluntario invento;
A memoria o archivou; . . . mas como eu mesmo,
Unico auctor, ao meu trabalho attento,
Tão altas invenções não me attribuo?! .
Posso eu, por livre impulso, exercitando
Os actos todos das potencias d'alma,
Pensar, sentir, imaginar; lembrar-me
De tudo emfim, — e só deixar no olvido
O permanente esforço da vontade,
Que a acção determinára, e a presidira?! . .
Esquecer-me de mim, — e crer que vejo
Por estranho poder que a ver me obriga?!
Posso então perceber, sentir querendo,
Pela concentração dar corpo á idéa,

E olvidar, não saber qu'eu sou, eu mesmo,
Desse phantasiar o auctor occulto?
E contra a consciencia hei-de affirmal-o? . . .
Ah! si assim é, quem sabe si o sensível,
Que obra eu creio de Deos, é obra minha?
Porque o não julgarei tambem um sonho?
Vãos reflexos das minhas faculdades,
Que a propria consciencia o meio ignore,
Como não testemunha o interno esforço
Que impulso dêo ás criações da mente?

A PHILOSOPHIA.

D'alma as potencias á vontade servem,
E adunadas n'um ser mutuas se prestam,
Como gemeas irmães, que amor ligara;
Mas leis teem ellas, á vontade estranhas;
Uma espontanea acção, e propria vida,
Que por si mesma se revela, ao toque
Que não a gera, e a penas a desperta.
Não como a corda pela mão tangida,
Que vibra, em quanto dura o dado impulso;
Mas como essa do campo herva mimosa,

Que mal o dedo a toca, e se retira,
Pouco a pouco contrai-se, e umas sobre outras
As folhas dobra, e após por sí se expande.
Tal, por virtude intrinseca, e leis proprias,
Pensa, discorre, phantasia a mente.
Ora, pela impressão de externa causa,
Sente, percebe, e crê real o objecto
A cuja permanencia, e acção continua
Não é dado á vontade subtrahir-se,
Como dado não é ao corpo inerte
Contrariar a lei, que o attrai, e o move.
Ora, pela vontade que a dirige,
E a propria intelligencia o certifica,
Recolhe-se ella, e concentrada pensa,
E antigas percepções reavivando,
Em quadros novos as combina e ordena;
Assim medita o sabio, e o vate inventa.
Ora, por leve toque, que lhe escapa,
Pelo abalo talvez de occulta fibra
D'esse instrumento organico, que a serve,
E que a vida interior pozera em moto;
No silencio do somno em que jazia,

Desperta a mente, a discorrer começa
Por espontanea acção; e qual outr'ora,
Quando a instigava o volição, soia
Concentrada pensar, quasi sonhando,
Agora ao livre imaginar entregue,
Sem que nada a retenha, devaneia!
Tal seguro ginete, que enfreado
Majestoso se estrada, ao campo sôlto,
Segue os instinctos, salta, e a esmo vaga.

EU.

Como sei eu que assim delira a mente,
Entregue ás suas leis; quando inspirada
Pelo divino archétypo se julga? . . .
Qual o quilate da verdade estranha?
É o ginete para ás redeas feito?
E os seus passos por ellas comedidos
Serão mais naturaes, e mais seguros
Que o sôlto caminhar, do instincto ao guia?
Quantas verdades, que a impressão não dera,
Á mente concentrada se revelam?
Nem a impressão jamais nos dêo verdades,

Si no seu reflectir interno, occulto
Não as acha espontanea a intelligencia,
Como infalliveis leis, connatas suas.
Antes eu creio que a verdade eterna
Seu transumpto estampou no intimo d'alma,
Onde ás vezes reluz inopinado
Nesse sonhar, ou delirar da mente.
Assim a enchente, revolvendo a terra,
Medalha antiga e preciosa exhuma,
Sobre a qual tantos pés emvão passaram,
Até que á flor a erguesse o cataclysmo.

A PHILOSOPHIA.

Qualquer que seja da verdade a origem,
Ou seja o fructo da pesquisa assidua
Do recto reflectir, ou espontanea,
Como inspirada pelo céo, nos venha;
Espurea ella não é, si outras verdades,
Que entre sí conferindo se reforçam,
Com direitos iguaes a reconhecem,
E não a contradiz a experiencia.

EU.

Mas si a verdade á experiencia excede,
Como os annuncios de um porvir remoto,
Perde por isso da verdade o sello? . .
Si ella, como o relampago, fulgura
Melhor na escuridão que á luz do dia,
Deixa por isso de ser luz? . . Si brilha,
E fugaz se dissipa, por ventura
Não nos deixa tambem o sol em trevas?

A PHILOSOPHIA.

E quem sem luz se estrada em campos invios?
Quem, por ignotas regiões escuras,
Ao lampejar que passa se confia?
Na incerteza a razão pára, e duvida.

EU.

A Fé tambem é luz.

A PHILOSOPHIA.

Mas não sciencia.
Não contesto essa luz, proficua ás vezes,

Si por ella a razão não se escurece.
Ante uma Causa Eterna a fronte inclino;
Mas eu busco a certeza por mim mesmo,
E á minha luz tambem a fé submetto.

EU.

Graças te dou! Assim a fé me deixas!
Graças! O ser não negas ao possivel!
Visão divina póde ser meu sonho!
Fica-me a fé, que ao céo me eleva a mente,
E lá vejo meus páis, meus filhos vejo!

MYSTERIO VIII.

A FÉ.

Esportaneo acordar da intelligencia!
Aurora da razão! oh fé divina!
Tu não és inimiga da sciencia!

Es a estrella do céu que a illumina,
Quando já pela dúvida caçada,
Sem achar o que busca, a fronte inclina.

Quando, do sol na ausencia, sepultada
Na noite a terra fica, outro se accende
Calmo cirio dos homens na pousada.

Sempre uma luz das trevas nos defende:
Si falta a da sciencia reflectida,
Da fé directa a chamma a nós se estende.

Ella nos vem de Deos, fonte de vida,
Que nenhuma alma aqui mandou sem guia,
Longe dos olhos seus, vagar perdida.

Porque nesta de provas dura via
Regeitar orgulhoso essa luz pura,
Que da vida os mysterios alumia?

Si evidente a verdade não fulgura,
A fé a suppre; assim mãe vigilante
O tenro filho pela mão segura.

Caminhar ella o deixa vacillante
Só para o exercitar; mas carinhosa,
Si o vê cair, o alça ao peito amante.

Oh doce fé! oh luz mysteriosa!
Tu me elevas a Deos! Por ti eu creio
Que minha alma será no céo ditosa.

Lá, na patria eternal, donde ella veio
Ganhar no mundo do martyrio a palma,
Irá viver, do mal sem mais receio.

Lá, feliz para sempre, irá minha alma
Ver as almas dos filhos meus queridos.
Por quem chorando minha dor se acalma.

Lá, meus páis, meus irmãos nunca esquecidos,
Todos esses amigos por quem choro,
Por mim orando estão compadecidos.

Por tí, oh fé, a perda que deploro
Reparada será. Por tí meu sonho
É a prelibação do bem que adoro.

Por tí o mundo tétrico e medonho
Exilio passageiro me parece,
Além do qual o céo se abre risonho.

Chamma ardente da fé! meu peito aqueee;
Mostra-me sempre os filhos meus amados
Vivendo nessa luz que não fallece.

Gratos sonhos do céo a mim baixados,
Compensem da vigilia os amargores;
Veja eu sonhando os filhos meus chorados.

Sonhe eu sempre co'os meus caros amores!
E tu, oh fé, os raios teus dardeja;
Da duvida fulmina os vãos temores,
E beata por ti minha alma seja.



EPITAPHIOS

SOBRE AS CAMPAS DOS MEUS TRES FILHOS

DOMINGOS, LUIZ, E FLORIANO.

I.

Da gloria eterna na mansão sagrada
Em paz descança, oh filho meu querido!
Anjo, pede dos Anjos na morada
Por teus páis que tão cedo te hão perdido.

NAPOLES

II.

Um Anjo Deos o fez tão bello e puro
Que deixal-o na terra não podia.
Mas ai dos páis a quem o golpe duro
Roubou as esperanças e a alegria.

NAPOLES

III.

Melhor estás no céo, donde baixaste
Para dar a teus páis fugaz ventura.
Ai de nós, Anjo meu, que nos deixaste
Chorando neste valle de amargura.

TURIM.

NOTAS

DOS MYSTERIOS.

¹ Infame raça de Saturno e Siva. Pag. 61, V. 3.

Saturno, o pai dos deoses, segundo a mythologia grega e latina, devorou seus proprios filhos. Como Moloch, idolo dos Phinicios e Carthaginezes, a quem sacrificavam victimas humanas, principalmente crianças, é uma allegoria do tempo, que tudo consume.

Siva, terceira pessoa da Tremurti indiatica, é o deos da destruição. Dão-lhe por esposa Bhavani, deosa da vingança, cujos adoradores, no dia da sua festa, se lançam e se deixam esmagar debaixo das rodas do carro que transporta a colossal imagem desse idolo.

² Guerra e fogo nos bradam Torquemadas. Pag. 61, V. 7.

Torquemada, o primeiro inquisidor geral da Hespanha; organisou os tribunaes da Inquisição nesse reino, e redigio o codigo uniforme para os inquisidores, que se promulgou em Sivilha em 1484.

Tão furibundo foi no exercicio de suas funcções que os Papas Sixto IV e Alexandre VI se julgaram obrigados a intervir para moderar-lhe a sanha. Por antonomasia dá-se este nome a todos os inquisidores e agentes ferozes do tribunal de sangue.



H Y M N O.

Á MORTE.

Qual jubiloso se perfuma o noivo
No dia nupcial,
Para mais grato receber no thoro
A esposa virginal,
Tal eu agora apparellhar-me quero,
Para nos braços meus
A morte receber, n' hora propicia
Que me chamar a Deos.

Talvez nessa hora de solemne enteio,
Apressada a soar,
Não possa, oh Morte, attonita minha alma
Com hymnos te saudar.

Como areado e pressuroso o preso
Do carcere ao sair,
De agradecer se esquece ao carcereiro,
Que vem-lhe a porta abrir.

Pois que dessa hora de resgate d'alma
O prazo me não dás,
Desde já minha voz te exalça um hymno,
E prompto me acharás.
Cada dia o direi ao albor da aurora,
E do sol ao transpor;
Que mandada por Deos, oh doce Morte,
Me não causas pavor.

Eu te maldice, oh Morte, quando vinhas
Roubar-me ao coração
Esses caros penhores, que alegravam
A minha solidão.
Por qualquer d'elles minha vida eu dera,
Como ainda a darei
Por esses que me restam, — já tão poucos,
De tantos qu'eu amei!

Meus páis, meus filhos, meus irmãos e amigos,

Era cruel, atroz

Vêl-os partir, — não mais ouvir no mundo

A sua doce voz!

Eu te maldice então, porque os perdia,

E chorei sobre mim! . .

Mas quando a tua mão vier chamar-me,

Não chorarei assim.

Eu te proclamo um bem, máo-grado as ancias

Dos ternos corações,

A quem a despedida afoga em prantos,

Em dores e afflições.

Mas esse mesmo amor qué as almas une,

Essa saudade e dor,

De uma uniaõ eterna é previo indicio,

De outra vida o penhor.

Si tu só fôras desta lida o termo,

Já fôras grande bem!

Do que servira este viver caçado,

Sem esperança além?

Quem da vigilia no afanoso transe
Maldiz a doce paz,
Que o somno amigo, no frescor da noite,
Compassivo nos traz?

Mas tu que a oppressa humanidade vingas
Dos despotas aos pés;
Tu que aterras os máos, e branda afagas
Os que a Deos são fieis;
Tu que nos mostras no mortal espolio
O que é sem vida o pó;
Desse hymenêo do espirito e da terra
Só vens romper o nó.

Porque tão prompto se corrompe o corpo?
Porque assim se desfaz? . .
É que lhe falta o ser que o animava,
E que n'elle não jaz.
Pensou, foi livre, e de castigo ou premio
O espirito immortal
Digno se fez na lucta; — e a morte o leva
Ao eterno tribunal!

Creia-te embora o ímpio tresloucado
Dos males o maior;
Elle que diz, na insania das orgias:
Não ha viver melhor! . .
Embrutecido de lassivia e vinho
Diga que Deos não ha . . .
Que é loucura encurtar da vida os gózos,
Que outra após não virá.

Mas vêde-o, que o ameaça a mão da morte!
E eil-o todo a tremer,
Como a vergonhea ao vendaval exposta,
Sem se poder conter!
Teme o futuro então; e mil remorsos
O enchem de terror. . .
Ou morre como um bruto! — E ai dessa alma,
Que assim daqui se for!

Calmo pensa na morte o sabio, o justo,
Que lá vê Deos no céo,
E na vida um mysterio, a quem a morte
Virá romper-lhe o véo.

Elle vê neste mundo o sacrificio,
O continuo penar
De uma alma livre, a um corpo vil ligada,
Melhor vida a sonhar.

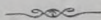
E esse sonhar, consolador das almas,
Não é um sonhar vão;
É a voz que nos vem da eternidade,
De Deos inspiração! . .

Embora, oh Morte, o teu silencio aterre;
Assim devia ser:

Que a todos cumpre no penoso exilio
— Esperar e soffrer.



O LOUCO DO CEMITERIO.



POEMA ROMANTICO

EM

SEIS CANTOS.

ADVERTENCIA.

O amante, que enlouquecera pelo abalo que lhe causara a morte subita da sua querida noiva, indo no seguinte dia ao Cemiterio esperar pelo enterro, lá se lhe augmenta o tresvario, e no seu delirar se lhe afigura que fôra elle que morrêra de dor, pelo engano de tomar por morta a sua amada, vendo-a adormecida, e que agora elle se acha em outro corpo e n'outro planeta, onde por ella espera. O mais não necessita de explicação prévia.



O LOUCO DO CEMITERIO.

CANTO I.

O COVEIRO.

Surgia a aurora, esclarecendo as campas
Do cemiterio,
Por entre as nevoas da manhã filtrando
Pallor funéreo.

O nevoeiro como um véo cinzento
Tudo cobria.
Sem horizonte, chato o céo, co'a terra
Se confundia.

Esguios vultos de cyprestes negros,
Rompendo a bruma,
Transpareciam, como espectros vagos
Que a noite exhuma.

Nesse remanso o matinal gorgoio
De ave canora
Não perturbava o sepulchral silencio,
Saudando a aurora.

Um surdo som de compassados golpes
Só retumbava,
Como um soluço da convulsa terra,
Si alguém a cava.

Era o Coveiro, — o lavrador da morte,
Que o chão abria,
Co'a dura enxada preparando o fosso
Daquelle dia.

De madrugada o seu labor começa,
Sem ter repouso;
Que nunca falta quem ás portas bata
Do eterno pouso.

Já lá estão os que da noite ás sombras,
Como escondidos,
Do commum fosso humilde esmola pedem
Desconhecidos.

Assim viveram, descançando os ossos
Em dura palha,
E para espolio do coveiro trazem
Rôta mortalha.

Nobres convivas do festim da morte
Virão mais tarde,
De inutil pompa, entre brandões accesos,
Fazendo alarde.

Virão amigos conduzir á campa
O morto amigo;
O adeos dizer-lhe, — a pá de cal lançando
No seu jazigo.

Alguns soluços de mais ternos peitos,
E amargo pranto,
Talvez se unam do final Memento
Ao triste canto.

Grandes, pequenos, gracioso infante,
Ou virgem bella,
Para o Coveiro já tudo isso é terra,
Que elle nivella.

Meio enterrado, aprofundando assiduo
O seu carneiro,
Com voz sem echo, ao surdo som da enxada,
Canta o Coveiro.

E essa voz rouca, que da cova se ergue,
A voz parece
Da propria morte, que agourando os vivos,
Zomba, escarnece!

Vós, almas fortes, que gastais a vida
Zombando e rindo,
Ouvi sem susto do Coveiro o canto,
A cova abrindo.

„Vivo co'os mortos,
Na cova os ponho,
Entre elles durmo,
Com elles sonho.

Quantos defuntos
Já enterrei!
Defunto eu mesmo
Tambem serei.

No pão que como,
No ar que respiro,
Na agua que bebo,
A morte aspiro.
Já cheira a morto
O corpo meu.
Abre-te, oh terra,
Que serei teu.

Da morte o aspecto
Já não me assusta,
Que a vida ganho
Da morte á custa.
Sempre cavando
Sem descansar,
Vivo enterrado,
Para enterrar.

Um dia, ou outro,
Cavando o fosso,
Co'o cheiro infecto,
Cair bem posso.
Agora mesmo
Posso cair! . .
Não diz a morte
Quando ha de vir.

Mas os que folgam
Na excelsa Côte
Não stão mais longe
Das mãos da morte.
Cá os espera
A minha pá. . .
O que foi terra,
Terra será.

Quantos lá vivem
Nessa cidade
Aqui tem todos
Segura herdade.

Ricos e pobres,
Todos virão,
Dormir no leito
Da podridão.

Ternos amantes,
Pais extremosos,
Esposos caros,
Filhos saudosos,
Vede o que resta
Do vosso amor:
Podre cadaver,
Que causa horror!

Mortaes, lembrai-vos
No vosso orgulho
Que de uma cova
Sereis entulho.
Vinde um instante,
Vinde aqui ver
O que bem cedo
Haveis de ser.

Já mortos todos
Eu vos diviso
Sobre esta terra
Que agora piso.
Da morte as preces
Cantar podeis,
Que em hora incerta
Aqui vireis.

Assim cantava o Coveiro,
Mettido no seu carneiro,
Cuidando que estava só.
Mas alli alguém havia,
Que esse triste canto ouvia;
Coitado, causava dó!

CANTO II.

O VULTO.

Lucto trajando, um vulto
No cemiterio errava;
Profundo pensamento
A mente lhe occupava.

Não lhe murchara o tempo
O juvenil aspecto,
Apenas quebrantado
Por doloroso affecto.

Esbelto, nobre, airoso
Talvez fosse o seu porte,
Si o não curvasse o peso
Do meditar na morte.

Pallido o rosto e os labios,
Os olhos desvairados:
Ia sem ver olhando,
A passos desregrados.

A dextra sobre o peito
Com força o comprimia,
Como contendo as vascas
Do alento que fugia.

Corôa de perpétuas
Na mão sinistra tinha,
E o braço esmorecido
Nas costas se sustinha.

Assim a esmo elle ia,
Como no mar, convulsa,
Vai sem governo a barca,
Que o vendaval impulsa.

Qual si um abysmo visse,
Parava de repente,
E ao céo erguendo os olhos,
Fallava em sua mente.

Talvez que alguma imagem,
Van sombra de uma idéa,
No espaço se mostrasse
A essa alma ao mundo alhéa.

Os labios convulsivos
Palavras removiam,
Mas eram echos d'alma,
Que só os céos ouviam.

Depois em torno olhando,
Como chamado e attento,
Ouvio a voz do fosso,
E o funebre lamento.

E como que um sorriso
Sombrio e doloroso
Lhe fez roçar os labios
O canto pavoroso.

E a direcção seguindo
Donde esse som lhe vinha,
Lá foi, parou, sentou-se
Na campa mais vizinha.

Poz a corôa ao lado,
Baixou á cova os olhos,
Firmou nas mãos o queixo,
E os braços nos geolhos.

Assim curvado, attento,
Sobre essa sepultura,
Era uma estatua immovel
A pobre criatura.

Gelado tinha o corpo,
E o coração gelado;
Mas dentro o calcinava
Um fogo concentrado.

Dalli via o Coveiro,
Dalli a voz lhe ouvia;
E como um echo surdo
Seu canto repetia.

Mas como o adormecido
Que susurrando falla,
Repete o som que escuta,
E em meio a voz lhe estala.

É que da mente abstracta
A força criadora
Tira a vontade, e apaga
As impressões de fóra.

Dessa alma desvairada
Tremenda era a tormenta,
Que dentro se espessava,
A rebentar tão lenta.

Que pavoroso aspecto!
Que olhar tão pavoroso!
Só parecia vivo
No respirar ancioso.

E as lagrimas não vinham
Os olhos orvalhar-lhe,
E áquella dor profunda
Algum allivio dar-lhe.

A labareda occulta,
Que lhe escaldava a fronte,
Tinha-lhe já seccado
Das lagrimas a fonte.

Assim, sem dar acordo
Do tempo que passava,
Da morte nos mysterios
Essa alma se abysmava.

Até que aberta a cova,
Saío fóra, poento,
O horrído Coveiro,
De rosto macilento.

Cadaver parecia,
Daquella cova erguido,
Que olhando, duvidava
Si alli tinha jazido.

E vendo aquelle vulto
No seu cismar absorto,
Lançou sobre elle apenas
Um vago olhar de morto.

Olhar que nada exprime,
De alma que já não sente,
Afeita á sepultura,
Ao mais indifferente.

Nem mesmo perguntou-lhe
No qu'elle alli pensava;
E as vestes sacudindo,
De terra o salpicava.

E o toque dessa terra,
Que sobre elle caía,
Não lhe causava abalo,
Como que o não sentia.

A pá e a enxada ao hombro
Poz o Coveiro, e andando,
O canto seu funéreo
Foi inda murmurando.

E a voz quebrada, ao longe,
Mais tétrica soava
Na derradeira estrophe,
Que os vivos agourava.

„Já mortos todos
Eu vos diviso,
Sobre esta terra
Que agora piso.

Da morte as preces
Cantar podeis;
Que em hora incerta
Aqui vireis.“

E o vulto dice:
— Aqui já stou. —
E como estava,
Alli ficou.



CANTO III.

O DELIRIO.

Assim, por longo tempo, immovel, mudo,
Nesse cismar em frente á sepultura,
O triste alli ficou, estranho a tudo.

Um sardonico riso de loucura
O rosto contrahio-lhe. O olhar rodando,
Parecia seguir uma figura.

Então um longo fôlego tomando,
Um ai soltou, um ai tão prolongado,
Que foi por entre os tumulos soando.

Esse ai soltou-lhe a voz do peito anciado,
Mas ah! o pranto não, — que o pranto falta,
Como um ingrato amigo, ao desgraçado.

Delirando fallou: — Como me exalta
A meiga voz desta gentil criança,
Que por entre estas campas canta e salta!

Perpétuas sepulchraes colhendo, entrança
Uma grinalda. . . Sobre a fronte a poussa. . .
É a imagem da vida, ou da esperança?

Vida! esperança! amor! . . A mesma cousa
Isso é; que tudo assim brilha um instante,
Como o orvalho da aurora sobre a lousa.

Do arrebol da manhã reflexo ondeante
Sobre essas ténues gottas se irradia,
E a campa aljofra de fulgor cambiante.

Seccou! . . Foi-se a illusão! . . A luz mentia! . .
Tudo se evaporou! . . E ha quem se illuda? . .
Vida, esperança, amor. . . tudo é poesia!

De um corpo morto agora só transuda
Pestifero vapor a feia lagem,
E o corpo em baixo em terra, em gaz se muda.

Horror! . . . Horror de que? . . de uma passagem
Do nada ao nada? . . E é isso a realidade? . .
Ironia! visão! sonho! celagem!

Ser a isso chamei! chamei verdade!
Por isso devorei paixão terrena!
Por isso duvidei da Eternidade!

Felizmente morri! . . . Mas ah! que pena!
Inda sou eu! . . . Que importa o ter morrido?
Novo drama comêço em nova scena!

Será verdade o ter eu já vivido?
Sonho?.. Deliro?.. Oh não! Que inconsequencia,
Si do que fui me lembro renascido!

Como hei de duvidar desta evidencia?
Tenho tudo presente na memoria,
Testemunha fiel da consciencia.

Sim, já vivi. Bem longa é minha historia! . .
Vivi seculos mil por esse mundo,
Em corpos mil de vida transitoria.

Mysterio estupendissimo e profundo!
Agora em outro corpo vélo e penso,
E o passado, e o presente não confundo.

Daqui estou vendo, nesse abysmo immenso,
O mundo que deixei, que doudo gyra,
Como um bulcão de fumo horrído e denso.

Morada da loucura, e da mentira!
Vai-te, espectro fallaz! Não mais te eu veja,
Cahos tenebroso, onde a razão delira.

Livre agora de ti minha alma adeja
Nesta calma mansão, novo planeta,
Onde o ar é amor que me bafeja.

Mas ah! devo-te um bem, que inda me inquieta,
E em ti me faz pensar: é ella, é ella,
Que eu tanto amei, e que me fez poeta!

Qual por entre os negrúmes da procella
Um lume protector almo scintilla,
Tal nesse horror scintilla a minha Estrella,

Alli ficou sem mim; alli rutila
Essa alma que eu amei, alma divina,
Ainda presa á illusão da torpe argilla.

Poder occulto que os mortaes domina,
Que subjuga a vontade, e o pensamento,
De ti me separou. . . Oh fatal sina!

Ainda me lembro do cruel momento
Em que te julguei morta! . . Engano horrivel,
Que alli me fez cair sem sentimento!

Morta, morta te vi. . . Como é possivel
Que eu me enganasse assim? . . E tu dormias!
O que eu então senti é indizivel.

Matou-me a immensa dor; . . e tu vivias!
O corpo meu tombou morto a teu lado;
E nesse teu dormir nada sentias!

Já sôlto o meu espirito, e arroubado,
Alli te via, ainda mais formosa
Do que antes, quando ao vil corpo ligado.

De alto volvêo-se a ti, qual sobre a rosa
Da tarde o ultimo raio cai furtivo,
Dizendo um terno adeos á flor mimosa.

Assim deixei o mundo; a tudo esquivo,
Só a ti dice adeos! que adeos tão triste, . .
Era o saudoso adeos do fugitivo.

Tu dormias, Amor! tu não o ouviste.
Mas como acordarás! . . Que dor, que espanto,
Quando ouvives dizer — já não existe! . . .

Que farás tu sem mim? . . Inutil pranto
Não derrames sobre essa terra ingrata.
Morre, e vem a meus braços, terno encanto!

Morre! a morte é um bem; ella desata
Esse nó que nos prende á dor, e ao mundo,
E desse viver louco nos resgata.

Esse abysmo em que estás, negro, profundo,
Não é digno de ti; do peito expelle
Esse crasso vapor do charco immundo.

Não mais a dor terrena te flagelle.
Acorda de uma vez; ah morre, expira;
Que esse expiro nossa alma ao céo impelle.

Por ti minha alma anciosa aqui suspira,
Toda cheia de amor, qual phenis bella,
Já renascida na odorosa pyra.

Da morte o sopro, que o vil pó regela,
É como uma aura matinal do oriente,
Que as nevoas ante a aurora desnovella.

Como é doce o morrer! . . . Mais docemente
Transformada a crisálida não vòa,
Mostrando o seu fulgor á luz nascente.

O primo beijo, que furtivo sôa
Em labios virginaes, de amor no enleio,
Gozo mais ideal n'alma não còa.

Morrer é renascer de amor mais cheio!
Oh piedosa morte, oh sopro ethéreo,
Beija do meu amor o casto seio!

Liberta essa alma do terreno imperio;
Mas não a acordes; venha assim dormindo
Acordar neste páramo sidéreo.

Nos braços meus, o som de um beijo ouvindo,
Abram-se os olhos seus, os olhos d'alma,
Os olhos immortaes, á luz sorrindo.

Como a existencia aqui é doce e calma,
Neste oceano de luz de eterna vida,
Neste ether puro que as paixões acalma!

Aqui renasce amor, o mais se olvida;
Mas que amor! que delicia! que ternura,
Que encanto aqui se goza! . . . Ah, vem, querida!

Vem, minha amada, ah, vem! Não ha ventura
Que me farte, sem ti. Já stou sedento
Desse renato amor, que a morte apura.

D'alma é amor o unico alimento,
Neste recesso da eternal belleza,
Que excede a todo humano pensamento!

Vem ver e admirar a Natureza
Tal como Deos a vê, como o glória,
Em toda a sua esplendida grandeza!

Que suave fragrancia! que ambrosia! . .
Que transparentes mundos multicores! . .
Que sons melodiosos! . . que harmonia! . .

Que turbilhões de infindos resplendores,
Gyrando immensos neste espaço puro! . .
Que choréas de angelicos Amores!

Onde estás, meu Amor? . . . Eu te procuro!
Meus olhos, que devassam o infinito,
Não te vêm! . . Onde estás? — No abysmo escuro! . . .

Ainda dormes o somno do prescído,
Em lobrega masmorra? . . Tu não fallas? . . .
Viva ou morta, onde estás, ouve o meu grito! . .

Lá te vejo, . . c'roada! . . . vestes gallas. . .
Branças flores apertas sobre o peito. . .
De myrrha, e beijoim o odor exhalas!

Stás reclinada em sumptuoso leito . . .
Teu leito nupcial entre perfumes! . . .
Mas como está teu rosto tão desfeito! . . .

Que pallidez reflectem esses lumes
Sobre ti. . . desse altar. . . á cabeceira. . .
Que pranto! . . . que alarido! . . . que queixumes! . . .

Que cantilena, funebre, agoureira. . .
„Oh Deos! . . . Morrêo! morrêo!“ — Nisto estacou.
Ao cair tropeçou n'uma caveira,
E no fundo da cova baqueou.



CANTO IV.

A EVOCAÇÃO DAS ALMAS.

Não morrêo; foi um desmaio,
Que o assaltou como um raio;
E bem semelhante á morte
Na sepultura o lançou.
Mas a queda foi tão forte
Nesse profundo carneiro,
Que abalou-lhe o corpo inteiro,
E esse abalo o despertou.

Assim, da humana natura,
Um mal de outro mal é cura;
E muitas vezes um susto
Revoca a vida a fugir.

Como um ebrio, tonto, a custo
Erguêo-se da cova o louco.
O que ganhou? — Ah, bem pouco!
Antes dalli não surgir.

Pasmado a cova attentava,
O corpo seu apalpava,
Como que a sí perguntando
Si elle surgira dalli.
Depois o olhar levantando,
A altura do céo media;
Não sei si elle a sí dizia:
Foi lá do céo que eu caí.

Mas esse sonhado empyreo,
Que elle vira em seu delirio,
Do deliquio para a cova
N'um sopro se esvaecêo.
Nova scena, visão nova
Agora se lhe apresenta.
Mas que terrivel tormenta
Na mente lhe apparecêo!

Co'as mãos a fronte sustendo,
O corpo todo tremendo,
O respirar tão cansado
Como da morte o estertor;
Nesse miserrimo estado
Um som sepulchral exhala,
E apavorado assim falla,
Com voz convulsa de horror.

„Deste barco tenho medo,
Que me arroje n'um penedo,
 No convulsar
 Do mar!
Naquelle escolho fronteiro,
Meu suspiro derradeiro,
 Sem mais tardar,
 Vou dar.

„Terna mãe, que me criaste,
Que em teu seio me afagaste,
 Para me ver
 Soffrer!

„Como é que não previste
Que fôra melhor a um triste,
Mesmo ao nascer,
Morrer ?

„Minha mãe, a luz se some!
Tenho frio, sede e fome!
E estendo envão
A mão!
Eis o homem! . . . Que ironia! . . .
Dá-me, oh mãe, nesta agonia,
Por compaixão,
Um pão!

„Pobre mãe! . . Nenhum soccorro
Me podes dar! . . Ah! eu morro
Nos braços teus.
Adeos! . .

.
Assim dizendo, as mãos levou a um tumulo,
A quem fallara, ser a mãe cuidando,
E o abraçou!

Por muito tempo unida a fronte ao marmore,
A frialdade foi-lhe o ardor roubando,

E o socegou.

Após sentou-se no degráo, e languido,
E mais tranquillo, ao seu cismar voltando,

Assim cantou:

„Regato, que corres
Occulto e tão pobre,
Que um pouco de relva
A face te cobre.

Oh triste regato,
Tu és meu retrato!

Perdido na selva
Tu vás murmurando,
E cardos, e espinhos
No curso encontrando.

Oh triste regato,
Tu és meu retrato!

Nos troncos vizinhos
As aves canoras
Alegres gorgeam,
Emquanto tu choras.

Oh triste regato,
Tu és meu retrato!..

„Choro cá dentro d'alma,
Mas ah, meus olhos não!
Pranto que corre, acalma
Qualquer dura afflicção.
Mas o meu pranto é fogo,
É um occulto rôgo,
É lava de um vulcão,
Que róe-me o coração!

Ai de mim! ai de mim!
Que me consumo assim!

„Oh mil vezes feliz e aventurado
Quem por louca paixão perdêo o siso,
E nos seus devaneios engolphado,
Vive sempre a sonhar co'o paraíso!

„E que importa esse bem seja sonhado,
Si é real o prazer, real o riso
De quem vive no mundo da loucura,
A sentir, a gozar essa ventura!

„Que alto mysterio
Da phantasia,
Que um mundo cria
No espaço aéreo,
E firme crê
Que certo o vê! . .
Ah, si eu pudesse
Tambem assim
Criar um mundo
Bello e jocundo,
Só para mim!

„Eu me rira de quem suppozesse
Que eu estava n'um mundo mental!
Mundo é o que mundo parece,
Pouco importa que seja ideal.
Eu quizera louco ser,
E socegado viver

„N'um valle ameno, encantado,
N'um aéreo paraíso,
Pelo delirio ideado,
Sem mais recobrar o siso,
Que me viesse arrancar
Desse tão grato sonhar.

„Só vendo flores,
E passarinhos,
Entre os verdores
Tecendo os ninhos,
Para os filhinhos
Dos seus amores,
E amor cantando,
Suave e brando!

„Brando e suave amor? . . . Que amor é esse?

Amor irracional, que se esvaéce

Como um vapor
Do humido chão?
Ou fátua flamma
Que não aquece,
Que não inflamma

O coração?

E isso amor?

Não!

„Amor qual eu senti, qual inda o sinto,
Qual sempre o sentirei por minha amada,
Não é o ardor ephemero do instincto,
Que se apaga co'um sopro, e volta ao nada!

„É do ser immortal que quér e sente
A sublime explosão na eternidade!
Da força desse amor, que exalta a mente,
Sinto em minha alma a immensa potestade!

„Posso com esse amor, que mundos cria,
Do céo baixar ao abysmo mais profundo,
Os mortos levantar da terra fria,
Minha amada evocar, vêl-a no mundo!

„Que força, que força estranha
De improviso em mim se entranha,
E divinisa o meu ser!

„É esse amor que me assalta,
Que a minha vontade exalta,
E me acrescenta o poder!

„Esse amor já me vigora,
Já me abrasa e me devora,
Como um ethéreo vulcão,
Reluz nas minhas idéas,
Crepita nas minhas vêas,
Troveja em meu coração!

„Quero ver a minha amada;
Qu'ella sinta extasiada
O que é verdadeiro Amor!
Amor, como ella não sabe!
Amor, que só em mim cabe!
Amor, o infinito Amor!

„Si enterrada
Minha amada
Aqui stá,

Acordal-a,
Evocal-a
Vou já.

„Supremo Principio, que o nada aviventas,
Da vida e da morte Eterno Senhor,
Que o pó vivificas, as almas alentas,
Penetra estas campas co'um raio de amor.

„Em nome do Eterno,
Oh campas, — quebrai-vos!
Oh mortos, — alçai-vos!
Das covas surgi!

Quem dêo leis á morte,
A morte dirime!
Oh mortos, — ouvi-me!
Das covas surgi!

Tres vezes vos chamo
Do imperio da morte!
Por Deos sancto e forte,
Oh mortos, — surgi!

Sus! Sus!

Ouvi!

Á luz

Surgi!

„Treme a terra! . . o ar pesa. . . gelado,
Qual rajada de hiemal turbilhão!
O sol pára o seu curso assombrado!
Apagou-se do dia o clarão!

„Densas nuvens no espaço negrejam,
Ao som rouco de um longo trovão!
Fátuos fogos, ceruleos lampejam,
E caindo se somem no chão!

„São as almas dos mortos que descem,
Revocadas da eterna mansão! . . .
São as almas, que os ossos aquecem
Desses corpos que terra já são.

„Vem, minha amada! . . Impávido
Tu me verás aqui!
Vem, aparece, que ávido
Espero só por ti!

„Que tétricos estálidos
Das pedras sepulchraes! . . .
Espectros se erguem pallidos,
Immoveis. . . verticaes! . . .

„São como estatuas frígidas
De gélido vapor! . . .
Mas essas sombras rígidas
Só fôrma teem e cor.

„Quantos! quantos
Vão-se erguendo
Só de um fosso!
Faz pasmar! . . .
Outros tantos
Lá stou vendo! . . .
Não os posso
Numerar!

„Vão surgindo. . .
Vão passando. . .
Eu os sigo. . .
Um por um. . .

„Vão fugindo. . .

Desmaiando. . .

Não lobrigo

Mais nenhum! . .

„Ella aqui não está!

Ah! . . .

„Mas onde estás, minha amada?

Não te vejo aqui surgir! . . .

Não estás inda enterrada! . . .

Nem sequer te posso ouvir!

Oh sim, posso; estamos sós;

Quero ouvir a tua voz.

„Pois que teu corpo insepulto,

Não soffrêo da terra o insulto,

Posso teu rosto inda ver,

Abraçar-te. . . e após morrer!

Mas primeiro a tua voz!

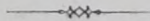
Quero ouvil-a; estamos sós!

„Sólta a voz! Podes soltal-a,
Eu te conjuro por Deos.
Céde, céde aos votos meus;
Já te escuto; — falla, — falla!
Minha amada, estamos sós;
Quero ouvir a tua voz. . .

„Quero ouvil-a! . . . Mas, oh céos!
Que repentina frescura,
Como um sopro que murmura,
Afaga os ouvidos meus!
Será o gemer da aragem
 Na ramagem
 Dos cyprestes?
Ouço uns preludios celestes,
Como de uma harpa que chora!
Oh meu Deos, que voz taõ bella
 Sõa agora! . . .
 Será d'Ella?
 Quem dera. . .
 É sim. . .

— Espera
Por mim.
Ver-me-has
Naquella
Capella
Em paz!
Adeos! —

„Oh céos!
Como esta voz me acalma!
Sou-me dentro d'alma!
Vou esperar por Ella,
Na Capella.“



CANTO V.

O ENTERRO.

No centro do cemiterio,
Entre cyprestes alveja
Dos mortos a mesta Igreja,
Como um grande mausoléu.
No seu adyto funéreo
Entrou mudo e estupefacto
O louco, fiel e exacto
Ao prazo que a voz lhe dêo.

Essa voz mysteriosa,
Ou real lhe retinisse,
Ou só na mente a ouvisse,
Essa voz o acalmou.

Sua alma crente e piedosa,
Naquella Igreja assombrada,
Ante o altar mais serenada
Erguêo-se ao céo, e resou.

Doce refugio do afflicto
É esse enlevo sublime,
Que pelas preces se exprime,
E aplaca os tormentos seus.
Nesse horror, nesse conflicto,
Que o coração despedaça,
É do céo suprema graça
Firme o crer que existe Deos.

Essa crença soberana,
Que tanto as paixões acalma,
Não é da fraqueza d'alma
Um engano, ou sonho vão.
É da propria essencia humana
Um primitivo elemento,
Um profundo sentimento,
Que não desmente a razão.

É um guia que lhe mostra
Sua orige' e seu destino;
É como um sello divino
Do infinito Criador.
Emquanto o mundo nos prostra
Co'a horrenda imagem do nada,
Essa crença sublimada
Nos ergue ao eterno Amor.

Deos mesmo, de quem nos veio
A vida, e a intelligencia,
Nos prova a sua existencia
Com essa instinctiva fé.
Por esse espontaneo meio
Reconhece a criatura
Que ha na sua desventura
Um Deos piedoso que a vê.

E elle cria. . . Era poeta;
Tinha essa mente divina,
Essa chamma que illumina
Tudo o que é bello e ideal.

Tinha a nota que completa
Essa mystica harmonia,
Que por hymnos se annuncia
Neste artefacto mortal.

Pobre vate! . . . Quiz a sorte
Que elle sobre a terra achasse
Belleza tal que o encantasse,
Para em nada mais pensar.
De improviso a mão da morte
Em flor cortou-lhe a esperanza!
Ella no céo já descança,
Elle na terra a penar.

Foi tão profunda a ferida
Desse golpe inopinado,
Que soltou-lhe horrendo brado,
E logo o lançou no chão.
Suspensa a mola da vida,
A custo o móto lhe deram;
Mas quando do chão o ergueram,
Turbada estava a razão.

Sem dar ao corpo alimento,
Delirara o dia inteiro,
Ligado ao outro primeiro,
Ida a noite sem dormir.
Mui quebrado tinha o alento,
De forças exausto estava,
Só a febre o sustentava,
E o impedia de cair.

Já o sol, que todo o dia
Só obumbrado gyrara,
Tão triste qual se elevara,
Estava no seu transpor.
Já no occaso se não via
Leve arrebol do seu rosto;
O céo em lucto, o sol posto,
Tudo era noite e horror.

Noite e horror, silencio tudo!
E qual se mostrara a aurora
Sem canto de ave canora,
Assim foi o transmontar.

Só se ouvia o guincho agudo
Da agoureira ave nocturna,
Que na Igreja taciturna
Pousada estava a piar.

Alli, esperando um morto,
O sacristão da Capella,
De virgem cera amarella,
Veio as velas accender.
E accendendo-as, vio absorto,
Ante o altar ajoelhado,
Aquelle vulto pasmado
A olhar, sem se mover.

Logo após os convidados
Ao enterro na Igreja entraram.
E sobre a eça pousaram
Um cadaver n'um caixão.
E em torno d'elle postados,
Todos com tochas accesas,
Ouviram do padre as resas
Da triste encommendação.

Era de moça, e mui linda,
O corpo que alli jazia.
Que bello rosto seria,
Olhos ternos, branca a tez.
Diceras que a vida ainda
Luctava occulta em seu centro,
Sem poder vencer lá dentro
De um desmaio a rigidez.

Diceras que adormecida
Por encanto alli ficára,
E que um riso se gelara
Nesse rosto de alfinim.
Toda de branco vestida,
Era a imagem da pureza;
Privilegio da belleza,
Que inda morta encanta assim!

Corôa de niveas flores;
Soltos os negros cabellos;
Sobre o peito os braços bellos;
Uma palma, e uma cruz.

De virgem eram penhores
Essa capella, e essa palma,
Que pura subira essa alma
Ao reino da eterna luz.

Oh que dor, que dor tão forte
A todos causava o vêl-a!
Ella tão moça, tão bella,
E já morta n'um caixão!
Oh morte! cruenta morte,
Suprema lei da igualdade,
Que feres sem piedade
A todos sem distincção.

E o louco? — O louco lá stava;
Ao chegar do enterro erguêo-se,
Mudo n'um canto mettêo-se,
Immovel, sisudo, em pé.
Lá comsigo só cismava,
Aos olhos todos occulto,
Tão quieto, que do seu vulto
Ninguem alli dava fé.

O Requiescant in pace
Proferio o Officiante,
E a Capella n'um instante
Deserta, escura ficou.
Cobriram co'um lenço a face
Da morta, e o caixão levaram,
Para a cóva o transportaram;
Pouca gente o acompanhou.

Lá esperava o Coveiro,
Sobre a sua pá curvado;
De cal um caixão ao lado,
Prompto a eterna requia dar.
Chegou . . . e sobre o carneiro
O corpo estava pendente,
Quando se ouviu de repente
Rouca voz assim bradar:

„Suspendei! Ah suspendei!
Ella morta não está!
Na Capella o mostrarei.
Levai-a, levai-a já,

„Sem tardar para a Capella,
Que á vida lá voltará.
O ar aqui a regela,
E maior mal lhe fará.
Levai-a para a Capella,
Que ella morta não está.“

Essa voz inopinada,
Tão convicta e suffocada;
Grande pasmo alli causou.
Todos para o corpo olharam,
Mais de perto o examinaram,
E ninguem vivo o julgou.

Mas elle com forte amplexo,
Sobre o caixão genuflexo,
O defendia a gritar:
„Levemos para a Capella,
Que o ar aqui a regela;
Viva não se ha de enterrar.“

— Porque dizeis que está viva?

(Dice um da comitiva)

Si disse visos não dá? —

„Qual viva! (Exclama o coveiro)

Já eu lhe senti o cheiro,

Que morta, e bem morta está.“

„Viva! viva! affirmo-o eu!

Vêde, vêde o rosto seu!

Medico sou, disse sei.

Porque não acreditar-me?

Si não quereis ajudar-me,

Eu sózinho a salvarei.

Deixai-me; eu posso com ella!

Vou lá pôl-a na Capella. . .

Si vos oppondes, tremei,

Que a justiça chamarei.“

Um dalli, velho e prudente,

Que era da morta parente,

E do enterro director,

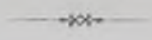
Assim dice: — Pouco importa.

„Que ella esteja viva ou morta,
Façamos pelo melhor.“

„Que se tente a experiencia,
Pois que ha quem da sciencia
Ousa a vida assegurar.
Não desejo ter remorsos;
Sejam perdidos esforços,
Convêm o corpo guardar.“

A seu mandado o levaram,
E na Capella o deixaram
Co'o Coveiro e o Sacristão:
O lampadario accenderam,
E duas velas pozeram
Ao lado do seu caixão.

Mas os dous já somnolentos,
Ao seu dever pouco attentos,
Não trataram de servir.
No estrado do altar sentados,
Do cadaver descuidados,
Acabaram por dormir.



CANTO VI.

O FIM.

Ao lado do caixão sózinho, attento
O louco alli ficou. Pasmado estava.
Seu rosto contrahido e macilento
A intensa febre d'alma retratava.

Sem desviar os olhos, poz-se logo
De joelhos no chão, do esquife ao lado.
Parecia querer co'o olhar de fogo,
Dar vida a esse corpo inanimado.

Ao cadaver os braços estendendo,
Nas suas mãos tomou-lhe as mãos geladas,
E nessa posição permanecendo,
Palavras proferia magoadas.

Nesse morbido esforço da vontade,
Por uma idéa fixa que a mantinha,
Pouco a pouco minguava a intensidade
Da febre que seu corpo só sustinha.

Era uma lucta immensa e sobre-humana
Entre o querer, e o já quebrado alento;
E o grande esforço da vontade insana
Quasi tocava ao ultimo momento.

De vez em quando os olhos se fechavam,
E o corpo n'um langor ia caindo;
Mas subitos abalos o agitavam,
A somnolencia externa sacudindo.

Uma idéa na mente delirante
Como que aos olhos seus visivel era:
Descer do céo uma alma fulgurante,
E dar ao corpo a vida que perdera.

Lá resoava um funebre gemido,
E elle todo eriçado estremecia;
Sobre o cadaver applicava o ouvido. . .
E era uma ave nocturna que gemia.

Os reflexos das luzes vacillando,
Pela aragem da noite que afrescava,
E as sombras no cadaver doudejando,
Parecia que o rosto se agitava.

E o louco a ver, a se illudir, e turvo
Pavor, pasmo, esperança alli sentia!
Sobre o cadaver cada vez mais curvo,
Seu vapor respirando, assim dizia:

„Acorda! . . Resuscita,
Por esse alto Poder
Que o meu amor suscita.

„Viva te quero ver,
Da morte renascida,
A custa do meu ser.

„Si pôde a minha vida
Ao corpo teu passar,
Aqui t'a dou, querida!

„Ou tu has de escutar
O rogo meu ardente,
Ou me has de aqui matar.

„Passe a teu corpo algente
O fogo abrasador
Que me devora a mente.

„Penetre o seu calor
Teu coração gelado,
E lhe dê vida e amor.

„Por ti fui eu chamado;
A tua voz ouvi;
Aqui me tens ao lado.

„Não sairei sem ti;
Viva virás commigo. . .
Ou ficarei aqui.

„Minha alma á tua eu ligo. . .
Ligo meu corpo ao teu. . .
Os corpos no jazigo. . .
As almas. . . lá no céo. . .“

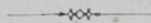
Assim elle dizia;
E a noite que corria
Tocava quasi ao fim.

O que elle alli fazia
Já mesmo o não sabia,
Agonizava assim.

Assim agonizava,
E ainda murmurava:
— Ligo meu corpo ao teu —
A voz já lhe faltava,
E mal apuridava:
— As almas . . . lá no céo. —

Seus olhos se fecharam,
As fronte se tocaram,
O alento . . . mais nenhum! . . .
Os labios se encontraram. . .
Assim de dia acharam
Dous mortos, em vez de um.

E eu, que o alaúde enramo
De funebre cypreste,
Contando o caso deste,
Si aquella a quem só amo
Morrer antes de mim,
Quero eu morrer assim.



O AMANTE INFELIZ.

EPISODIO.

Em nuvens de carmim, orladas de ouro,
Afogueado o sol já transmontava
Por entre escuras matas, que assoberbam
Da gavia, e da tijuca os altos cimos ;
E ao lago azul da Fonte da Saudade
Saudoso adeos dizia. Hora propicia,
Que no peito do alegre amor infiltra,
E do infeliz no peito horror embebe.

Piam nos bosques merencorias aves,
Que a noite já propinqua aos ninhos chama ;
E o respirar do placido crepusculo

Encrespa a flor do gemebundo lago,
E dos jardins esparge o grato aroma.
Do afadigado dia afans suspendem
Jovens, e bellas, e ao passeio acodem,
Aos ares livres dos vergeis soltando
Chistosos ditos, que a companhia alegram.

E onde vais tu, com passos tão medidos,
Olhos no chão, os braços encrusados,
Como quem, do festim da vida expulso,
Terra de mortos pisa? — O que procuras
Por essa praia, só, fugindo ás turbas,
Em que róda o bolicio da ventura? . .
Joven, teu rosto, teu olhar, teu porte,
Todo tristeza, como o bosque em trevas,
Após me levam, compaixão me inspiram.
Que mal no coração te pésa, ou n'alma,
Que tão curvado vais, e nem me attendes?

Não responde, nem ólha; até diceras
Que nem ouve, nem vê! . . Estatua muda,

Spectro de criatura desditosa,
Vai caminhando pela estreita margem
Que á triste fonte leva, juncto ao lago,
Nas abas da montanha verdeneira.

Tres arvores alli, altas, frondosas,
Cobrem de sombra funebre o remanso.
Flores, que as mãos dos homens não plantaram,
Alli crescem por entre agrestes cardos,
Limosas pedras, gravatás, e juncos.
Alli repousa o lugubre susurro
Da mansão sepulchral, interrompido
De instante a instante pelos ais da rôla.

Horrores da soidade, quão sublimes
Fallais ao coração do homem sensível,
De amarguras pejado! — Alli descança,
E a fronte arrima a um tronco o negro vulto;
Ergue os olhos ao céu; ao lago os desce,
E depois os recolhe ao fundo d'alma,
Qual para ver seus intimos arcanos.

Suspirou! — O que vio? — Magoadas vozes
Do peito aos labios arrancou chorando. . .
Eu ouvi seus tão funebres accentos,
Chorei com elles, e os conservo ainda.
Esse infeliz amou, sem ser amado;
Quem soffre do seu mal seus versos leia.

„Vida, cisterna de lodosas aguas,
Em que se afoga esta alma, entre negrumes,
E amargores sem fim! — Amortecida
Jaz como folha secca, despegada
Do galho, que fruío celestes auras
Na primavera, e definhou no outono! . .
Inda essa folha, si sensivel fosse,
Escutára os requebros namorados
Do alado côro, quando verde ao ninho
De sobrecéo servia, acobertando
Do par amante os filhos, e as caricias!
Mas que vi eu na primavera triste,
Contada pelos annos, não por flores,
Só de espinhos cercada? — Primavera

De agrestes alcantís, que o vento açouta,
E pó levanta, e pedregulho róla,
Por entre duros, eriçados cardos,
E gravatás fragosos; sem aroma,
Que attráia ave canora! . . . Primavera
Qual reina nessas margens descampadas
Do mar-morto, que os vivos afugenta
Co'o pestifero bafo! . . .

Eis-te, minha alma!

Nem fugaz sopro de vital delicia
Te visita no carcere sombrio,
Onde ligeiro adeos resvala a furto,
Na tetrica muralha, o sol cadente,
Sem lhe tocar o amago de dores,
Em que em vida te abysmas. — Si isto é vida,
A morte o que será? — Branda, propicia,
Em cada pedra da profunda cava
A vejo que me assena. — E quem me dera
Que todas sobre mim se desabassem!

Ah quem me dera que daqui me fosse!
Um ai me não custara a despedida;

Tanto te odeio, oh mundo, oh meu tyranno! . .
Em ti tudo é mentira; ah tudo! . . A vida,
A mesma vida sem amor é nada.
Nada? que digo? oh fosse nada a vida!
Mas é peor que o nada. — Laço infame,
Com que nos prende á dor a mão da morte,
Que cançada por fim de lacerar-nos,
Com repetidos, incessantes golpes,
A corta; e para que? . . .

Doce esperança,
Aura celeste, bafo perfumado,
Vem á minha alma, ah vem; meiga attenúa
Esta afflicção, e horrida agonia,
Em que vivo, em que morro, em que me abysmo.

Que! pois sempre verei anuviado
O horizonte da vida? . . E a flicidade,
Mal sonhada nas treguas da agonia,
Como tenue vapor esvaecer-se? . .
Que! . . pois só para mim um frouxo raio
De fagueira esperança, que me illuda,

Não surgirá por entre a espessa treva
Que desde o berço escurecêo-me a sorte? . . .
E hei de sempre viver, sem que da vida
Goze o unico bem, — o ser amado? . . .
No esplendido banquete da existencia
Verei todos cantando, embriagados
De prazer, e de amor, — e eu só curtindo
Acerbas dores deste hervado espinho,
Que ha longo tempo o coração me punge?
E eu só hei de enxugar de instante a instante
A lagrima amargosa, que me escalda
A desbotada face, e já tão fria
Pelo gelado sopro do desgosto? . . .
Eu só o infeliz? — Ditosos todos? . . .

Que estrella infausta alumiou meu berço,
E malfadou-me a hora desgraçada
Em que eu, do claustro maternal saindo,
Ao mundo vim, a ser victima d'elle? . . .
Nunca fosse eu gerado! Ou nesse claustro,
Fonte de vida, um tumulo se abrisse.

Mas acaso blasphemo? — O que me falta?
Thesouros? — Pois não tenho a mocidade?
As estrellas do céo, da terra as flores
Mais valem para mim que o pó luzente,
Unico deos que o avaro reconhece.
A gloria? — Pois não basta a da virtude?
Que me importa que o echo de meu nome,
Mais despertando inveja que louvores,
Cem vezes repetido no ar se perca?
Basta-me a interna voz da consciencia.
Nada me falta então? Dize, oh minha alma!
Dize, oh meu coração! o que vos falta?

Amor, amor me falta; — e amor é tudo!
Necessito de amor, de ser amado,
De ser amado, oh céo! de quem eu amo!
E onde amor não existe, não ha vida,
Nem coração, nem alma, nem thesouros,
Nem gloria, nem ventura! . . Amor me falta!
Necessito de amor, de ser amado,
De um ser que com meu ser se identifique,
De uma alma que minha alma comprehenda,

De uns olhos que em meus olhos se reflectam,
De um rosto onde meu céo constante veja,
De um coração que juncto ao meu palpíte,
De uma voz que me diga: eu te amo! eu te amo! . . .
Ouvisse eu essa voz, doce, suave,
Angelica, e divina, que eu bradara:
Quero viver! já tudo tenho, ah! tudo!

Dá-me, dá-me, oh Amor, o que me falta;
O que me pódes dar; devido premio
De um tão longo soffrer. Engana ao menos,
Com piedoso sorriso, embora falso,
O regelado coração do vate.
Não me roubes de todo a alma esperança
De ver raiar, após negrumes tantos,
Por entre os nevoeiros da tristeza,
A aurora da ventura.
. Qual ventura!
Porque estou eu a me illudir com sonhos?
Maldita sêde de prazer terrestre,
Que só blasphemias aos mortaes inspiras!
Destinou-nos acaso a Providencia

A gozar nesta lucta expiatoria,
Ou a soffrer, e a merecer vencendo? . . .
Entre mil bens que a Providencia espargue
Com mão pródiga em torno da existencia,
Um só nos falte, e ai! tudo nos falta;
Clama o egoista ingrato, e logo olvida
Os mais favores da clemencia eterna,
Bens supremos emquanto cubiçados,
E após chimeras que nos causam tedio! . . .
Oh que delirios da fraqueza humana!
Que lhe não bastam tantos bens! — Quer tudo! . . .

Não sejamos assim. Eia, minha alma,
Deixa o futuro a Deos. Volve ao passado
Saudoso olhar. Obriga a phantasia
A retrazar os quadros deleitosos
Das gozadas venturas; oh quão bellos!
Muito já eu gozei! . . . Muito! . . .


Mas quando?

Onde, em que dia, em que logar da terra,
Fui eu amado? — Oh céos! dos bens da vida

Falta-me o mais suave! . . Emvão procuro
Refrescando as lembranças do passado,
Suffocar esta voz da natureza,
Que incessante murmura no imo peito:
Falta amor; tudo falta. — Ah não te illudas,
Mortal, és infeliz. Emvão tua alma
Voar procura ás regiões sublimes
Da ventura ideal; sóltas de balde
Da phantasia as azas; não, não podes
Fugir ao coração que te encadeia,
O coração, que fel, não sangue, aperta,
E em cada palpar amor só péde.

E onde acharei amor como desejo?
Amor como imagino, e como sonho?
Ardente, impetuoso, delirante,
Frenetico, e sublime? . . Amor que farte
Este meu coração de amor sedento?
Amor que a alma me roube, e toda a absorva?
Onde o acharei? si o não achei naquella
Por quem morro de amor? . . E si eu o achasse;

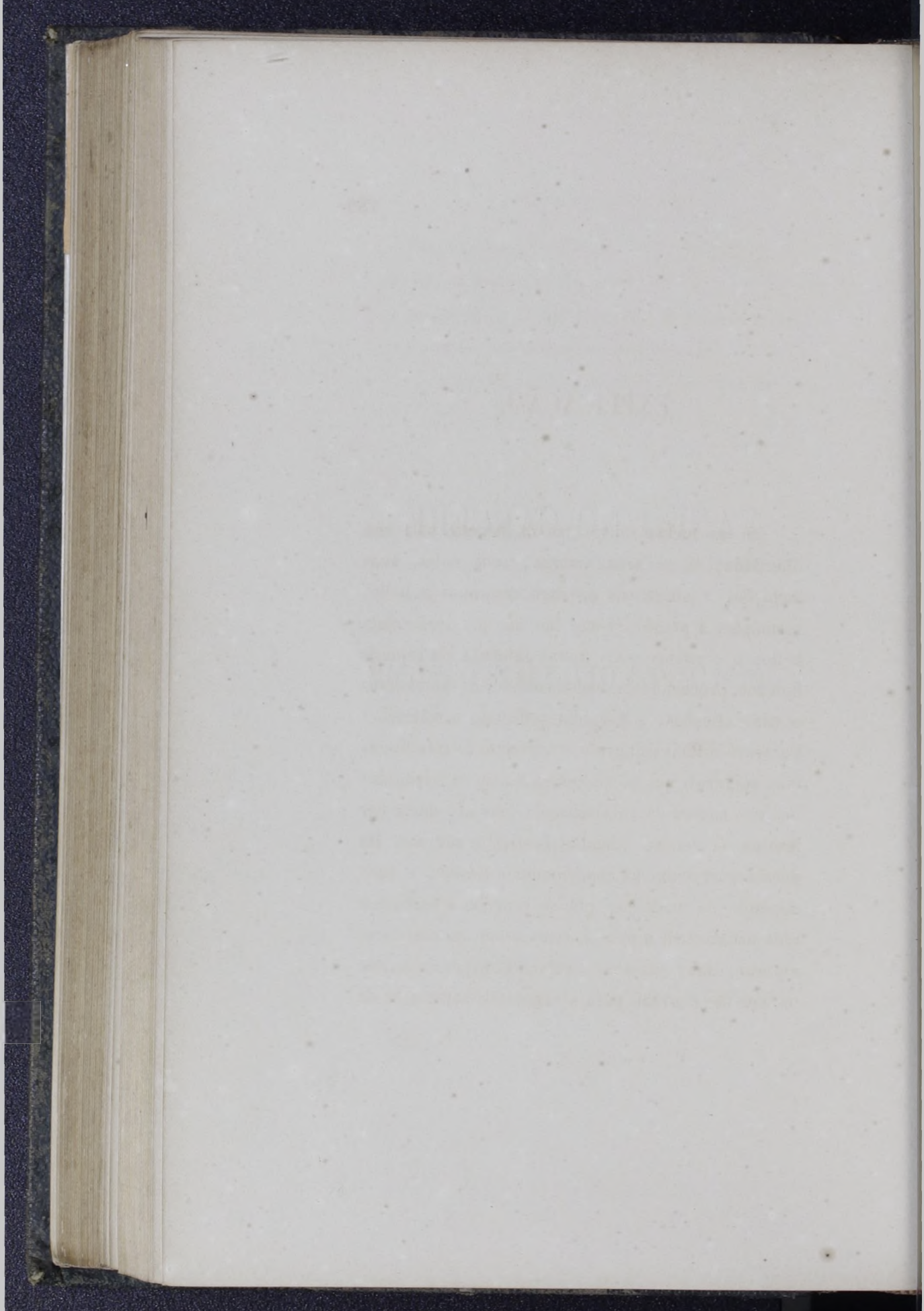
Troca-se acaso o amor! — Só por vingança!
Desejo insano é este! . . Desvairada
A mente tenho! . . Que mulher no mundo
Com tal furor será capaz de amar-me? . .
Nenhuma! Oh céos! nenhuma! — Bem; estala
De uma vez no vulcão da ardente febre,
Coração delirante! — Adeos, oh vida.“



VANINI NO CARCERE

OU

A IMMORTALIDADE D'ALMA.



EXPLICAÇÃO.

Si as luctas sangrentas do homem pela sua liberdade; si os seus amores, seus odios, suas ambições e vinganças prestam continuos e bellos assumptos á poesia, como lhe não prestarão mais bellos e elevados essas luctas internas do espirito humano, procurando a verdade no meio de tantos erros e contradicções, e por ella soffrendo o martyrio? Parecerá difficil e ingrato o assumpto ás intelligencias vulgares, que só se aprazem com as trivialidades das cousas da vida sensual; mas não deixa por isso de ser verdadeiramente poetico e sublime. Ha poesia para todas as capacidades e gostos, e tudo depende do modo por que se concebe e executa a idéa artistica. E a poesia, sem desnaturalizar cousa alguma, sabe escolher, calar, e exprimir o que melhor lhe convem, para a expressão harmonica da

sua concepção ideal, nessa linguagem animada que tudo realça.

Eu tentei exprimir essa lucta do espirito consigo mesmo, no meio das incertezas, duvidas, e contradicções de varios systemas philosophicos; representando, para mais animar essa lucta, um livre pensador mal seguro, revendo as suas opiniões no silencio de um carcere, e já esperando a morte, a que por ellas é condemnado pela justiça dos homens, que individamente se constituem juizes e arbitros sanguinarios dos erros do entendimento.

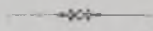
Para dar um nome historico a esse ente da minha phantasia, pois que desgraçadamente offerece a historia exemplos a todas as phantasias poeticas, lembrei-me de Vanini, que por seus escriptos contradictorios, pela sua prisão e seu martyrio se prestava á minha idéa, melhor que Jordano Bruno, que tambem pela sua doutrina morrêo queimado; e o corajoso Campanella, que vinte e sette annos vivêo em ferros, e sette vezes padecêo horrorosas torturas, e que de certo não era atheista nem impio; ambos Napolitanos e Dominicanos.

Aproveitei-me pois do nome de Vanini, mas não das suas idéas; attribuindo-lhe as que no carcere lhe podiam passar pela mente nos ultimos

momentos da sua vida, conservando-lhe a incredulidade, no meio de contradicções e duvidas, e imaginando essa apparição de um Monge, para poder dizer o que me não era permittido attribuir ao impio.

Julio Cesar Vanini, como se lê nos seus escriptos, ou antes Lucilio Vanini, como parece que verdadeiramente se chamava, nascêo em Taurisano, perto de Napoles, em 1585. Estudou em Roma, e parece que chegou a tomar ordens sacras. Era dotado de muita erudição e eloquencia, mas de um genio inquieto, ardente, vanglorioso, pouco grave, inimigo de toda a especie de sugeição, querendo passar por espirito forte, innovador, e docto em todas as sciencias do seu tempo. Viajou grande parte da Europa, exercendo a medicina, ensinando, pregando, escrevendo, e procurando fazer proselitos. Publicou varias obras, hoje apenas conhecidas dos eruditos que se dão ao estudo da Historia da Philosophia; entre ellas uma, que apparecêo em Leão em 1615, com o pomposo titulo de — Amphitheatro da Eterna Providencia, divino e magico, christão e physico, astrologo e catholico, contra os antigos philosophos, os atheos, os epicuristas, os peripateticos,

e estoicos. E outra, que logo no anno seguinte saíu á luz em Paris, com o titulo de — Arcanos admiraveis da Natureza, Rainha e Deosa dos mortaes. — obra que só pelo titulo mostra a sua extravagancia, e opposição á primeira. Entretanto, mesmo nessa obra, mais de Physica, que de Philosophia, não se ostenta Vanini decididamente atheista, senão impio, irreligioso e materialista; querendo, como physico tudo explicar pela ordem mesma da natureza das cousas. Accusado como athêo, defendêo-se perante o Tribunal de Tolosa, sustentando com bellas idéas a existencia de um Deos, Criador necessario de todas as cousas. Não obstante, barbaramente o condemnaram ao martyrio e á morte. Vivo lhe arrancaram a lingua com tenazes, após o enforcaram e queimaram, nessa mesma cidade de Tolosa, em 9 de Fevereiro de 1619, tendo elle de idade 34 annos.



VANINI NO CARCERE

OU

A IMMORTALIDADE D'ALMA.

I.

O SCEPTICISMO.

No chão de angusto carcer, onde a noite
Perenne negrejava, sem que um echo
Da vida exterior co'a luz viesse
O sepulchral silencio perturbar-lhe,
Como indomita féra, ou vil sicario,
Um livre pensador jazia em ferros,
Innocente talvez de Deos aos olhos.

Era Vanini, o ímpio, o athêo chamado,
Que nas plagas ardentes do vesuvio,
Das lavas ao calor, tivera o berço,
E diceras que as chammas o abrasavam.

Entre os grilhões que o corpo lhe opprimiam,
Exempto de pavor, da morte á espera,
Tão livre como outr'ora, meditava
Nos mysterios do ser, e do futuro,
Que a despeito do horror da muda campã,
Consoladora fé promette ás almas,
De divina justiça sequiosas.
Esse espirito ardente assim recluso,
Sem gratas sensações que o distrahissem,
N'um antro escuro e infecto, mais vehemente
Suas proprias potencias exercia
N'um continuo pensar, que as exaltava;
Esperando ainda ver nesse arduo esforço,
Da vida ao termo, algum clarão mostrar-se,
Qual do sol ao transpor mais bellos raios
Purpuream o céo; e assim dizia.

„Ora pois, vou morrer! . . Bem vinda sejas,
Hora fatal, que sem pavor espero,
Como a hora do somno! . . doce calma
Após renhida lucta. . . Impia sentença,

„Pelas mãos de um algoz executada,
Vai em flor decepar esta cabeça,
Onde tantas idéas borbulhavam,
E ás curiosas turbas offrecel-a
N'um poste erguida, para exemplo inutil
Aos bons, e aos máos, e a quem reprova ou louva
O duro aresto da justiça humana! . . .
E qual meu crime? — Não pensar como elles,
Que embusteiros os homens tyrannisam,
Para tel-os escravos na ignorancia.

„Irrisoria justiça! Imprevidente,
Que o pranto e a compaixão em brandos peitos
Em prol da tua victima despertas,
O odio attráis, manchando-te de sangue,
E açulas inda mais os máos instinctos,
Que emtorno do patíbulo pullulam.

„De cruento prazer ávidas turbas,
Que se apremam no chão do cadafalso,
Como de Roma nos sangrentos Circos,
Lá vão cevar-se na agonia do homem;

Gozar as commoções da scena horrivel,
Fartar os olhos na festiva lucta;
Ver as chammas crestar as vivas carnes
Do convulsivo corpo; respirar-lhe
O odor da queima; ouvir da dor o grito,
E endurecer os corações — propensos
Aos gozos dos tyrannos! . . . Ociosas
O espectaculo atroz sedentas buscam,
Deslembradas do exemplo que não temem.

„De exemplo e punição não serve a morte,
Que não desvia da batalha os bravos,
Nem das iras do mar o nauta ousado,
Nem os covardes que a cubiça excita;
Quanto mais da verdade a intelligencia! . . .
Mas, si o queres assim, assim te vingues,
Impõe silencio ao livre pensamento;
Espera o bem do algoz; morte decreta.
Eu a prefiro á escuridão do carcer,
Ao pão amargo, ao retinir dos ferros,
Das galés ao afan, insano, ignobil,
E cá dentro, de noite, a voz occulta

„Da consciencia a murmurar medrosa,
E com phantasmas a turbar-me o somno.

„De quantos males me liberta a morte!
Desfecho natural de tanto enredo,
De tantas afflicções, tantas fadigas,
E de esperanças mallogradas todas!
Tudo acaba afinal! . . Que importa o dia! . .
Ao nada voltarei, donde tirou-me
A criadora acção, inesgotavel,
Da viva Natureza, que incessante
Tudo faz e desfaz, como um brinquedo,
Reproduzindo no contínuo móto,
As variadas, caprichosas fórmias
Da infinda criação. . . Entre ellas, uma,
A minha, a que sou eu neste momento,
Vai deixar de sentir, . . vai desfazer-se, . .
E os elementos varios que a sustentam,
Dissolvidos irão, na terra errantes,
Novas fórmias ephemerias tomando,
Por seculos sem fim, uma após outra,

Sem que jamais eu mesmo reapareça!
Pequena bolha de ar no vasto Oceano,
Que das vagas no embate á tona erguêo-se,
E rôta n'outro embate, vólta ao que era! . . .

„Que perderei com isso? . . Que me importa
O tempo que se foi, sem qu'eu vivesse
E o que ha de vir sem mim? . . Eu vivo agora,
Emquanto sinto e penso, . . e o somno apaga
Do passado a lembrança, . . e do futuro
Sempre incerto o esperar! . . .

„Onde é que existo?
Onde me entranho, o que sou eu, emquanto,
Suspense o perceber, tranquillo durmo? . . .
De nada sei, desapareço, morro,
Qual da vela o clarão, que um sopro extingue! . . .
Si assim, n'um breve eclipse, intacto o corpo,
A vida a trabalhar, nada me inquieta,
Nada sou para mim, desapareço,
Como um sonho fugaz, que na memoria
Do seu relampejar não deixou traços,
O que será no sempiterno occaso?

No profundo dormir da muda campã?
Quando, deste artefacto rôta a mola,
Extincta a vida, diluir-se o corpo?
Onde estará esse Eu? . . . Que será elle?“

.

Assim dizendo co'um sorriso amargo,
De duvida mesclado, e de ironia,
O pensador, que a fé repudiára,
Os olhos mergulhou na magra dextra,
A custo erguendo-a co'os pesados ferros,
Que do pulso a outro pulso lhe pendiam,
E nessa posição por algum tempo,
Concentrando-se todo, immovel, mudo,
A meditar ficou.
. Qual n'um abysmó
Em vão sem luz os olhos se dilatam,
Vagar só vendo espectros illusorios,
Da propria phantasia reflectidos,
Assim elle, em silencio procurava,
Na tenebrosa polpa do seu craneo,
Ver brotar as potencias do intellecto,

Surgir a consciencia, e a luz divina
Da razão, que aquilata os pensamentos,
E ás eternas verdades nos eleva! . .
Esforso insano e vão! — Nada elle via!
Ou antes o que via, o assombrava,
E o fazia parar; temendo sempre
Um phantasma tomar pela verdade;
E ainda bem que suspenso vacillava!

Cançado erguendo a fronte contrahida
Pelo arduo meditar, os olhos vagos,
Reviendo e examinando o que pensára,
Confuso, incerto e pasmo, assim pergunta:

„Mas como acêrvos de átomos inertes,
A qualquer fórma e móto indifferentes,
Com tanto acerto e ordem se congregam,
E de uma nova fórma a vida surge,
Seres constituindo, que transmittem
A vida, e o typo herdado a novos seres?
Como si uma vontade poderosa,

„E sábia providencia os dirigisse! . .
É a vida uma fôrma? um resultado?
Ou força que organiza, e a fôrma imprime?
Causa, ou effeito, como voluntaria
Dá movimento ao corpo, sem que saiba
Donde parte o querer, como o transmite? . .
Como de um móto occulto, incomprehensivel,
Supposto apenas nas nervosas fibras,
Resulta o perceber, que aos meus sentidos
Antepõe o Universo, ou d'elle a imagem
Nas trevas do repouso? . . . Onde? em que ponto,
Externas impressões, que já cessaram,
Em idéas mudadas, dentro occultas,
Esponte, ou revocadas reapparecem? . . .
Que instrumento em silencio, ou excitado
Por novas vibrações de um toque estranho,
A passada harmonia inda conserva? . . .
Em que íntimo recesso, inescrutavel,
Dentro de mim se gera a intelligencia,
Que dos céos nos abysmos pésa e mede
Os astros no seu curso, e as leis indaga
De toda a Natureza? . . Onde, cá dentro,

De mil vigílias o pensar renasce,
E do morto passado a historia liga
Ao presente a fugir, sempre esperando,
Na continua mudança, a permanencia,
E um futuro melhor?

„Desejo ardente,

Avido amor, insasiavel sêde
De um saber, que ás vitas necessidades
Da ephemera existencia, excedes tanto!
Porque, inutilmente, assim me çanças? . .
Donde vens tu, que já no umbral da morte,
Me fazes esquecer a dor, e os ferros,
E a fome, e a sêde, e ainda mais me instigas
A penetrar arcanos insondaveis?
Qual si algum ser, a quem mais que o presente
Lhe interessa o porvir, te produzisse?! .
Que importa a Eternidade ao ser que morre? . .
Não serás tu de algum divino instincto
O espontaneo clamor? . . O occulto arquejo
De um principio immortal que se revela?
Devo, sem reflexão, seguir-te o impulso?
Qual ave que, no outono, presentindo

Os rigores do inverno, não soffridos,
Aos ares se remonta em largo vôo,
Abrigo procurando em clima estranho,
E o vai seguro achar além dos mares,
Lá onde os olhos seus nunca chegaram? ! .
Mas que phantasma, que verdade, ou erro,
Á tua voz oppondo-se terrível,
Do remigio da fé me precipita
No escuro abysmo da corpórea crosta? . .
Como que já lá vejo o meu cadaver
A dissolver-se todo; . . e me horrorisa
Essa putrefacção! — E que isso eu seja! . .

„Que mysterio sou eu, impenetravel!
Um ser que sente e pensa, e se crê livre,
Que mil prodigios a pensar descobre,
E por mais que em sí mesmo se concentre,
Sua natura discernir não póde,
Donde vem, onde irá! . . ou si a concebe,
Si a verdade já vio, incerto sempre,
Variando o pensar, ainda a procura! . . .

Que espantoso mysterio em mim se encerra,
Mais estupendo que o Universo inteiro!

„Esses mundos innúmeros, immensos,
Nos espaços sem fim vagando acordes,
N'um vórtice perenne arremessados;
Esse oceano de luz que os céos inunda,
E esmalta, e doura as produções da terra;
Esse fluxo de vida inesgotavel,
Que rebrota em myriadas de seres;
Os instinctos das aves; a harmonia
Da pomposa Natura, e tudo quanto
Meus sentidos attrai, e o pensamento
A meditar convida . . . ah! nada disso
Tanto me espanta, e me confunde tanto,
Como este mesmo pensamento do homem,
Luz invisivel, força imponderavel,
Que tudo abrange, indaga, explica, aclara,
Concebe e cria, e sobre sí se volta
Procurando o seu ser, — e só se encontra,
Sem descobrir um ponto que o sustente!

„Donde vens? O que és tu? Como appareces,
Sublime intelligencia, que reflectes
Esta immensa harmonia, e o ser, a causa
Que a produz e sustêm affouta indagas?
Tens tu teu proprio ser? . . Es ser tu mesma,
Perduravel, em quem me identifico?
Eu e tu somos uno, inseparavel,
Conjuncto apenas no mortal composto,
E, por esse consorcio, deslembrado
Da passada existencia? . . . Ou somos ambos
Deste modo de ser da terra erguido
Ephemero fulgor, que brilha e passa?

„Mas que estranho fulgor? Donde elle surge?
E como esse fulgor percebe e pensa,
E a sciencia produz, e o sentimento?
Imagem visual que nada explica,
Ficção da phantasia, eis o que é-isso.

„Ser, que a Razão proclama Necessario!
Sem quem nada concebo, e nada fôra,
Ou tudo fôra uma illusão do nada;

Absurda concepção, contradictoria,
Que a existencia do Ser prova, negando-a!
Serás tu que em mim pensas, que em mim queres?
Como me engano então, e o mal pratico?
Serei eu como um ponto de sí conscio
No teu eterno Ser, unico, e o mesmo
De toda a Natureza?

„Mas meu corpo,

E esses corpos de fórmás mil diversas,
Divisiveis no espaço indivisivel,
Finitos no Infinito . . . o que são elles? . .
Serão teu resplendor? teu proprio corpo?
Tudo estará em ti, e tu em tudo? . .
Mas como o Necessario se nos mostra
Em tudo contingente? Como o Eterno
De transitorias fórmás se reveste? . .
Como o Infinito e Uno se dissolve
Em turbilhões multiplices de seres,
E continúa a ser Uno e Infinito? . . .
Serão phantasmas vãos do entendimento,
Pela acção illusoria dos sentidos,
Que dentro estão, e fóra se apresentam? . .

Mas quem o affirmará, estreme de erro? . .
Quantas contradicções! . . Onde a verdade? . .
Como a sciencia humana é limitada!

„Que mais posso eu suppor, deixando sôlta,
Por essas regiões vertiginosas,
A mente discorrer? . . Que mais? . . A tudo
Oppõe-se essa razão silenciosa,
Que é da verdade a luz. . . . Quantas theorias
Tão varias, tão sublimes, produziram
Esses da sabia Grecia altos engenhos,
No seu livre pensar; quantas a herdeira
Do seu genio e saber, a minha Italia
Tem dado ao mundo, que ella aclara e guia,
Todas, ah todas afaguei na mente
Devoradora, ardente, insaciavel,
Aqui e alli pousando, ávida sempre
De uma verdade, do seu bem mais caro;
Como de flor em flor errante abelha
Vai-lhes fruindo o mel! . . . Mas a verdade
Inda a procuro agora! . . Só reflexos
Multicoloridos, entre nuvens vagas,

A desvairar-me, relampejam, passam,
Deixando-me confuso! . . Ella me foge
Quando cuido abraçal-a. . . Sempre occulta
Aos olhos dos mortaes! Que intelligencia
Contel-a poderá? . . . Quem a conhece? . . .
Só Deos! . . Só Deos!“

Foi um arranco d'alma!
Um espontaneo grito! . . Assim dizendo,
N'um movimento rapido, instinctivo,
O pensador erguêo a fronte, e os olhos. . .
Mas ah! não vio o céo! . . Espessos muros
Do tenebroso carcer lh'o vedavam.
Mas esse grito d'alma os céos o ouviram.



II.

A CRENÇA.

Como que exhausta e languida a cabeça
Caio-lhe sobre o peito, descarnado
Co'os jejuns da masmorra, e as dolorosas
Longas noites de insomnia!.. A intonsa grenha
Ante os fechados olhos lhe pendia
Emmaranhada, como o interno enleio
De contrarias idéas que o assaltaram.
Abysmado a pensar, ao mais estranho,
Parecia dormir.

Eis de repente
Plácida luz, as trevas dissipando,
Esclarecêo do ergastulo os horrores!

E elle do seu langor desperto e pasmo,
Sem ter ouvido retinir ferrolhos,
Ranger os gonzos das pesadas portas,
Vio ante sí o vulto majestoso
De um Monge de alta fronte veneranda,
Em alvo manto envolto! . . A longa barba,
E os cabellos de prata pareciam.
Sobre o peito uma cruz. . . A caridade
No compassivo olhar lhe reçumava.
A nobreza do aspecto, a sancta calma
Das sublimes feições, a transparencia
Da desmaiada tez, tudo lhe dava
A apparencia de um ente sobre-humano!

De assombro e de prazer arrebatado,
A bocca semi-aberta, os olhos fixos,
Silencioso o preso o contemplava;
Indiciso talvez si realidade,
Ou si mera visão fosse esse vulto,
E temendo, co' um gesto ou co'a palavra,
Da grata apparição quebrar o encanto!

Grave e pausado a voz soltando o Monge,
Com piedosa inflexão assim fallou-lhe:

„Alguem já veio annunciar-te a morte;
Eu venho annunciar-te a vida eterna!

VANINI.

Ah! si m'a dèsses certa... ou só provavel, ...
Eu te beijara as mãos, e abençoara
Meus severos juizes, e a masmorra,
Em que viria achar a luz perdida
Dessa fé que se foi co'a minha infancia.

O MONGE.

E si tu, que tão sabio te apregoas,
Podesses arrancar-me d'alma a crença
Dessa vida futura, a Deos louvára,
Curvo a teus pés!

VANINI.

Porque? . . Grave remorso
Te faz temer um tribunal divino? . .

Com essas cans, com esse aspecto e manto,
Que te envolvem de sacra majestade,
A mundanas paixões ainda desejas
Dar desafôgo, e só te o impede a idéa
De uma justiça eterna, e inevitavel?
Ou por tal modo execras a existencia,
Que outra, melhor que fôra, a não quizeras,
E sómente o sonhal-a te angustia? . .
Que rigores, que duros sacrificios,
Essa sincera fé te impoz no claustro,
Que revoltado attenual-a queres,
Por amor da verdade, ou por vingança?

O MONGE.

Não, nada disso. A vida me não pesa,
Que me corre sem dor, sem sacrificios;
E a bondade de Deos, inexaurivel
Como a sua infinita omnipotencia,
Sobre os peccados meus me tranquillisa.
Mas a esperanza dessa gloria immensa,
Dessa vida immortal que não mereço,
Minha humildade exalta, e me confunde.

Como que só por ella a Deos me curvo,
Que só por ella o amo, e já desprezo
Esta vida terrena; e que sem ella,
Sem a esperança de um futuro premio,
Tibia a minha vontade e vacillante
Seus divinos preceitos não cumprira
Neste mundo de provas; como um filho
Que ao pai não obedece, e d'elle foge,
Si não vê certa a herança. E eu desejava,
Como o servo fiel, seguir constante
As leis do meu Senhor, sem esperança
De resgate e de premio; humilde amal-o
Longe dos olhos seus; morrer servindo-o,
E morrendo exaltar seu nome e gloria:
Bradando: — meu Senhor! tua grandeza
Não precisa de mim! Por um só dia
Que te amei nesta terra, eternamente
De mim te lembrarás. — Contento morro.

VANINI.

Como é bella a expressão do enthusiasmo,
E do mystico amor o ardente enlevo!

A tua voz me encanta, e me penetra
O coração convulso! . . Ha quanto tempo
Nenhum accento humano compassivo
Me veio consolar! . . Suspenso te ouço,
E os ossos meus já frios, e doridos
Pelos pesados ferros, estremecem,
De ineffavel prazer reanimados!
Quizera crer-te um mensageiro, um Anjo,
Para me resgatar do céu baixado! . .
Mas da virtude humana é grato nuncio
O homem pio que o infeliz conforta.
A tanto bem, que a tua voz me infunde,
Ingrato não serei, impio tentando
Perturbar tua fé, como a serpente
Que morde a mão que a afaga! . . Ah! não a impugno,
Antes quizera eu tel-a . . . Mas confesso,
Si tão grande esperança, que te inflamma,
Me confortasse o coração descrido,
Horrorosa me fôra a terrea estancia,
Mais do que esta masmorra, em que padeço
Immensas privações. . . Eu maldicera
Essa vida afanosa, enganadora,

Seus vãos prazeres, seus amores loucos,
Seus delirios de glória, seus cuidados,
E suas ambições, qu'eu só devera
N'uma lucta incessante ter vencido,
Para purificar-me, resistindo
A tantas seducções. . .

O MONGE.

Assim proclamas
Dessa sublime crença o sancto effeito! . .
E julgas ser um mal que os homens vençam
Suas loucas paixões? Que firmes créam
Na justiça de Deos além da campã?
Que a respeitem no mundo, em qualquer posto
Em que os collocou a Providencia,
Que seus esforços vê?

VANINI.

E quem podera,
Temendo sempre algum fatal desvio,
Tal existencia amar, ligar-se ao mundo,
E livre prolongar o seu desterro? . .

Morrer seria então ventura eximia! . .
Ah! si tal vida, bôa ou má, de provas,
Quaes nos depara caprichosa sorte,
Resignados é força supportal-a ;
Si neste mundo de trabalho e dores
Por modos varios labutar devemos,
Para alguns bens gozar que breve duram ;
Talvez por isso occulta providencia,
Segundo os fins a que destina os homens,
A uns concede, e a outros nega a crença
Dessa vida futura. — A mim negou-a.

O MONGE.

Não t'a negou, ah não! Es tu que a negas,
Pela sciencia van que te extravia,
Tão sublimes verdades pesquisando
Á escassa luz dos teus mortaes sentidos,
Que só dão transitorias apparencias. . .
Mas nesta escuridão, entre esses ferros,
A que dos homens te condemna o aresto,
Impio talvez, que excede á culpa a pena,
Sêde não tens dessa justiça recta,

Necessaria, infalível? — E onde achal-a
Senão em Deos? — Essas moraes desordens,
Que offendem a Razão que nos aclara,
Não te fazem prever ordem mais bella
N'uma mansão de paz? — E pôde o homem
Conceber para sí outra existencia,
N'um mundo ácima deste, mais perfeita,
Sem tão pesado corpo; — e essa idéa
Á força excederá da Omnipotencia
Do Eterno Criador? — Esse problema
Do ser o do não ser, que te atormenta,
E a quantos como tu n'elle meditam,
Será sem solução, um vão tormento
Pela tua vontade imaginado,
Para satisfazer terrenos gozos? . .
Não te diz elle, que a Razão eterna,
Que t'ó fez conceber, mostrar-te pôde
Essa fundamental, prima verdade,
Longe das illusões dos teus sentidos,
Só a este viver apropriados? . . .
Compara um grão de arêa ao sol radiante;
Não é tão grande a differença entre elles

Como a que vai, immensa, entre este globo,
E esses céos que milhões de astros povoam! . . .
E inuteis estarão, mortos, desertos
De intelligencias puras que os contemplem? . . .
E as nossas, que do céo o amor inflamma,
Na terra morrerão, sem que lá cheguem?
Que invencivel razão assim t'ó affirma? . . .
Si Deos, (mesmo esse Deos como imaginas,
Natureza fatal, ordem das cousas)
Pôde fazer-te apparecer pensando,
Conscio de tí, n'um monte de poeira;
Porque não poderá, rôto o instrumento,
Conservar a potencia que o animára,
Levant-a do pó, e ao céo erguel-a? . . .
Crês tu que uma alma intelligente e livre,
N'um ponto do Universo nasça e morra
De uma fôrma animal humilde serva? . . .
Porque pensas então? . . . Porque te elevas
Além das corporaes necessidades? . . .
E com essa mesquinha intelligencia
Queres medir a Omnipotencia Eterna? . . .
Quanta baixeza! quanto orgulho a um tempo!

VANINI.

Baixa e orgulho! . . e isso mesmo é o ho mem! . .
Tu discorres como eu, quando me esqueço
Que este corpo me pésa e me subjuga,
Que o seu mal é o meu, que os seus prazeres
Os meus prazeres são, e sua morte
Minha morte será. . .

O MONGE.

Errado, ao corpo

Attribues o que só por elle sentes,
E te attribues a morte, que é só d'elle.
Quando dessa mortal fôrma te esqueces,
É quando mais seguro te concentras
No teu ser immortal!

VANINI.

Bellos arroubos,

Momentaneos, de mystica poesia,
Que convicção não deixam.

O MONGE.

Mas que exaltam
O espirito immortal no mundo errante,
E lhe fazem prever o que é possivel!
E como queres tu, si não prevendo,
Attingir a verdade do futuro?

VANINI.

E que verdade servirá de base
A essa previsão?

O MONGE.

A pura essencia
Do pensamento, que ao Infinito se ergue,
E a prophetica voz da innata crença,
Que a van sciencia desmentir não pôde.

VANINI.

Do possivel ao ser vai um abysmo!

O MONGE.

E n'elle ficarás, até que as chammas

Da pyra que te espera, te libertem.“

Dice, e co'a luz sumio-se!

— Ah! não me fujas!

Brada aterrado o impio. „Inda um momento!

Essa luz. . . Quero ver-te! . . .“

Mais espessas

De novo as trevas a prisão enchiam,

Pesadas de silencio pavoroso!

Co'os olhos e os ouvidos o impio attento, .

O folego retendo, duvidoso,

Ainda o vulto procura, e os echos

De fugitivos passos, ou dos gonzos

De alguma porta que lhe dêsse ingresso. . .

Nada vio, nada ouviu! . . Silencio, trevas,

Como um manto da morte lhe gelavam

O oppresso coração!

— Seria um sonho?

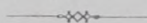
Perguntava a sí mesmo. . . Algum delirio

Da febril phantasia? . . ou de acordado
Milagrosa visão? . . . Piedoso Monge
Com benigna intensão, e fé sincera,
Quiz talvez com tal arte convencer-me?“

.

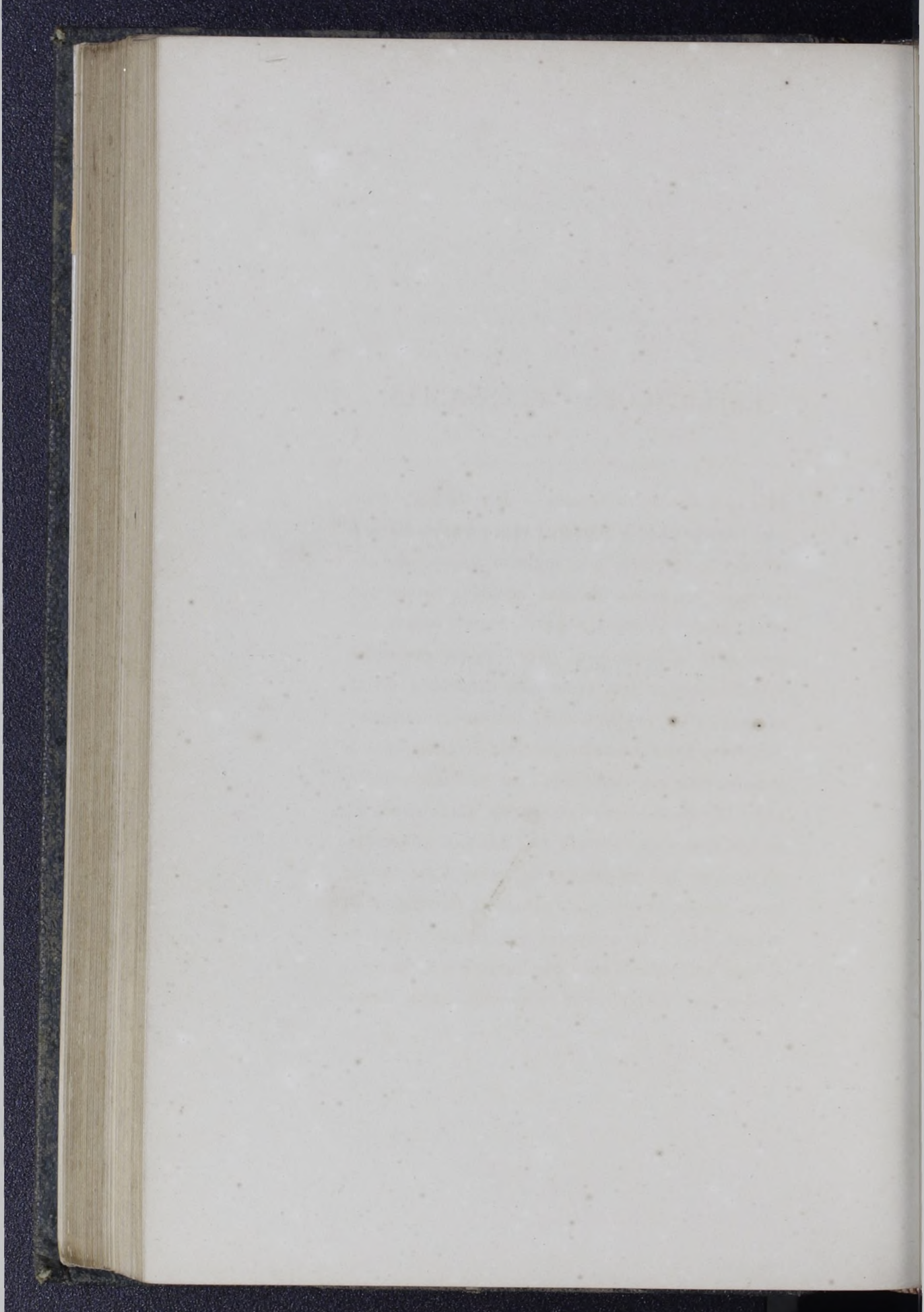
.

E uma voz resoou: — Vel-o-has bem cedo!



A PREDICÇÃO DE CAZOTTE.

EPISODIO HISTORICO.



EXPLICAÇÕES NECESSARIAS.

Mui raro é entre os homens o dom da prophecia, e os poucos que o possuem nem sempre claro e infallivel o revelam; que, segundo parece, não depende o prophetizar de uma faculdade normal que esteja sempre prompta, e pelo exercicio como qualquer outra se desenvolva. Dahi vem que os crentes consideram esse dom como uma inspiração divina especial, e os scepticos d'elle duvidam, e o negam; porque os homens amestrados pela Sciencia tendem sempre, mais por cautela que por instincto natural, a duvidar de tudo que lhes parece fazer excepção ás leis geraes da natureza que lhes são conhecidas. Si os que sonham fossem tão raros como os que prophetizam, os que não sonhassem duvidariam do mesmo modo das narrações que aquelles fizessem do seu involuntario imaginar durante o somno, que lhes pareceria impossivel; e não falta quem, mesmo

vendo, duvide da lucidez de alguns somnambulos, que tambem ás vezes prophetizam. Entretanto, sem sair da natureza mesma do espirito humano, e para dar uma satisfação á Sciencia, poder-se-ia considerar a previsão prophetica como dependente de uma exaltação da faculdade racional de induzir, ou da faculdade instinctiva de presentir, de que todas as criaturas humanas são dotadas; que não ha ali quem não tenha seus palpites de vagos presentimentos, ou lampos de previsões; ou melhor ainda, talvez dependa da acção extraordinaria e harmonica dessas duas faculdades reunidas.

Confesso porém que não dou por cabalmente explicada desse modo a capacidade de prophetizar, principalmente quando a previsão excede a todos os dados da inducção. Uma condição extraordinaria e anormal é sempre necessaria á inspiração prophética. Sem pretender elucidar aqui esta questão de Psychologia, o facto é que o espirito humano possui em certos casos a faculdade de prever; que os antigos tinham os seus prophetas, adivinhos e oraculos, e que a historia, tanto a sagrada como a profana, está cheia de notaveis casos de previsões.

Nenhuma porém me parece tão extraordinaria, pela clareza, precisão e circumstancias, como esta

de Cazotte, sobre a revolução franceza; predicção testemunhada pelo critico Laharpe, que todos os litteratos conhecem; e não ha razão para dal-o por suspeito, tanto mais que outros o confirmam neste ponto.

Parecêo-me esta prophesia, pelo seu terrivel maravilhoso, e pelas pessoas illustres que n'ella entram, offerecer bello e não vulgar assumpto á uma composição poetica, sendo esta a fôrma mais conveniente para annunciar taes maravilhas.

Realizando a minha idéa, tive o maior cuidado em não alterar em cousa alguma essas predicções, que relato na mesma ordem, e quasi com as mesmas palavras de Laharpe, apenas metrificando-as. Nesse ponto não admitti invenção alguma; limitando-me na minha composição a acrescentar alguns toques nos accessorios do quadro, para mais realçar as figuras, que são as mesmas mencionadas por Laharpe.

Como nem todos os meus leitores conhecerão talvez esses nomes historicos, e estimarão conhecê-los, julgo acertado dar-lhes aqui mesmo algumas noticias biographicas sobre elles, em vez de notas finaes; e dal-as-hei na mesma ordem em que esses nomes apparecem nesta composição.

A predicção foi feita em 1788 em uma grande reunião, depois de um lauto jantar. Cazotte tinha

então 68 annos de idade: era um litterato de grande imaginação, e tão bom poeta que muitos dos seus versos foram no seu tempo attribuidos a Voltaire. Publicou varias Novellas, e Contos, entre os quaes um intitulado. — O Diabo amoroso. Nos ultimos annos da sua vida entrou para a seita dos Illuminados. Morrêo victima da revolução em 1792.

Chamfort era um distincto poeta e litterato, membro da Academia franceza, e secretario do Principe de Condé: compoz varias comedias, tragedias, contos, elogios historicos, e outras obras, das quaes algumas se imprimiram em 5 volumes.

O Marquez de Condorcêt era um grande geometra, e philosopho; secretario perpetuo da Academia franceza, para a qual entrou na idade de 26 annos, tão grande era o seu merito. Escrevêo muitas obras, que se imprimiram em 21 volumes. A mais geralmente conhecida é o seu — Bosquejo dos progressos do espirito humano, na qual elle expõe as suas idéas sobre a perfectibilidade progressiva do genero humano, de que faço allusão em seu devido logar.

Vicq d'Azyr, que no verso escrevo Vieque d'Azyr, como se pronuncia, era um medico, e litterato de grande reputação; ensinou Anatomia em

Pariz. Os seus bellos elogios historicos, e outras obras scientificas se imprimiram em 6 volumes.

De Nicolai, descendente de uma familia de homens illustres, era um distincto litterato, e primeiro presidente de um dos Tribunaes de Pariz, e membro da Academia.

Bailly, era um sabio e litterato de grande nomeada; escreveu a Historia da Astronomia antiga e moderna, e outras muitas obras litterarias. Foi elle que fez o Relatorio sobre a doutrina de Mesmer, apresentado á Academia de França, e tão citado nos nossos dias pelos que se occupam de Magnetismo animal. Foi Maire de Pariz, e mui considerado no primeiro periodo da revolução.

De Malesherbes occupou grandes logares em França, sempre com muita honra e dignidade. Foi Ministro de Luiz XVI em 1775, e segunda vez em 1787. Sabio e prudente Conselheiro, não foi escutado pelo seu Monarcha. Vivendo retirado, e já na idade de 72 annos, teve a coragem de pedir para defender o Rei, traduzido perante a Convenção Nacional; o que fez do modo o mais honroso e pathetico. Era tambem um distincto litterato, e ha d'elle algumas Memorias historicas.

Roucher era um bom poeta. Compoz um poema em 12 cantos, intitulado os Mezes, muito apreciado no seu tempo; e traduzio em francez a Riqueza das Nações de Smith, e elle mesmo se occupava de Economia politica.

Laharpe, que refere como testemunha de vista as predicções de Cazotte, e que n'ellas se inclue, é um critico, e escriptor polygrapho geralmente conhecido de todos os litteratos, O seu grande Curso de Litteratura em 16 volumes dêo-lhe tão grande nomeada que o chamaram o Quintiliano francez. Partidista das idéas impias dos philosophos do seu tempo, convertêo-se depois á Religião; e talvez para isso concorresse o ver realisadas todas as prophecias de Cazotte, de que antes se rira.

Quanto a Duqueza de Grammont, a Rainha Maria Antonieta, e o Rei Luiz XVI de França, os seus titulos historicos dispensam maiores explicações. O fim que todos elles tiveram, ver-se-ha na Predicção. Quanto a deosa da Razão, os que leram a historia da revolução franceza, sabem que, abolido nesse tempo o culto catholico, estabeleceu-se o da deosa da Razão.

É quanto basta para que melhor se aprecie a Predicção de Cazotte.

A PREDICÇÃO DE CAZOTTE.

EPISODIO HISTORICO.

Antes que o mundo horrorisado visse
A tremenda explosão da Gallia irada,
Que o throno submergio no regio sangue,
E em sangue fez nadar convulsa a Europa;
N'um palacio ducal, do sena ás margens,
Após lauto festim, nobres convivas,
Varões e Donas da mais alta stirpe,
Sabios, poetas, afamados todos,
Em fraternal colloquio se entretinham.

Acordes no pensar, e mais acordes
Pelo prazer que as libações inspiram,

Á França ainda curva ao velho jugo,
Pronosticavam gloriosos dias,
Pela completa, social reforma,
Qu'elles, seguindo de Voltaire o exemplo,
Sem sangue e commoções lhe preparavam,
Só a luz da razão mostrando ás turbas
Pelas superstições escravizadas.

Sincero era o desejo, o fim humano;
Mas os homens melhor seu mal conhecem
Do que sabem lhe dar suave cura.
E grande era esse mal, amontoado
Em longos annos de oppressão corrupta,
Que a descer, e a lastrar tudo abalára,
Profundas reacções já provocando.

Em tão preclara e amavel sociedade,
O poeta Chamfort, entre os applausos
Que na esplendida sala retumbavam,
Seus libertinos contos repetia,
Sem que ás damas corasse o pejo as faces.

Nesse geral bolicio, entre esses risos,
Os chistes, e os applausos que ondulavam
De grupo em grupo, afervorando os gozos,
Um só conviva merencorio estava,
Sentado a um canto, solitario, immovel,
Ouvindo e vendo co'um sorriso amargo,
Lá comsigo a pensar. — Era Cazotte,
De poetica, ardente phantasia,
E espirito subtil, que algumas vezes
Sem premeditação, involuntario,
Em prophetico arroubo se exaltava;
E a quem essa phalange esclarecida
Compassiva chamava — o illuminado!

Já cançado de ouvir, ou impellido
Por essa estranha força que o agitava,
N'um impeto se erguêo como inspirado,
Mas severo de aspecto, o olhar sombrio,
E a fatídica voz do peito alçando,
Assim grave fallou:

— Vereis, Senhores,
Vós todos que me ouvis, vereis bem cedo

Dessas bellas theorias o triumpho,
E os fructos que darão . . . Vereis a França
Regenerada e livre, aos pés quebrando
Os ferros dos tyrannos . . . Destruídos
Os altares vereis do Fanatismo,
E a deosa da razão vereis alçada,
Dignos cultos da França recebendo!“

Ironicos sorrisos, e motejos
Provocou sua voz: — Que perspicacia!
Que estranha predicção! Que novidade!
Isso qualquer prevê sem ser propheta!“
E assim todos alli o escarneciam,
Sem que a fina ironia lhe attingissem.

— Sim, qualquer o prevê! . . . Embora! Ouvi-me,
Que ainda tudo não dice. E o mais excede
Ás vossas previsões . . . Ouvi agora
O que ha de certo acontecer a todos
Quantos estão aqui. —

„Vejamoz isso!

Exclamou Condorcêt. Não desagrada

A um philosopho o encontro de um propheta,
E o ver como se exprime o Delphio nume
Em linguagem moderna, entre descritos.

— Marquez de Condorcet, sabio profundo,
Que o progresso sonhais indifinito
Da triste Especie Humana, . . . sobre as lages
De um carcer morrereis — envenenado
Por vossas proprias mãos; — que nesse tempo,
Mais previdente que hoje, andareis sempre
De um seguro veneno apercebido,
Com que vos furtareis ao Cadafalso!“

Espanto e horror causou a inesperada,
Tremenda predicção, nesse auditorio
Tão nobre e tão gentil! . . . Mas logo todos,
Descrentes, o prazer reanimando,
A sorrir, entre sí apuridavam:
„O bom Cazotte ás vezes se descuida:
Sonha acordado: . . . causa pena: . . . é louco!“

Vexado Condorcet, porém fingindo
Desdenhoso sarcasmo, perguntou-lhe:
„Onde fostes achar, caro Cazotte,
Para matar-me assim tão cruamente,
Ergastulos, patibulos, algozes,
E afinal um veneno . . . e o suicidio? . . .
Como na vossa ardente phantasia,
Que engenhosa nos dêo o lindo conto
Do Diabo amoroso, assim agora
Tão tétrico ligaes esses horrores
Co' o reino da razão?“

— É que em seu nome
Tudo então se fará . . . De Deos os templos
Desertos estarão . . . Os seus altares
Quebrados, e sem culto . . . Os seus ministros
Perseguidos e mortos . . . Toda a França
Nesse tempo terá por novo nume
A deosa da razão. —

„E vós por certo
Não queimareis incenso em suas aras

Como seu sacerdote! —

— Assim o espero.

Mas vós, Senhor Chamfort, que galhofeiro
Me motejais; vós que sereis um d'elles,
E mui digno de o ser; vós nesse tempo,
Para fugir ao estavel Cadafalso,
Na prisão vos dareis vinte e dous golpes
Com a vossa navalha . . . e após semanas,
Dos golpes morrereis! —

„Morro picado!

E que lenta agonia me deseja
O nosso bom amigo!“

„Alguem sorrio-se

Ao lado do propheta, que prosegue:
— Docto Vicque d'Azyr, que o corpo humano
Tão habil dissecais; vós que ora rides,
Não abrireis vós mesmo as vossas veias,
Mas por estranhas mãos fareis abril-as
Seis vezes n'um só dia; e nessa noite

Exangue morrereis . . . E vós, Senhores,
De Nicolai, Bailly, de Malesherbes,
Todos tres — morrereis no Cadafalso.“

Então bradou Roucher: „Deos! que exterminio!
Que horrenda execução de homens illustres!
Este Augur declarou, sanguisedento,
Guerra de morte a toda a Academia,
E quer d'ella fazer uma hecatombe
Aos deoses infernaes, que a luz odeam.
Mas parece que eu cá fico de fóra?“

— Não; tambem morrereis no Cadafalso!—

E todos a gritar: Ninguem escapa.
Isto é caso pensado: é odio antigo:
Jurou tudo acabar.

— Não, meus Senhores,
Nada eu jurei.—

„Então hordas selvagens
De Tartaros talvez nos ameçam!

Cairá sobre nós toda a Turquia?
Nova invasão de barbaros teremos?

— Não, já vos dice. Então sereis regidos
Pelas leis da razão . . . Vossos algozes
Fallarão como vós . . . Terão nos peitos
O amor da humanidade . . . Nos seus labios
Perennes soarão as mesmas phrases.
E maximas que ha pouco proferistes;
Voltaire e Diderot serão seus vates,
E a Pucella d'Orleans sua poesia!“

Começou um susurro entre os convivas,
Apprehensivos talvez, ou desgostosos.
Qual o fazia victima assaltada
De repentino accesso de loucura,
E allegava em signal seu ar tão serio,
E esse olhar inspirado. Qual suppunha
Que elle zombava, e, como sempre, unia
O sobre-natural ao seu brinquedo.
„Sim, replicou Chamfort; mas neste caso

O seu maravilhoso excede ás regras,
E começa a causar um triste effeito;
É mui patibular . . . Senhor Cazotte,
E quando se ha de realisar tudo isso?
Não podereis tambem prever o prazo?“

— Seis annos não se irão, e quanto digo
Consummado estará! —

„Vejam! milagre!

E duvidem agora! Assim Laharpe
A sorrir exclamou.“ E vós propheta,
Que do destino o véo rompeis a todos,
Em nada me metteis?

— Por um milagre
E bem extraordinario! —

„Tambem temos
Milagres por ahi?“

— Sim; nesse tempo
Sereis christão! —

„Christão? Bradaram todos,
Christão Laharpe! É bem achada a graça!“
E Chamfort a zombar: „Então seguros
Estamos todos nós; si a este mundo
Não temos de dizer o adeos eterno
Senão depois que tal milagre virmos,
Seremos immortaes! Estamos salvos!
Vede o quê ides fazer, Senhor Laharpe!
Tendes em vossas mãos nossos destinos!“

Attenta tudo ouvira a graciosa
Duqueza de Grammont, e apprehensiva,
Dice, fingindo crer só por facecia:
„Felizes somos nós, que não entramos
Nessas revoluções; de longe apenas
Tomamos parte n'ellas, mas sem risco;
Graças ao nosso sexo.

— O vosso sexo

Desta vez não terá maior indulto.
Debalde evitareis entrar na lice.

Sem o menor respeito, como aos homens,
Vos tratarão, Senhoras, de igual modo.“

„Que horror! Mas que dizeis, Senhor Cazotte?
Vindes hoje pregar o fim do mundo!“

— Não sei; mas o que é certo, é que altas damas,
Muitas vossas iguaes, nobre Duqueza,
Co' as mãos presas atraz, ao Cadafalso
Na carreta do algoz irão — comvosco.“

„Commigo? grande Deos! . . . Causais-me medo
Com o vosso ar tão serio! . . . Mas espero
Que nesse caso ao menos me concedam
Um carro funeral de lucto envolto.“

— Não o espereis, Duqueza. Nesse tempo
Todos serão iguaes. Damas mais nobres
Conduzidas serão nessa carreta,
E, como vós, co'as mãos atraz ligadas.“

„Damas mais nobres! Quem? Serão Princezas,

E Princezas de sangue?“

— Ainda mais alta! —

Neste ponto o rumor a voz cobrio-lhe;
Parecendo excessiva a zombaria,
Que além do permittido se arrojava
Mesmo á Rainha! . . . O rosto assombrou-se
Do senhor da mansão. Enleados todos
Não sabiam pôr fim a tal brinquedo.
A dama de Grammont mais resoluta,
Sem relevar a idéa que attingira,
Assim arrematou: „Vereis, Senhores,
Que um confessor me não darão ao menos!“

— E de certo que não, nobre Duqueza!
Não o tereis, nem mais pessoa alguma.
Um condemnado só tel-o-ha, por graça,
E o ultimo será. —

„Quem o ditoso,
Que gozará de tal prerogativa?“

— E a unica será que lhe concedam. —

„Quem será esse então ?

— O Rei de França!!!

„Basta! basta!“ A gritar se alçaram todos.

„Não mais, Senhor Cazotte!“ Assim lhe dice
Infiado o nobre dono do palacio.

„Fazeis durar de mais o vosso drama,
Triste assaz para a nossa sociedade,
Que acata como deve o Rei, e a Côrte.

Sem nada responder, pállido e frio,
Por essa inspiração que dentro ardendo,
Lhe concentrára a vida, ia Cazotte
Retirar-se dalli, deixando a todos
Mudos de confusão . . . Mas a Duqueza
Sempre discreta, e de lembranças promptas,
Querendo realegrar a sociedade,
Co'um desfecho que o riso provocasse,

Solerte apostrophou:

„Senhor propheta,


Vós que a todos dizeis a buena-dicha,
Nada dizeis de vós? Seccou-se a musa?
A graça está no fim; nós a esperamos.“

Olhando para o chão, como vexado,
Ou indiciso si fallar devia,
Ou talvez aguardando que ante os olhos
Se lhe rasgasse o véo da propria sina,
Pensou um pouco, e sacudindo a fronte,
Como si o seu futuro o horrorizasse,
No mesmo tom de voz assim Cazotte
Concluiu: — De Jerusalem no assedio,
Narrado por Josepho, vio-se um homem
Sette dias correr emtorno aos muros,
Entre os seus defensores e inimigos,
Sempre a bradar com voz trovejadora:
„Guai de Jerusalem! — e no setteno:
„Guai de Jerusalem! . . . Guai de mim mesmo!
Então enorme pedra, arremessada

De uma das inimigas catapultas,
Caío sobre elle, e o estendêo por terra
Morto, em pedaços! . . . Eu serei esse homem!“

.

E tudo acontecêo como elle dice,
E no previsto prazo! . . . A historia o prova,
Do tempo em que o terror reinava em França.



A TEMPESTADE NOCTURNA.

Como é medonha a voz da tempestade
Na solidão da noite, — perturbando
Da Natureza o somno! . . . Horrido Nume,
Dos abysmos dos céos arremessado,
Sólto parece na amplidão do espaço,
Ameaçar o mundo! . . . As negras azas
Monstruosas dilata, e rijo as bate
Com tremendo estridor, que longe atrôa!
Rôtos os ares no arremesso infrene
Da célera abalada, se revolvem
Turbinosos rugindo, ou já soltando
Asperrimos gemidos! . . . Lá serpejam

Fuzis vermelhos, retalhando os flancos
Dessas montanhas de alterosas trevas,
E tremulos relampagos fulguram
Com furtivo clarão, que o horror redobra,
Após deixando a cerração mais negra.
Lá rebenta o trovão, que se prolonga
Pela celeste abóbada rolando,
Com echo pavoroso, em rouca escala
De alternados rebombos!... Treme a terra
Ao choque ingente desse Oceano aéreo
De encapelladas nuvens, que se esbroam,
E jorrando o diluvio, a terra inundam!

Um gaz ethéreo, imponderavel fluido,
Que os sentidos humanos não alcançam,
Assim aterrorisa a Natureza!
Um subtil sopro assim convulsa o Orbe!
E na sua expansão vertiginosa
Podéra a terra reduzir em fumo,
Si o não tolhesse a poderosa Dextra,
Que essas forças occultas equilibra!

E o que são ellas? Donde veem? . . . Acaso
Como as almas humanas, voluntarias,
Essas forças, que inertes corpos movem,
O móto lhes darão por proprio arbitrio?
E quando lhes apraz, ou irasciveis,
Do Universo a harmonia perturbando,
Em mutua guerra seu furor redobram?
Paixões teem ellas que applacar desejem,
E, satisfeitas, ao lethargo voltam?
Oh não! . . . Submissas obedecem cegas
Ás leis que ignoram, permanentes, sabias,
Da Eterna Omnipotencia que as dirige.

Ao som aterrador do cataclysmo,
De elementos subtis horrenda orchestra,
Que o susto embebe nos gelados peitos,
Uma harmonica voz n'alma resôa,
Mais sublime que a voz da tempestade,
E n'um hymno se exhala: — ha Deos, bradando!

Essa altísona voz, que em nós se exalça,
Echo não é das vibrações do medo,

Que aos pés do algoz a victima acobarda;
É a voz paternal que falla ao filho,
E a esperança e o amor mais lhe aviventa.
Mudo fôra o trovão, inerte o raio,
Sem luz o sol, sem vida a Natureza,
Nada o nome de Deos pronunciára,
Si Deos mesmo á nossa alma o não dicesse,
Pela voz da razão, que só comprehende
Essa excelsa harmonia dos sentidos!

Ouve, minha alma, a voz da tempestade,
Do Poema de Deos sublime estrophe,
E cheia de respeito a fronte inclina.

Encontro-me a Papae
Lendo esta poesia, a
muito, na sala de jantar, a
r. João Teodoro, 19, em Mogi Mirim,
em 1923.

251

A VOZ PATERNAL.

Brincai, brincai, meus filhinhos!
Que vós sois os meus Anjinhos,
Que me ajudais a viver.
Quando nos vossos brinquedos
Assim vos vejo tão ledos,
Sinto-me em vós renascer.

Nada vos causa tristeza;
O passado vos não pesa,
Nem do futuro o pensar;
Sempre n'alma o paraíso,
Nos lábios sempre o sorriso,
Felizes, sempre a brincar!

Vossos gozos variando,
A terna mãe afagando,
Uma historia lhe pedis;
Cadaqual lhe toma um braço,
E ao calor do seu regaço,
A ouvir seus contos, dormis.

Doce viver da innocencia,
Bella aurora da existencia,
Que tão de pressa te vais!
Após virão tristes dias,
Os afans, as agonias,
O pranto, as dores, e os ais!

Como vós brincaís agora,
Assim eu brinquei outr'ora,
Assim tambem eu dormi;
Sentindo um grato consolo,
Deitado no brando collo
Da terna mãe que perdi.


Oh lembranças tão saudosas!
Que me soltais dolorosas
O pranto do coração!
Eis nesta idade cançada
Como nos vem magoada
A maior consolação!

Já não pôde haver ventura
Para a triste criatura
Que vê da vida o transpor:
A cada idéa, o passado,
Sem futuro, contristado,
Lhe converte o riso em dor.

A sorrir, brincar vos vejo,
E a vossa alegria invejo,
Que só a innocencia a dá.
Mas ella se foi co'a infancia,
Co'a candidez da ignorancia,
E nunca mais voltará.

Nunca mais! . . E essas lembranças,
Que nos veem sem esperanças,
São todas para affligir.
Si do que soffri me esqueço,
Em vós pensando, padeço
Pelos males do porvir.

Nesta existencia molesta
Eis o bem que só me resta:
Vossa infancia proteger.
Brincai, brincai, meus filhinhos!
Que vós sois os meus Anjinhos
Que me ajudais a viver.



A GUERRA CIVIL

DOS

ESTADOS-UNIDOS DA AMERICA.

1863.

Causava assombro ao Orbe essa tão forte
União de homens livres, qual não vira
Igual nenhuma idade; levantada
Á egregia voz do Heróe do Novo Mundo,
Que no raro despego e altas virtudes
Rival só teve em Roma, em Cincinnato.
Seu grande nome radiante e puro,
Como um civico emblema, ou sacro iman,
No Centro protector se eternisára,
Para mais apertar-lhe o sancto amplexo.

Era grande e potente, o nobre orgulho
Dos livres corações americanos,

E a inveja do Europêo, que não se exime
Da tutela dos Reis . . . As suas Aguias,
Adejando entre estrellas, devassavam,
Numerosas, os mais longiquos mares,
De um pólo a outro pólo; veneradas
De todas as Nações; pingues trocando
As riquezas da paz . . . Já de seus filhos,
Tão afanosos inimigos do ocio,
Preclaros nomes, ás sciencias gratos,
Nos congressos dos sabios resoavam.
A França, vencedora em mil batalhas,
Só a quizera amiga, e lhe estendia
A mão que a espada e a penna igual sustenta.
A soberba Albião, calando mágoas,
Despeitos de vencido, odios de inveja,
Como irmã, sua igual a respeitava,
Não ousando, jamais, mostrar-lhe o orgulho,
Que tão pesado só reserva aos fracos.

Nação nenhuma poderosa e grande
Esse colosso assoberbar quizera,
E o peso supportar-lhe em ardua lucta.

Era a gloria, o padrão da liberdade:
Era do esforço humano a maravilha;
Dos livres corações era o Palladio!

E agora? . . . oh dor! Eil-a a bramir furente,
Rôto o nó da União pela discordia,
Que lhe destronca e dilacera os membros!
De horror ao vê-la se congela o sangue
Nos peitos livres, que ainda ao longe a amavam!
Filhos, irmãos, e pais, uns contra os outros
Praguejando, de colera inflamados,
Em impia lucta se travaram cegos!

Ao grito horrendo da intestina guerra,
Que crebro a rebramar retumba ao longe,
Da morte as forjas com furor se accendem.
As armas corre a juventude em ondas,
Fugindo aos braços maternas, convulsos,
À industria, aos Lycêos, ás artes bellas;
Correm turbas agricolas, deixando
Inutil o arado nos desertos campos;
E em cerradas phalanges, tumultuarias,

Como bulcões lá vão talando as veigas,
Que da paz o suor fertilizára!
Lá vão pejadas de trovões e raios,
Ultrices semear mortes, ruínas
Nos recintos das praças, sobre os tectos
De cidades, outr'ora florescentes,
Onde furor igual enrija os peitos,
E o bronze atroador seu odio exhala!

O mar, os rios a gemer se apremam
De nutantes vulcões, de ferreas naves,
Que se abalroam, vomitando lavas.
E o sangue em lagos a coalhar-se;... e os mortos
Em montes a tombar; . . . Hostes inteiras
Como espessas florestas fulminadas;
Nada applaca o furor! . . . Outras se elevam!
E os gigantes da paz, outr'ora unidos,
Luctam gigantes no furor e no odio!

O mundo estremeceô ao choque ingente,
Que inopinado a industria perturbou-lhe,
Aos filhos do labor o pão roubando.

As almas livres de vergonha choram;
Pasmadas as Nações na insania os deixam;
Triumpham a inveja, que sorri-se e applaude,
E os asseclas dos despotas exultam
Ao ver suicidar-se a Liberdade!

Oh Manes de Franklin! Manes de Washington!
Vede cheios de horror os netos vossos,
Que fraticidas, em sangrenta lucta,
Os nós romperam da União sublime!
Consternados chorai sobre essa Patria,
Que lhes deixastes grande e livre! . . e ingratos
Co'a espada da discordia os peitos lhe abrem;
E indelevel será de sangue o sulco!

Oh Manes de Franklin! Manes de Washington!
As vossas maldições lançai sobre elles!

Maldições sobre vós, ímpios senhores
Dessa raça de Cam, curvada ao jugo
Pela vossa cubiça e sede de ouro!
Maldições sobre vós, que entre manadas

De Africanos adustos, meditaveis
Tyrannos dominar o livre solo,
Regando-o co' o suor de vís escravos!
Maldições sobre vós, que os vossos peitos
Endurecestes nesse trato infame,
Que conculca a Moral, e a Deos offende.

Mesmo na terra nunca o crime do homem
Triumphá impune; já pejado nasce
Da propria punição, que em dado tempo
Apparece fatal! . . . Como a semente
De venenoso fructo, o mal germina,
Cresce, corrompe, e mata. Os que o toleram,
Réos, padecem iguaes! . . . Imprescriptiveis
São as Divinas Leis que os homens regem!
Da proscripta moral eis o castigo!
E os crimes das Nações só sangue os lava.

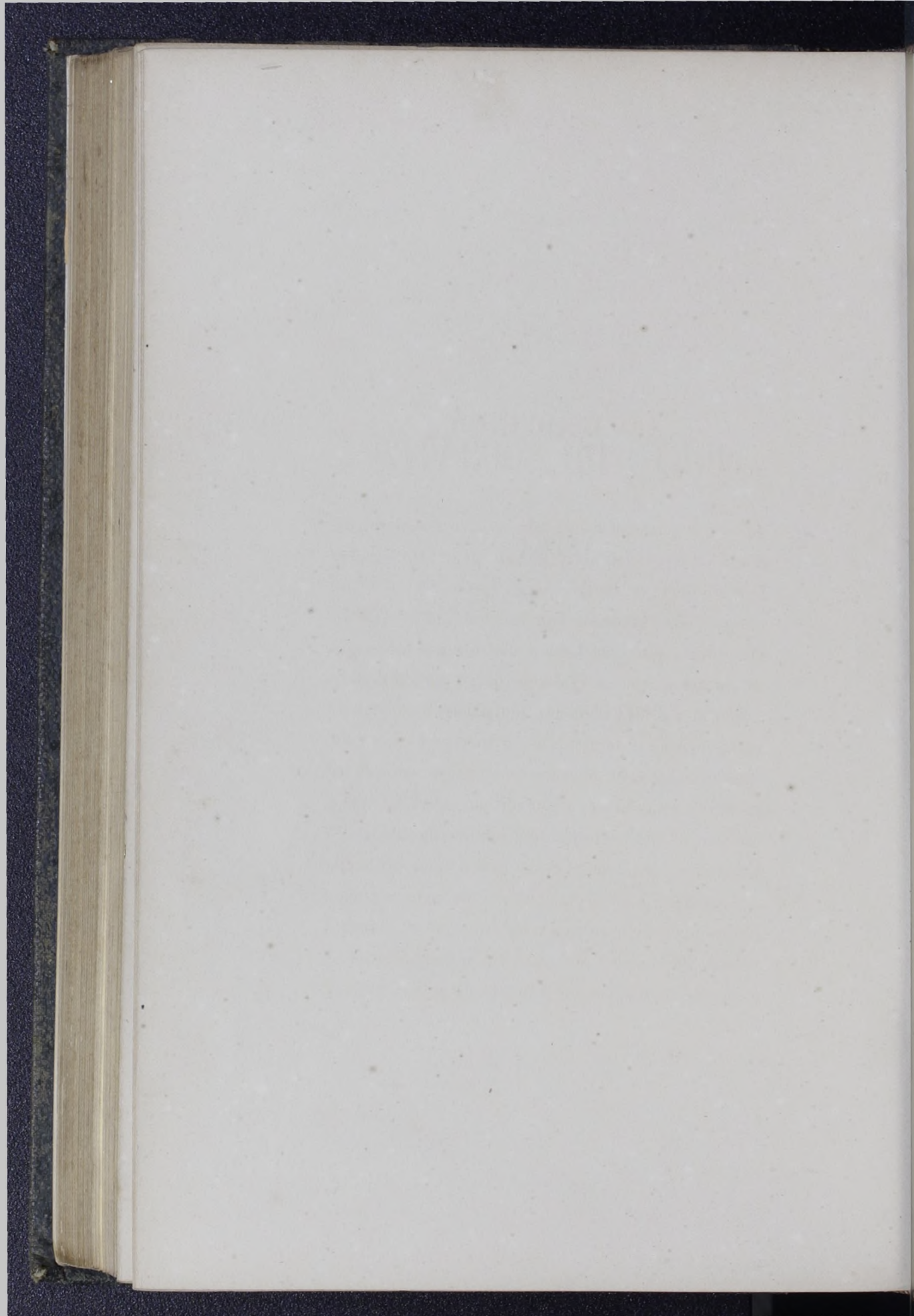
MORTE DE SOCRATES.

POEMA

DE Mr. DE LAMARTINE.

TRADUZIDO

EM VERSOS PORTUGUEZES.



DO TRADUCTOR.

Já este Poema era conhecido na Europa, sem que d'elle eu tivesse noticia, quando pela primeira vez li o Phédon de Platão. Quão joven era eu nesse tempo! Tão encantado fiquei com a doutrina do divino philosopho, tão tocado dos ultimos momentos de Socrates, que na exaltação de minha alma, dada á Poesia e á Metaphysica, tentei pagar um tributo de admiração e de respeito ao martyr da verdade. Absorvia-me este pensamento; tracei um plano; escrevi alguns versos; quando por um feliz acaso me veio ás mãos este Cantico sublime do illustre De Lamartine, de quem eu então nem o nome conhecia.

Achei o meu poeta, como tinha achado o meu philosopho. Sempre tive para mim, que os elevados vãos da Philosophia espiritalista eram mui proprios para exaltar e accender a mente do poeta; como o

rastejar do materialismo para abatel-a, e amisqui-nhal-a. Eu me aprazia na minha juventude com Yung, Harvey, Klopstok, e Caldas, e nunca achei graça nesses poetas que arrastam a Poesia pelos lupanares, e orgias.

Ao ler estes versos de ineffavel belleza, tão cheios de vida, e tão perfumados de unção religiosa, batia-me o coração em um extasi divino, como a Mallebranche ao ler Descartes. Reconheci que devia desistir da minha primeira idéa, na impossibilidade de adejar tão alto. Devendo tratar o mesmo assumpto, beber na mesma fonte, representar as mesmas figuras, expôr as mesmas idéas, de necessidade, e sem querer, pareceria plagiar; tanto mais que desde então já nenhum outro plano me agradava, senão aquelle que tinha diante dos olhos. Oh! quantas vezes desejei não ter lido este Poema, que me tirava o animo de realizar o meu intento. Os moços, como as mulheres, facilmente se previnem, e difficilmente encaram o objecto por muitos lados. Quanto mais lia este Cantico, tanto mais bello me parecia elle; afinal já não pude resistir á tentação de o traduzir. Alguns annos se passaram depois que verti os primeiros trinta versos: faltava-me o tempo e a paciencia; que não é cousa tão

facil como parece traduzir bem em verso. Outros pensamentos e cuidados me attrahiam a attenção. Mas na Provincia do Rio-grande do Sul, em algumas horas vagas que me restavam dos negocios publicos, lançei-me á obra, para suavisar os dissabores da ausencia dos meus amigos do Rio de Janeiro, e fazer esquecer a aridez prosaica dos trabalhos da Secretaria do Governo, a cuja testa me achava, durante a Presidencia afadigada do Ex^{mo}. Marechal Marquez de Caxias, meu illustre amigo, que á frente do Exercito andava percorrendo essas vastas campinas, na heroica empreza de pacificar a Provincia, devastada pela guerra civil; do que lhe resultou immortal gloria.

Esmerei-me o mais que pude em conservar a frescura do colorido original, e esses toques ligeiros e transparentes do Mestre, sem estragar a sublimidade dos pensamentos, e a belleza das inagens. Si o consegui, ou não, outros que o digam, si se derem á pena de confrontar a copia com o original. Mas quando mesmo não achem os criticos digno de louvor o meu trabalho, que não emprehendi para merecer louvores, senão para encher honestamente algumas horas ociosas, tão copiosas são as bellezas deste Poema, tão elevados os pensamentos, tão

sublime a moral, que ao travez da copia sempre apparecerão com algum brilho, para encantar as almas nobres, que, enfastiadas da sensualidade desta vida prosaica, se aprazem alguns momentos com os arroubos da pura e sancta Poesia.

Cidade de Porto-alegre — 1845.



ADVERTENCIA.

Si a Poesia não é uma van combinação de sons, é sem duvida a mais sublime fôrma de que se póde revestir o pensamento humano. Ella tira da musica essa qualidade indefinivel da harmonia que denominam celeste, por lhe não poderem dar mais adequado nome; fallando aos sentidos pela cadencia dos sons, e á alma pela elevação e energia do sentido, ella se apodera do homem todo inteiro, e o encanta, arreбата, fascina, e n'elle exalta o principio divino: ella lhe faz sentir por um momento esse que de mais que humano, pelo que a chamam a lingua dos deoses.

Pelo menos é a lingua dos philosophos, si a Philosophia é o que deve ser, o mais alto gráo de

elevação do pensamento humano, a razão divinizada. A Metaphysica e a Poesia são duas irmãs, ou antes uma só cousa são; sendo uma o bello ideal no pensamento, e a outra o bello ideal na expressão, para que separal-as? Para que seccar uma, e aviltar a outra? Tem porventura o homem em abundancia esses dons celestes, para a seu prazer privar-se d'elles? Terá medo de dar demasiada energia á sua alma, reunindo essas duas potencias? Ah! sempre e bem depressa recairá elle nas formulas, e nos pensamentos vulgares! A sublime Philosophia, e a Poesia digna de tal nome, são revelações rapidas, que veem raras vezes interromper a triste monotonia dos seculos: o bello em todos os generos não é o estado natural, nem de todos os dias neste valle de lagrimas; é um relampago desse mundo invisivel, a que a alma ás vezes se eleva, mas onde não habita. Estas reflexões nos parecem mui proprias para desculpar ao menos o auctor deste Fragmento de haver tentado harmonisar a Poesia e a Metaphysica das bellas doutrinas do sabio dos sabios. Posto que esta composição tenha o nome de Socrates, n'ella

transpira entretanto uma *Philosophia* mais adiantada, e como uma prelibação do *Christianismo* prestes a desabrochar. Si algum homem merecia que com anticipação se lhe attribuissem essas sublimes inspirações, esse homem é *Socrates*.

Toda a sua vida combatêo elle o imperio dos sentidos, que *Christo* veio destruir; sua *Philosophia* era toda religiosa; humilde, porque elle a sentia inspirada: era placida, tolerante, resignada; ella tinha adivinhado a unidade de *Deos*, a immortalidade d'alma, e ainda mais, si devemos crer nos commentarios de *Platão*, e em algumas palavras escapadas dessas duas boccas sublimes. O homem tinha chegado até onde podia chegar: uma revelação era necessaria, para que elle dêsse ainda um passo immenso. Sentia *Socrates* essa necessidade; elle a indicava, e a preparava com os seus discursos, com a sua vida, e com a sua morte. Digno era elle de a entrever nos seus ultimos momentos; em uma palavra: elle era inspirado; elle nol-o diz, e nol-o repete. E porque duvidariamos crer na palavra do homem que dava sua vida por amor da verdade?

Ha porventura muitos testemunhos que valham a palavra de Socrates no momento de morrer? Sim, sem duvida, elle era inspirado; era um precursor desta revelação definitiva que Deos preparava de tempo em tempo com revelações parciaes. Porquanto, a verdade e a sabedoria não saiem de nós; ellas descem do céo aos corações escolhidos, e suscitados por Deos segundo as necessidades dos tempos. Deos as semeava aqui e alli, e as espalhava gotta á gotta, para dar sómente o conhecimento e o desejo, até o momento em que devia com ellas plenamente saciar-nos.

Independentemente da sublimidade da doutrina que Socrates annunciava, sua morte era um quadro digno da vista dos homens e do céo; elle morria sem odio contra os seus perseguidores, victima de suas virtudes, offerecendo-se em holocausto á verdade. Podia defender-se; podia renegar; e o não quiz; seria isso mentir ao Deos que n'elle fallava; e nada annuncia que o orgulho viesse alterar a pureza, e a belleza deste sublime sacrificio. Suas palavras, referidas por Platão, são tão simplés no fim do seu

ultimo dia, como no meio da sua vida: a solemnidade desse grande momento da morte não dá ás suas expressões rijeza, ou fraqueza; obedecendo com amor á vontade dos deoses, que elle se apraz a reconhecer em tudo, o seu ultimo dia em nada difere dos outros dias, senão em não ter dia seguinte. Com seus amigos continuá elle o objecto da conversação na vespera encetada; bebe a cicuta como qualquer ordinaria bebida; deita-se para morrer, como o faria para dormir; tão certo que ha deoses em todos os tempos, e por toda parte, e que vai acordar no seio d'elles.

O poeta não interrompêo o seu Canto com as circumstancias assaz conhecidas do julgamento, e com as longas dissertações de Socrates e de seus amigos: não cantou senão as ultimas horas, e as ultimas palavras do philosopho, ou ao menos as palavras que lhe elle attribue. Nós o imitaremos, e contentar-nos-hemos com lembrar o proscenio aos leitores.

Socrates, condemnado a morrer por suas opiniões religiosas, esperava a morte havia muitos dias;

mas só devia beber a cicuta no momento em que estivesse de volta no porto de Athenas o navio que todos os annos se enviava á Delos em honra de The-sêo. É este navio, a que denominavam Theoria, que ao longe se devisa no momento em que começa o Poema. O servente dos Onze era um escravo desse Tribunal, destinado ao serviço dos presos até a execução da sentença

Servir-nos-hemos para as notas, tiradas todas de Platão, da admiravel traducção de Platão por Mr. Cousin; este philosopho digno de explicar um tal Mestre, para fazer corar o nosso seculo de seus vergonhosos e degradantes sophismas, depois de tel-o chamado ás mais nobres theorias do espiritalismo, teve a feliz idéa de revelar-lhe a sabedoria antiga em toda a sua graça e belleza. Achando a Philosophia do nosso tempo ainda envolta nos andrajos do materialismo, elle lhe mostra Socrates, e parece dizer-lhe: Vê o que tu és! e eis o que tu foste

A MORTE DE SOCRATES.

La vérité, c'est Dieu!

Sobre o tope do Hyméto o sol se erguia,
Ao templo de Thesêo dourando o cimo,
E nos muros do Pártenon batendo,
Deslizava á prisão adeos furtivo.
Aurea poppa no mar ao som boiava (1)
De sacros hymnos, o Pyrêo buscando:
Era o fatal baixel, em seu retorno,
Nuncio do ultimo dia aos condemnados.
Mas prohibia a lei dar-lhes a morte
Emquanto illuminasse o sol a Ionia,
Por que não profanassem olhos vagos
Os raios seus, aos vivos destinados,

Ou que o infeliz, as palpebras cerrando,
A vida e a luz a um tempo não carpisse . . .
Tal o proscripto dos avitos campos
Se aparta antes que a aurora os céos aclare.

No portico vagando, alguns amigos (2)
Tristes á espera estavam que acordasse
De Sophronisco o filho. Sua esposa,
Tendo ao collo o filhinho, cuja dextra
Brincava co'os ferrolhos, e accusando
O lentor de insensíveis carcereiros,
Batia co'a cabeça ás bronzeas portas.
O vulgo, pouco attento a taes queixumes,
Qual seu mal, perguntava de passagem,
E o caminho interrupto proseguindo,
Os longos atrios apinhando em grupos,
Os publicos boatos recolhia,
De altares, e de deoses blasphemados,
De um culto novo, corruptor dos jovens,
E desse Deos sem nome, á Grecia estranho.
Talvez fosse algum louco, ou monstro ousado,

Mais outro Orestes, pelos deoses cego.
Que recebia emfim tardia pena,
E a terra em sacrificio ao céo devia?!
Socrates! — e eras tu, t que em ferros preso,
Á justiça, e á verdade e immolavas!

Alfim rangeram da prisão os gonzos;
E os amigos a passos vagarosos,
Olhos no chão, as portas enfiaram.
Mas Socrates, lançando a vista ás ondas,
Uma vela indicou em via á Délos:
— Vedes no mar aquella poppa flórida?
É o sacro baixel, feliz Theoria! (3)
Saudemol-a; essa vela é minha morte!
Com ella vai minha alma entrar no porto.
Fallai comtudo, e que este augusto dia
Corra em nossa palestra igual aos outros. (4)
Não regeitemos do festim os restos,
Os bens celestes té ao fim gozemos.
A não feliz, já da derrota ao termo,
Da praia á vista, não suspende o rumo;

Mas de flores ornada, e as velas pandas,
Cantando abica ao porto que a convida.

„Dizem os vates, que antes da hora extrema,
Com harmonicos sons se carpe o cysne.
Amigos, tal não ha: os céos doaram
Mais nobre instincto ao passaro canoro.
A alma pendente desse bello corpo,
Deixando as ribas do risonho Eurotas,
Para um mundo encantado se ergue, e vôa,
Vê o dia raiar da Eternidade,
E com tal vista, em extasi suave,
De morrer para a terra o canto exhala.
Vós que vindes ouvir-me juncto á campa,
Tambem sou cysne, morro, e cantar posso.“

Nisto soaram no ambito os soluços,
E os amigos o circulo apertaram.
— Pois que vais para nós morrer tão cedo,
Falla sobre a esperanza, e a vida eterna.

„Sim, dice elle; retirem-se as mulheres,

Que seus suspiros nos quebrantam a alma.
É mister, desdenhando o horror da campa,
Com passo firme entrar n'um novo mundo.“

„Sabeis que desde a infancia muitas vezes
Genio ignoto inspirou-me a sapiencia,
E de um mundo porvir as leis mostrou-me.
Seria nessa voz um Deos occulto?
Sombra amiga em segredo me inspirava?
O echo do porvir? . . . Do vate a Musa? . . .
Nada sei; mas quem baixo me fallava,
Depois que ao termo meu veloz caminho,
Em alta voz me falla, e me consola.
Prompto lhe reconheço a voz divina.
Ou que a alma esquiva ao sensual tumulto,
Em mais recolhimento ouvil-a possa;
Ou que antes, olvidando o sol cadente,
Minha alma, já suspensa no futuro,
Melhor distinga o som desse outro mundo;
Como o barqueiro, á tarde, entregue ás ondas,
Á medida que voga, e a praia alcança,
Melhor distingue a voz que n'ella sôa:

Esse amigo invisível me não deixa;
De seus accents tenho o ouvido cheio.
Hoje na minha voz sua voz falla;
Ouvi-me, amigos! não sou eu, . . . é elle! . . .“

Calmo e sereno, os olhos rutilantes,
Fez Socrates signal que se assentassem;
A esse signal mudo obedeceram,
E em silencio no leito se assentaram.
Symmias descêo seu manto sobre os olhos;
Crítton no olhar os céos interrogava;
Cebes curvou a merencoria fronte;
Sardonico sorrindo-se Anaxágoras
Parecia invejar a sorte ao sabio,
Rir da fortuna, e provocar a morte.
O Servente dos Onze, recostado
Na bronzea porta, e os braços encruzados,
De duvida e piedade combatido,
Murmurava: — a que serve-lhe a virtude?
Phédon, chorando o amigo mais que o sabio,
Na esparsa coma o rosto seu occulto,
Juncto ao funebre leito, aos pés do mestre,

Como um filho os joelhos lhe abraçava;
Ao amigo adorado erguia os olhos,
Corava de chorar, . . e mais chorava.

Entretanto a terrena dor ao sabio
Não ousava alterar a cor e os gestos.
Seu alto olhar dirias ler bem longe.
Sua bocca, pousada de almo riso,
Já prestes a fallar meia se abria.
Seu ouvido escutava o ignoto amigo.
Já do outono tocados os cabellos
O cingiam de pallida corôa,
E pelas auras matinaes ondeantes
Deslizavam-lhe á fronte alvos reflexos.
Mas nessa fronte, em que a alma se mostrava,
O sublime pensar lhe transluzia.
Tal, ao travez do bronze, ou do alabastro,
A transparente lampada espargindo
Sobre o altar froxos raios moribundos,
Mão-grado as sombras seu fulgor ostenta,
E de lucida auréola os toca, e tinge.
Qual na vela que vai de foz em fóra

Pregam-se os olhos, tal nessa alta fronte
Dos amigos os olhos se fixavam,
E em seu olhar suspensos, reprimindo
O fôlego, que mal se percebia,
Pela ultima vez o contemplavam,
Como para não mais a voz ouvir-lhe.
Qual ao sopro de Eólo ás vagas se abrem,
Sofregos aguardavam seu discurso.
Emfim o olhar descêo do céo sobre elles,
E co'um sorriso habitual lhes dice :

„Que! chorais? vós chorais, quando minha alma,
Qual puro incenso que a Vestal inflamma,
Já quasi livre do pesado corpo,
Vai aos deoses subir, e em grato enlevo,
Saudando o dia eterno, que entrevia,
Procurar a verdade, e conhecel-a?! . . .
Senão para morrer, porque vivemos?
Porque me apraz soffrer pela justiça?
Porque neste morrer, que viver chamam, (5)
Posto que oppressa, combatêo minha alma
Co'as vís inclinações, e os seus sentidos?

„Que fôra da virtude sem a morte? . .
Premio é ella do afan, celeste c'róa
Que o alto Juiz nos dá no fim do corso;
De Jupiter a voz que a sí nos chama.
Ah! saudemol-a, amigos; eu a escuto! . .
Posso, da vida disputando uns restos,
Fazer que o céo a ordem me repita;
Mas preservem-me os deoses que eu tal faça!
Elles me chamam, como escravo acorro.
Si me amais, qual se usa em duplex festa,
Ungi vossos cabellos de perfumes;
Alçai offrendas da prisão nos muros,
E de verde festão a fronte ornada,
Como um joven esposo a quem a turba
Conduz após o banho ao nupcial leito,
O gynecêo semeando de alvas flôres,
Da morte aos braços pela mão levai-me.

„Que é pois morrer? — Quebrar o nó infame,
Adultero hymenêo da terra e d'alma,
Despojar-se, na campa, de um vil peso!
Morrer não é morrer, — é transformar-se!

Emquanto o homem vive preso ao corpo,
Languidamente ao bem se arrasta apenas,
E pelos vis pendores transviado
Perde a verdade, ou vacillante a segue.
Mas quem já toca á suspirada méta,
Vê a aurora brilhar do eterno dia;
Como um raio da tarde ao céo subindo,
Do céo reflecte, e se remonta aos deoses,
E bebendo do nectar que o inebria
A longos sôrvos, a viver começa
Desde o dia feliz da sua morte.“

— Mas morrer é soffrer; e o soffrimento
De certo que é um mal. —

„Quem sabe, amigos?

E quando a fatal hora, consagrada
Como um grande holocausto pelo sangue,
Fosse um supplicio do immolado corpo,
Não é de um mal que todo bem começa?
Sai do inverno o verão, da noite o dia; (6)
Ligou Deos mesmo esta eternal cadeia;

Nós á vida com dor gerados fomos ;
E o transitó feliz, que os fracos temem,
É para a Eternidade um nascimento.

„Mas quem pôde sondar da morte o arcano ?
Deos poz-lhe o dedo nos sublimes labios !
Quem sabe si a alma com prazer ou pena
Dubia lhe cai nas mãos, que a esperam certas ?
Eu, que inda vivo, nada sei; mas penso
Que este silencio algum mysterio encobre :
Que a bondade dos deoses indulgentes
Até na morte occulta algum deleite ;
Bem como o Amor os corações ferindo
Mil vezes o prazer no pranto esconde.“

Cebes descrente a tal dizer sorrio-se :
„Sabel-o-hei cedo“ — replicou-lhe o sabio.

„Sim, o primo saudar do homem ao dia,
Quando aureo raio vem beijar-lhe as palpebras ;
A voz do objecto amado á lyra unida ;
O perfume fugaz que a taça exhala ;

„Do ósculo o sabor, quando nas trevas
Busca o amante co'os errantes labios
Os labios de seu bem; ah sim, tudo isso
É aos nossos sentidos menos grato
Que o primo enlevo do homem virtuoso,
Remido pela morte; e enquanto a terra
As cinzas lhe recolhe, elle elevado,
Em seu vôo fugindo, até se esquece
De dar ao mundo o eterno adeos! O mundo,
Deslumbrado ante Deos, desaparece.“

— Que! para renascer morrer só basta?

„Não. Deve a alma livrar-se dos sentidos,
As mortaes propensões vencer luctando,
E ser a nossa vida longa morte.
Vida é combate, a morte é a victoria,
E a terra o nosso altar expiatorio,
Onde da carne despojando-se o homem,
Deve ao fogo lançar as torpes vestes,
Antes de ir off'recer no altar propicio
Pura vida a Deos puro em holocausto.

„Esses que, vencedores dos sentidos,
Durante a curta vida subordinam
A materia ao espirito, e caminham
Dos ritos e das leis curvos ao peso;
Que interrogam a voz do Juiz interno;
Trilham a recta estrada ao vulgo ignota;
Servem aos deoses que a virtude outorgam;
Soffrem pela justiça corajosos;
Estimam a verdade, e emfim conquistam
Dos mimosos do céo a liberdade;
Esses sim, na abalada de um só vôo,
Da campa ao céo, onde não reina a morte,
Aos deoses e aos heróes irão junctar-se.

„Mas os que amando a carne mais que o espirito,
Estreitam a união d'alma aos sentidos,
E aos vis beijos do corpo a prostituem,
Como Leda em transportes vergonhosos;
Esses, si acaso um deos os não liberta,
Não cessam de viver além da morte;
Mas dos répfobos nós, qu'elles cerraram,
Não se soltam seus manes imperfeitos.

„Como suspensa Arachne em teia impura,
Sua alma com seu corpo confundida
Emvão busca quebrar os nós nefandos;
Conserva o corpo o amor que a alma lhe teve,
E co'os mirrados braços a comprime,
Lembrando-lhe o hymenêo que ella detesta.
Como o ar pesado que nos charcos dorme,
Seu vil peso a retém longe dos deoses.
Esses manes, nas trevas vagueando,
Funéreos gemem co'as nocturnas aves;
Emtorno as ruínas, urnas, e os sepulchros,
Arrastando do corpo os torpes restos,
Com pejo de viver, á luz fugindo,
Ness' hora em que a innocencia os olhos fecha,
Elles se escapam dos seus negros autros,
De manso, qual de noite os criminosos;
Erguem nas ondas boreaes auroras,
E sobre os montes pallidos metéoros;
Com sonhos máos o espirito nos cercam,
E os sacros bosques com seus gritos pejam;
Ou tristes assentados sobre um féretro,
Co'as mãos sangrentas escorando a fronte,

Choram seus crimes, invejando a victima;
Mas as almas dos bons jamais cá voltam.“

Calou-se: e Cebes só rompe o silencio:
— Guardem-me os deoses de offender a Esp'rança,
Esse nume que ao dia da ventura
Como o Amor nos conduz olhi-vendados.
Mas pois que tu como ella daqui vòas,
E estas são tuas ultimas palavras,
Falla, e permite, oh mestre, o interrogar-te,
Para instruir-me, e não por importuno.“
Socrates meigo dêo-lhe o sim co'a fronte;
E Cebes questionando assim discorre.

— Dizes tu que a alma vive alê m da campa.
Mas si a alma em nós é como a luz de um facho,
Consumida a materia dos sentidos,
Extincto o facho, a luz que é feito d'ella?
Clarão e facho se aniquilam ambos,
E tudo entra outra vez na mesma noite.
Si é aos sentidos a alma o que é á lyra,
Da dextra ao toque, o harmonioso acôrdo,

Quando os vermes, e o tempo o lenho estragam,
Quando entre os dedos geme a rôta corda,
E a joven bacchante aos pés esmaga
Da exhausta lyra os já quebrados nervos,
Que é do som dos acôrdos seus divinos?
Morre co' a lyra o som? e a alma co' o corpo?“

A tal dizer os sabios pensativos,
Sondando esse mysterio, as fronte curvam,
Buscam a solução, e a não descobrem;
E fallando entre sí, baixo murmuram:
— Morta a lyra, o que é feito da harmonia?“
E por seu genio Socrates espera.

Uma mão lhe apoiava o queixo; a outra
Sobre a fronte de Phédon passeava;
E no seu collo eburneo errando a esmo,
Lhe amimava passando a loura coma;
E tomando co'o dedo uma madeixa,
Que annelada no leito se estendia,
Fazia fluctuar as molles ondas
Sobre os joelhos seus, ou nesse dedo,

Distrahido enrolava os aureos fios.
Assim brincando o sabio discorria,
Como um velho divino que mistura
Co'os copos do festim a sapiencia.

„A alma, amigos, não é a luz incerta
Que nos aclara aqui pelos sentidos.
A alma é o olho immortal, que esta luz fraca
Vê despontar, crescer, e após extincta,
Outra vez renascer; que sempre o mesmo
Sente fóra de sí da vida o facho
Ir empallidecendo, até findar-se;
Tal como o olho mortal que, envolto em trevas,
Conserva o olhar, perdendo a claridade.

„Em nós a alma não é qual para a lyra,
Da dextra ao toque, o harmonioso acôrdo.
É o dedo divinal que unico a vibra;
O ouvido que seus ais, seu canto escuta;
O attento ouvinte, o invisivel genio,
Que a harmonia encadeia, ordena, e julga,
E que dos sons discordes dos sentidos

Fórma a mercê dos deoses diva orchestra.
Emvão a lyra morre, e o som se exhala,
A alma inda escuta entre as reliquias mudas.
Cebes, contente estás?“

— Sim, eu te creio;

És immortal! —

„Pois bem, vamos aos deoses.“

Já transmontava o sol, purpureando
Ondas e campos, e dizendo ao mundo
Um magnifico adeos, ir parecia
Do Eterno ao puro seio remontar-se.
Desciam os rebanhos do Taygétó,
E do Hyméto ao redor dormia a sombra:
Em aureo oceano o Citeron nadava.
O pescador no mar desde a alva errando,
Moderava o afan, chegando á praia,
E cantando ferrava as pandas velas.
Do bosque a flauta, e o canto sobre as ondas
Nos suspiros do ar a nós chegavam,
E vinham misturar-se co'os funéreos
Soluços nossos, como se mistura

Da tarde um raio ao negrejar da noite.

„Mais pressa, amigos! eis do banho a hora. (7)

Escravos, enchei d'agua o bronzeo vaso.

Victima pura offertar quero aos deoses.“

Dice; e entrando na urna murmurosa,

A agua lustral tomou co'as mãos unidas,

Como o sacrificante ao altar prática,

E entornando-a tres vezes sobre a fronte,

A fez correr tres vezes sobre o peito.

Depois co'um véo de purpura enxugando-a,

Os cabellos ungió; e assim fallou-nos:

„Deos olvidamos, no adorar-lhe a sombra!

Guarde-me Apollo de offender as Graças,

Ou a Hebe da vida despenseira;

Nem o carcaz de Amor, e a faxa de Iris,

Nem de Venus o cinto, que encadeia

Com sympathico nó a Natureza;

Nem o eterno Saturno, e o grande Jove,

E os mais deoses do céo, do ar, e da terra!

„Esses Entes, que o Olympo e o Elysio habitam,
São imagens por nós divinizadas
Do verdadeiro Deos; são do seu nome
Caracteres inscriptos na Natura,
Sombras que Deos projecta ao nosso espirito.
Por titulo tão sancto eu os adoro,
Como na aurora ao sol todos saúdam.
Ou talvez que esses deoses phantasiados,
Esse inferno, esse céo que a lyra canta,
Não sejam só do genio meros sonhos;
Mas grãos brilhantes da infinita escala,
Que separa, e reúne os astros todos,
Seres esparsos no Universo immenso.
Talvez, quem sabe? na extensão infinda,
Em tudo que se move uma alma exista:
Que estes astros que vemos rutilantes,
Sejam sóes vivos, e animados fogos;
Que o mar, que investe a praia espavorida,
Alma irritada em suas vagas role!
Que este ar nectareo, sôlto no céo puro,
Um espirito seja fluctuante
Sobre ceruleas, transparentes azas!

„O sol um olho que esta luz derrama;
A noite uma belleza pudibunda,
De palpebras cerradas; que emfim tudo,
No céo, na terra, em toda parte, seja
Intelligente, vivo, e tudo — um Deos! . .

„Porém em minha voz quasi a extinguir-se
Crede, amigos! Á cima desses deoses
Que attinge o nosso olhar, ha na Natura,
E no abysmo dos céos alguma cousa
Mysteriosa, obscura, a quem proclama
A razão, e a fatal necessidade;
Só vista pela fé, esse olho d'alma;
Aos dias coetanea, e á Eternidade!
Igual ao infinito na grandeza!
E só como a Unidade! Innominavel!
Inaccessivel do homem aos sentidos!
Seu primeiro attributo é ser occulto.
Hontem, hoje, amanhã, no espaço e tempo,
Desçamos, remontemos, e o encontramos!
O que vedes é sua Omnipotencia!
Sua sublime essencia o que pensamos!

Força, Verdade, Amor, Auctor de tudo,
Eis dos deoses o Deos! . . o Unico! . . o meu!“

— E o mal (diz Cebes) donde vem?

„Do crime,

Dos réprobos mortaes justo castigo.
Nasceram neste globo o mal e a morte
No mesmo dia: Deos os não conhece!
Ou que um iman fatal, culpavel chamma,
Á alma outr'ora attrahisse a vil materia;
Ou que a vida com laços poderosos
Una no mundo o espirito aos sentidos,
E de adultero amor os compenetre;
Por um grande mysterio unidos jazem!
Essa horrida união é o mal: e a morte,
Remedio e punição, com força a rompe.
Mas no instante que expira esse consorcio,
A alma sobre a materia o imperio assume,
E, da immortalidade á luz, se eleva
Ao mundo da ventura, e da verdade.“

— E tu conheces (perguntou-lhe Cebes)

Desse mundo invisível o caminho?

É pois elle a teus olhos accessível? —

„Amigo, eu o attinjo, e para vel-o . . .

— O qu'è mister? (diz Phédon)

„Morrer puro! . . .

„Ha n'um ponto do espaço, occulto aos homens, (8)
No céo, ou mesmo aqui onde ora estamos,
Outro mundo, outro céo; mansão Elysea,
Que regatos de mel não serpenteam,
Nem as almas dos bons, de Deos sedentas,
Lá se inebriam de um eterno néctar;
Mas onde vão os immortaes espiritos,
E os sanctos manes receber o premio
Da immolação dos corpos sobre a terra.
A umbrosa Tempe, e o Ménalo risonho,
Que as auras matinaes de odor circundam;
Os valles do Hemus, e esses fertes colles
Que o Eurotas murmurante enche de encantos;
E esta terra emfim tão cara aos vates,
Por quem o viajor a patria olvida;
Não se comparam á mansão ditosa,

Onde o olhar de Deos dá luz ás almas,
Onde essa luz jamais expira em noite,
Onde é vida e amor o ar que respiram,
Onde corpos de vida interminavel,
Ou sempre renascente, lhes submettem
Novos sentidos para gozos novos.*

— Pois que ! corpos no céo ? Co*a vida a morte ? . . .

„Sim; corpos transformados, que a alma exalta.

A alma comendo essas divinas vestes,
Nos orbes colhe a flor dos elementos:
O mais puro da vida, e da materia,
Da doce luz os transparentes raios,
Os reflexos subtis das brandas côres,
Os perfumes que a tarde ás flores rouba,
O som canoro que Favoneo amante
De noite extrai da vaga gemebunda,
A chamma que se exhala auri-cerulea,
O crystal fluvio em puro céo rolando,
O arrebol que em seus véos ostenta a aurora,
E a luz calma das tremulas estrellas;
Tudo unido em concerto harmonioso

Das mãos lhe sai, o corpo seu formando:
E a alma, que outr'ora escrava sobre a terra,
Co'os revoltos sentidos pleiteara,
De seus caprichos triumphante agora,
Sobre o mundo carnal sublime reina,
Para gozos sem fim os multiplica,
E brinca com o espaço, e o tempo, e a vida!

„Ora, para ir onde um desejo a chama,
A alma perfuma as azas de um Favoneo,
Co'um raio de Iris rapido as colora,
E ao céo, ao inferno, ao occaso, á aurora corre,
Qual uma abelha errante em toda parte,
Para ver, e beijar de Deos as obras!
Ora, ao plaastro lucifero da aurora
Prende um corcel, que a tempestade anima,
E nesses bellos ermos, semeados
De luzeiros errantes, procurando
Esses numes com quem sonhára outr'ora,
De systema em systema, e de astro em astro
Vôa, e se perde co'a alma que mais ama;
Segue do espaço os vastos labyrinthos,

E no seio de Deos stá sempre, e sempre!

„A alma, para manter seu ser divino,
A casta nutrição não pede aos corpos.
Nem o nectar vital da taça de Hebe,
Nem o aroma que o vento ás flores rouba,
Nem mesmo a libação em honra sua,
Podem a alma nutrir: ella só vive
De idéas, de desejos satisfeitos,
De puro amor, e de affeições sublimes,
Do seu ser immortal immortal pasto!
Graças a esses bens, que o céo prodíga,
Mantêm ella, e eterniza a vida sua,
E em virtude do amor eterno, póde
Multiplicar seu ser, criar mil seres.

„Pois, como os corpos, é fecunda a idéa!
Basta um desejo para encher um mundo!
E como o som pelo echo repetido,
Se propaga sem fim, e o espaço corre;
Ou como a chispa ephemera vagando,
Accende sobre o altar immortal chamma,

„Assim os puros seres attrahidos,
De almo amor de continuo penetrados,
Se buscam no infinito, e se confundem
N'um eternal amplexo, que os fecunda,
E povoando as regiões dos astros,
Prolongam pelo céo a prole sua.
Puro amor! sancto enlevo! casta chamma!
Beijos, que para sempre as almas unem!
Com que ligando-se o desejo eterno,
E a celeste belleza, um grito exhalam
De sublime prazer! Ah! si eu pudesse . . .“

.
Mas um rumor na abóbada retumba;
Tranquillo escuta o sabio interrompido;
Nós os olhos volvemos ao Occidente.
Ah! . . . era o sol que já do céo fugia!

.
Dos Onze o servo, os olhos seus voltando,
Propinou-lhe o veneno em bronzea taça.
O sabio a recebêo co'o rosto calmo,
E como um sacro dom na mão alçando-a,

Sem suspender a phrase derradeira,
Antes de a emboccar, poz termo á idéa.

No bojo dessa taça bordi-larga,
Que só vertêra do seu seio a morte,
Fundira o artista, na abrasada fragoa,
A historia de Psyché, symbolo d'alma.
E, da immortalidade o lindo emblema,
Eburnea borboleta, mergulhando
A ávida tromba na mortal bebida,
Servia de aza á taça, abrindo as suas.
Psyché, votada a Amor por seus maiores,
Deixando antes da aurora o excelso pouso,
Ia cercada de funerea pompa,
Como a morte tentar o hymenêo sancto.
Depois, só, assentada, em pranto, e curva,
Em ermo horrivel aguardava o esposo.
Sensível a seu mal Zephyro brando,
Como um desejo, inspiração celeste,
Enxugando-lhe o pranto co'um suspiro,
Dormente, em seu regaço, ao céo a erguia.

Dos hombros seus pendente a bella fronte
Deixava aos beijos d'Éolo as longas tranças.
Ao grato peso o Zephyro curvado,
Terno berço co'os braços lhe formava;
Co'o bafo ardente lhe roçava os cilios,
E a entregava a Amor, ciumento, e a custo.

Aqui o terno Amor em roseo leito
Abraçava Psyché toda tremente.
Ella cheia de assombro recebia
Seus beijos, sem ousar iguaes volver-lhe,
Que illudindo-lhe o affecto o ethéreo esposo
Sempre co'a luz fugia ao sacro leito.

Alli Psyché, instada do desejo,
Mal despojada dos seus véos nocturnos,
N'uma mão o punhal, e n'outra a lampada,
Por um simples olhar o amor expondo,
Temendo despertar do somno o amante,
N'um pé suspensa, ao leito se inclinava;
Reconhecera Amor, soltando um grito,
E a lampada na mão tremer se via.

Mas por desgraça a lampada inclinada,
Cair deixara ardente gotta de oleo
No peito nú do adormecido esposo.
O impaciente Amor meio desperto,
Mirava ora o punhal, ora essa gotta,
E irado ao céo se alava. Horrido emblema
De indiscretos desejos, que profanam
Os Immortaes, por vel-os de mui perto.

A virgem desta vez no mundo errando,
Chorava a perda do celeste amante ;
Mas de seu pranto Amor emfim tocado,
A falta perdoou-lhe. A feliz moça
Pelo esposo ao Olympto arrebatada,
Do deos nos labios absorvendo a vida,
Com timidez do céo se aproximava,
E alli Venus sorria aos seus encantos.
Assim pelo remorso a alma exaltada,
Vai no Elyseo reinar igual aos deoses.

Mas Socrates na mão o copo alçando :
„Offerremos primeiro aos summos deoses

Esta premissa da immortalidade!“
Dice; e o copo inclinando sobre a terra,
Como para poupar tão grato nectar,
Só duas gottas consagrou aos numes,
E sedento chegando o succo aos labios,
Lentamente o bebêo, co'o mesmo rosto;
Qual, deixando o festim, o convidado
Do vinho o resto deita no aureo copo,
E para que melhor o saboreie
Lento se inclina, e gotta a gotta o sorve.
Estendendo-se após no mortal leito,
Tranquillo proseguio no seu discurso.

„Esperemos nos deoses, crendo n'alma!
Do amor o fogo em nós alimentemos!
O amor é o iman dos mortaes e deoses;
Temor e dor profanam seus altares.
Quando o feliz resgate nos acena,
Ao céo soltemos da esperança o vôo.
Nada de triste adeos! nem ais! nem pranto!
A victima de flores se corôa!
De alegria e de amor a alma cingida,

Como em seu hymenêo aos deoses suba.
Eis os festões, e aromas preciosos,
As vozes, a sonata, e a melodia
Com que ao festim supremo a alma invitada,
Antes de alar-se ao céo, deve encantar-se.

„Erguei pois vossas frentes descoradas!
Não mais me pergunteis como enterrar-me;
Com que oleo ungir o que já foi meu corpo;
Onde, em que urna encerrar as minhas cinzas!
Que importa a vós e a mim que estes vis restos
Pasto sejam dos vermes, ou das chammas?
Que um frio pó, unido a mim outr'ora,
Seja lançado ao mar, ou nas gemonias?
Este vil corpo de elementos varios
Então será tanto eu como uma vaga,
Como uma folha que o aquilão sacode,
Como um lôdo enduredo em fórma humana,
Como a chamma da pyra ao ar lançada,
Ou como o pó que os pés na estrada movem.

„Mas, na partida, deixo á terra ingrata

Do que Socrates foi mais nobre espolio :
A vós virtudes, a Platão meu genio,
Minha alma aos deoses, minha vida a Mélito,
Como ao faminto cão, que á porta ganne,
Ao deixar-se o festim se lança um resto.“

Qual do remo, e das vagas triste arquejo
No mar se mescla ao canto da maruja,
Tal entretanto um funebre queixume
Lhe acompanhava a voz no umbral do carcer.
Ah! era Myrto, demandando o esposo,
Que o momento do adeos nol-a trazia!
Em desatino vinha e vacillante.
Tidos ás pregas do caudal vestido
Dous filhos de pés nús a ladeavam,
Seguindo-a em marcha incerta e accelerada.
Ella o pranto enxugava co'os cabellos,
Mas o pranto os encantos lhe murchava,
E a cor da morte lhe tingia as faces.
Parecia que a dor, não tendo imperio
N'alma do sabio, respeitava o homem,

Profanando a mulher! A tal aspecto,
Ella de espanto e amor senhoreada,
Sobre elle ternas lagrimas vertia.
Tal nas festas do deos que Venus chora,
Sobre o corpo de Adonis a bacchante,
Partícipe da dor de Cytheréa,
Terna lhe aquece as lagrimas de mármore.
Curvada, e com respeito, e leve o beija,
Como adorando o deos, por quem pranteia!
Socrates, em seus braços recebendo
Os tenros filhos, lhes beijou as faces
Orvalhadas, e em baixa voz fallou-lhes.
Uma lagrima vimos, foi a extrema,
Rolar de suas palpebras cerradas.
Depois co'os braços já desfallecidos
Aos deoses off'recêo os caros filhos:
„Cá lhes fui pai; e vós o sois no Olympo;
Morro eu, mas vós ficais! velai sobre elles;
Á vossa providencia os lego, oh deoses!“

Mas já nas veias o veneno infuso
Tolhia o gyro do gelado sangue.

Via-se ao coração, qual onda exausta,
A vida passo a passo concentrar-se.
Seus duros membros já sem cor, sem forças,
Imitavam o marmore de Paros.
Emvão sobre seus pés curvado Phédon
Co'o bafô ardente lhe aquecia o gelo.
Cabeça, mãos, e pés, tudo gelado,
Só d'elle nos restava a voz, e a alma!
Como a estatua, que após foi Galathéa,
Quando uma alma immortal roubada ao Olympo,
Á voz do amante ao marmore descendo,
No coração lhe embebe o sentimento;
E as palpebras abrindo á luz nascente,
Inda mulher não é, nem já é marmore!

Era da morte a triste majestade,
Ou da immortalidade o primo raio?
Com sublime belleza a fronte sua
Brilhava como a aurora sobre o Dídimo;
E o nosso olhar do seu adeos á espera,
Se intimidava, crendo ver um nume.

Ora, os olhos no céo, mudo sonhava,
E após soltando alma eloquencia em ondas,
Como de doce mosto o inebriado,
Cem vezes rompe do discurso o fio,
Ou, como Orphêo no escuro averno errando,
Com interrupta voz fallava ás sombras.

„Curvai-vos, oh cyprestes de Academus!
Curvai-vos, e chorai! (assim dizia)
Nunca mais o vereis!... Espúmea vaga
No mármore do Pirêo batendo solte
Chorosa voz! Os deoses o chamaram!
Não o sabeis?... Mas para onde em lucto
Seus amigos os passos encaminham?
Eis Cebes, e Platão, a esposa, os filhos!
Eis Phédon, esse filho de sua alma!
Furtivos elles vão á luz de Phebe
Chorar sobre uma campa ao mundo occulta,
E sobre a urna funebre se curvam
Como esperando que esta voz que amavam
Surja ainda uma vez das minhas cinzas.

„Sim, vou fallar-vos como outr'ora, amigos,
Quando, sobre meu leito reclinados,
Minha voz esperaveis... Mas quão longe
Foi-se esse tempo! E que distancia, oh deoses,
Poz, entre elles e mim, tão curta ausencia! . . .
Vós que tão longe procurais meus passos,
Erguei os olhos, vede! . . . Elles não me ouvem!
Porque esse lucto? Porque assim pranteam?
Poupa, oh Myrto, essas longas tranças louras! *)
Enxutos olhos a mim volve! . . . Myrto!
Platão! Cebes! Amigos! . . . Si soubesseis! . . .

„Oraculos, calai-vos! . . . Voz do Pórtico!
Cahí! . . . fugí, van luz da sciencia antiga!
Nuvens de falso brilho matizadas,
Diante da Verdade dissipai-vos!
De um mystico hymenêo surgir vai ella.
Esperai . . . um, dous, tres . . . mais quatro seculos,
E o seu divo clarão vindo dos ermos

*) Teve Socrates duas mulheres, Xantippa e Myrto.

O Universo encherá de immortal brilho!
E vós, sombras de Deos, que a face sua
Nos occultais . . . Phantasmas impostores,
Que em seu logar se adoram! deoses vivos,
Deoses de carne e sangue, mortaes deoses,
Vicios em torpes aras deificados,
Cytheréa, e Mercurio de azas de ouro,
Que impunes o adulterio e o roubo adoram;
Prole de Jove, grandes e pequenos,
Que encheis, manchais o ar, a terra, as aguas;
Inda algum tempo mais, e o vosso enxame
Co' o erro de roldão, do Olympo aluído,
Dará logar ao Deos unico e sancto,
O Deos que adoro, — e que não tem altares!

.
„Que arcanos revelados! Que harmonia!

.
„Mas quem pois eras tu, mystico Genio? ⁽⁹⁾
Tu, que a meus olhos escondendo o rosto,
Té ás portas do céo co'a voz me guiaste!
Tu, que a meu lado como uma ave amiga,
Co' o teu brando adejar me a fronte animas!

És tu deste remanso algum Apollo,
Ou de Amor enviado algum Mercurio?
Tens arco, ou lyra, ou caducêo? Responde!
Ou não és mais que um sancto pensamento?
Quemquer que sejas, vem, mortal, ou nume!
Antes de dar-te o meu adeos eterno,
Consente que eu descubra, e reconheça
Esse amigo que amou-me antes da vida;
Que eu possa emfim no termo do caminho
Meu guia agradecer, e a mão beijar-lhe.
Sai do brilhante véo qu'inda te occulta;
Vem!.. Mas que vejo!.. Oh verbo que eu adoro!
Raio coeternal! és tu que eu vejo? . . .
Encobre-te; .. ou segunda vez eu morro!.. (10)

.
„Ditoso quem nascer na sacra plaga,
Que as vagas do Erythrêo humildes beijam!
Lá se verá primeiro no horizonte
Desse astro da Razão erguer-se a aurora.
Volvei, amigos, ao Oriente os olhos!
A Verdade virá donde a luz nasce! . . .
Quem a trará? Tu, Verbo concebido!

Tu, que atravez dos tempos descortino!
Tu, cuja luz pelo porvir vibrada,
Vem-me aclarar no ápice da vida.
Vens! vives! morres merecida morte!
Que de toda verdade a morte é o premio!
Tua expirante voz no mundo ouvida
Perdida não será como a voz minha.
Não voltará ao céu voz do céu vinda;
O Universo em torpor te escuta, e marcha;
E o inigma do destino se revela!..

.
„Que!... e eu previ mysterio tão sublime!
Numero sancto! mystica Trindade!
Trig'no formado de Unidade trina!
Fórmãs, cores, e sons, e mesmo os numeros,
Tudo emblema de Deos, Deos me occultava!
Mas emfim para mim os véos cahiram!
Escutai!“ . . . Mas já nada se lhe ouvia.

Entretanto em seu peito o alento oppresso (11)
Que já sons lhe não dava ao pensamento,
Nos entre-abertos labios lhe morria;

Subito após, correndo, palpitava.
Tal prestes a descer ás patrias ribas
De um cysne que se poussa as azas batem.
Parecia que estava adormecido
Nos braços de algum sonho. O ardido Cebes
Curvado sobre o amigo, e revocando
A seus olhos essa alma que fugia,
Té nas bordas da campa o interrogava:

Dormes tu? (perguntou-lhe.) A morte é um sonho?
„Não... É um despertar.“

— Funebres sombras

Cobrem-te os olhos?

„Não... Surgir eu vejo
Das trevas um sol puro!“

— E tu não ouves

Gritos, gemidos?

„Não; só ouço um nome,
Que astros de ouro murmuram!“

— E o que sentes?

„O que sente a chrysalida no instante
Em que o árido espolio á terra dando,

E á luz da aurora abrindo os fracos olhos,
Ao sopro da manhã aos céos se eleva.“

— Não nos enganas? Dize: a alma existe?

„Sim; crê neste sorriso; ella não morre.“

— Que esperas mais para deixar o mundo?

„Como a não a partir espero um sopro.“

— Donde virá?

„Do céu!“

— Falla-me ainda.

„Não... Deixa empaz minha alma, que já vòá.“

.
Dice, e fechou os olhos para sempre,

E algum tempo ficou sem voz e alento.

De vida um falso raio errando ás vezes (12)

Com desmaiada purpura tingia

Sua pallida fronte. Assim no outono,

Quando no occaso o sol jaz mergulhado,

Raio esquecido d'entre as sombras surge,

E vai dourar os flancos de uma nuvem.

Por um momento respirou mais livre,

E co'um sorriso á flor dos labios dice:

„Peço que se offereça um sacrificio

Ao Deos libertador, que me ha curado.“

— De que? (perguntou Cebes.)

„Desta vida!“

Leve suspiro após roçou seus labios,
Qual de uma abelha d'Hibla o doce vôo.
Era, não sei, mas cheios de respeito
Como que outra alma nova em nós sentimos.

.

Qual ao toque do remo sobre as aguas
Se inclina o lyrio, assim essa cabeça
Sobre o seu peito languida pendia.
Seus cilios, pela morte mal cerrados,
Sobre os dormidos olhos repousavam,
Ainda parecendo em sua sombra
O silencio acolher, velar a idéa.
A voz, no ultimo arranco surpreendida,
Na bocca semi-aberta errar diceras;
E como que em seu rosto ermo de vida
Um eterno sorriso se fixava.
A mão, que o gesto habitual mantinha,
Inda mostrava o céu co'um dedo immovel.

E quando o doce olhar da aurora crástina,
As nevoas dissipando qu'ella esmalta,
Como um pharo em longinquo monte acceso,
Veio co'os arrebóes dourar-lhe o rosto,
Diceras que de lucto Cytheréa
Vinha ainda chorar o extincto amante;
Que a triste Phebe co'um funéreo raio
De noite a Endemião beijava o seio;
Ou que do céo voltára a alma do sabio
A contemplar a habitação terrena,
E visitaúdo o corpo que deixára,
Co'o seu fulgor de longe o embellecia,
Como um astro no puro céo brilhando,
Apraz-se a ver no mar o seu reflexo.

.
.

Não se ouviam alli queixas, suspiros!
Assim elle morrêo! . . . Si isto é morrer.

F I M.

NOTAS

SOBRE A MORTE DE SOCRATES.

Nota 1. Pag. 273, Ver. 5.

Aurea poppa no mar ao som boiava.

Echécrate 1.

Phédon, estavas tu ao lado de Socrates no dia em que elle, na prisão, bebo a cicuta, ou sómente ouviste fallar disso?

Phédon 2.

Com elle eu estava, Echécrate.

Echécrate.

O que dice elle nos seus ultimos momentos, e de que maneira morreo? Prazer teria eu em sabel-o; porque não temos agora em Phliunte pessôa alguma que faça a viagem de Athenas; e ha muito que não tem aqui apparecido nenhum Atheniense, que nos dê sobre isso circumstanciadas noticias; senão que

¹ Echécrate, de Phliunto, cidade de Syeyonia. É provavelmente o pythagorico de que falla Platão em sua IX. carta á Architas.

Veja-se Diog. Laer. liv. VIII, capit. 46. Jambl. (Vita Pythagorace, I, 36).

² Chefe da eschola d'Elis (veja-se Diog. Laercio II, 105).

elle morreo depois de ter bebido a cicuta. Nada mais nos poderam dizer.

Phédon.

Não soubeste pois do processo, e do como se passaram as cousas?

Echécrate.

Sim; alguma cousa nos diceram; e maravilhosos ficámos que não fosse executada a sentença senão muito tempo depois de dada. Qual foi a causa disso, Phédon?

Phédon.

Uma circumstancia particular. Aconteceo que na vespera do julgamento tivesse sido coroadada a poppa do navio que os Athenienses enviam todos os annos a Delos.

Echécrate.

E que navio é esse?

Phédon.

É, segundo dizem os Athenienses, o mesmo navio em que outr'ora Thesêo conduzio á Creta os sette jovens e as sette moças que elle salvou, salvando-se a sí tambem. Diz-se que os Athenienses na sua partida fizeram um voto a Apollo de enviar todos os annos uma theoria a Delos, si Thesêo e seus companheiros escapassem á morte; e desde então jamais deixam de cumprir esse voto. Ordena uma lei que a cidade esteja pura no tempo da theoria, e prohibe que se execute qualquer sentença de morte antes que o navio, de volta á Athenas, tenha

chegado de Delos; e algumas vezes, quando são contrarios os ventos, dura a viagem muito tempo. Começa a theoria logo que o sacerdote de Apollo corôa a poppa do navio; o que aconteceu, como dizia, na vespera do julgamento de Socrates. Eis porque decorreo tão longo intervallo entre a sentença e a morte.

Nota 2. Pag. 274, Ver. 5.

No portico vagando alguns amigos.

Echécrate.

Quem eram os que alli se achavam, Phédon?

Phédon.

Alguns compatriotas: Apollodoro, Critobulo, e seu pai Criton, Hermogenes ¹, Epigenes ², Eschino ³, e Antisthenes ⁴. Tambem alli se achavam Ctesippo ⁵ do burgo de Peanea, Menexenes ⁶ e alguns outros do paiz. Platão, creio, que então estava doente.

Echécrate.

E não havia alguns estrangeiros?

¹ Filho de Hipponicus (vede o Cratylo).

² Vede a Apologia. — Xenophonte, Memorab.

³ Auctor de tres Dialogos que nos foram conservados (vede a Apologia).

⁴ Chefe da Eschola cynica. (Diog. Laercio, liv. VI).

⁵ Veja-se o Entidemo e Lysis. — Peaná, burgo da tribu Pandionida.

⁶ Veja-se o Menexenes.

Phédon.

Sim; Simmias de Thebas, Cebes, e Phédontes ¹; e de Megara, Euclides ², e Terpsion ³.

Echécrate.

Aristippo ⁴, e Cleomboto ⁵ alli não estavam?

Phédon.

Não; dizia-se que estavam em Egina.

Echécrate.

E não havia outros mais?

Phédon.

Pouco mais ou menos creio que eram esses todos os que alli se achavam.

Echécrate.

Bem; e sobre que assumpto dizem elles que versou a conversação?

Nota 3. Pag. 275, Ver. 12.

É o sacro baixel, feliz Theoria!

Socrates.

Que noticias ha? Terá chegado de Delos o navio, a cuja volta devo morrer ⁶.

¹ De Thebas, e não de Cyrene como pretende Runkenius.

² Chefe da Eschola megárica. (Diog. Laercio, liv. II.)

³ Veja-se o Theetète.

⁴ De Cyrene, chefe da seita cyrenaica.

⁵ De Ambracia. Diz-se que elle depois de ler o Phédon, lançou-se no mar. (Callimacho Epig. 21.)

⁶ Veja-se o começo do Phédon.

Criton.

Não, ainda não; mas parece que hoje deve chegar, pelo que dizem as pessoas que veem de Sunium¹ onde o deixaram. Assim hoje sem falta aqui estará, e amanhã de manhã, Socrates, ser-te-ha necessario deixar a vida.

Socrates.

Tanto melhor, Criton; si tal é a vontade dos deoses, que se cumpra. Entretanto não penso que hoje elle aqui chegue.

Criton.

E porque?

Nota 4. Pag. 275, Ver. 16.

Corra em nossa palestra igual aos outros.

A accusação intentada contra Socrates, tal como existia ainda no segundo seculo da era christã em Athenas, no templo de Cybele, segundo refere Phavorinus, citado por Diogenes Laercio, apoiava-se em dous motivos: 1. que Socrates não acreditava na religião do Estado; 2. que elle corrompia a mocidade, isto é evidentemente, que elle ensinava á mocidade a não crer na religião do Estado.

Ora, a Apologia de Socrates não responde satisfactoriamente a estes dous pontos da accusação. Em logar de declarar que elle acredita na religião estabelecida, Socrates prova que não é athêo; em

¹ Sunium, promontorio d'Attica, defronte das Cyclades.

logar de mostrar que elle não ensina á mocidade a duvidar dos dogmas consagrados pela lei, protesta elle que sempre ensinou uma moral pura. Como defesa regular não se pôde negar que a Apologia de Socrates seja muito fraca.

E nem podia deixar de ser assim; porque fundada era a accusação. Comefeito, em uma ordem de cousas, cuja base é uma religião do Estado, não se pôde pensar como Socrates dessa religião, e publicar o que se pensa, sem lezar a essa religião, e sem, por conseguinte, perturbar o Estado, e provocar afinal uma revolução: e a prova é que, dous seculos depois, quando appareceo essa revolução, os seus mais zelosos partidarios, nos seus violentos ataques contra o paganismo, não fizeram senão repetir os argumentos de Socrates no *Euthyphron*. Hoje podemos isso confessar. Socrates não se eleva tanto como philosopho, senão com a condição de ser culpado como cidadão, tomando este titulo, e os deveres que elle impõe no sentido estricto, e segundo o espirito da antiguidade. Elle conhecia tão bem a sua posição, que, no começo da Apologia, declara que só se defende por obediencia á lei.

Nota 5. Pag. 280. Ver. 19.

Porque neste morrer, que viver chamam.

„Mas não se lisongeie de chegar á fileira dos deoses quem não tiver philosophado, e não sair

inteiramente puro desta vida. Não, isso não é dado senão aos philosophos. Eis porque, Simmias, e Cébes, o verdadeiro philosopho se abstem de todas as paixões do corpo; resiste-lhes, e se não deixa arrastar por ellas; e isto quando mesmo não teme nem a perda de sua fortuna, nem a pobreza, como os homens vulgares e os que amam o dinheiro; nem a deshonra e a má reputação, como os que amam a gloria e as dignidades.

— Nem conviria praticar de outro modo (dice Cébes).

„Não, sem duvida, continuou Socrates: assim, os que curam de sua alma, e não vivem para lisongear o corpo, não seguem a mesma vereda dos que não sabem aonde vão; mas, persuadidos que nada se deve fazer em contrario á philosophia, á libertação e á purificação que ella opera, elles se entregam á direcção d'ella, e por toda parte a seguem até onde os quer levar.

— De que modo, Socrates?

A philosophia, recebendo a alma verdadeiramente ligada, e por assim dizer collada ao corpo, e forçada a considerar as cousas, não immediatamente, mas por intermedio dos orgãos, como ao través dos muros de um carcere em absoluta obscuridade; reconhecendo que a força do carcere vem das paixões, que fazem que o preso ajude a apertar suas proprias cadeias; a philosophia, digo, recebendo a alma em tal estado, docemente a exhorta,

e trabalha para libertal-a: e para isso lhe mostra quão cheio de illusões é o testemunho dos olhos do corpo, bem como o dos ouvidos, e dos outros sentidos. Ella a empenha a separar-se d'elles quanto está em suas forças; aconselha-lhe a recolher-se, a concentrar-se em sí mesma; a não crer senão em sí, depois de ter examinado no seu interior, e com a essencia do seu proprio pensamento, o que cada cousa é em sua essencia; a considerar como falso tudo o que ella por diverso meio aprende, tudo o que varia segundo a differença dos intermediarios: ensina-lhe que o que ella vê por este modo é o sensível e o visível; e o que vê por sí mesma é a intelligencia, e o immaterial. O verdadeiro philosopho sabe que tal é a funcção da philosophia. Persuadida pois a alma que se não deve oppor á sua soltura, abstem-se quanto lhe é possível das voluptuosidades, dos desejos, das tristezas, dos temores; reflectindo que depois das grandes alegrias e dos grandes sustos, das tristezas e dos desejos immoderados, não sómente se experimentam os males ordinarios, como sejam a enfermidade e a perda da fortuna, senão tambem o maior, o ultimo dos males, sem que se tenha o conhecimento disso.

— E qual é esse mal, Socrates?

„É que o necessario effeito do extremo regozijo, e da afflicção extrema, é de persuadir a alma que mui reaes e verdadeiras são as cousas que a

recream, ou a affligem, posto que o não sejam. Ora não são as cousas visiveis as que principalmente nos recream, ou nos affligem? Não é assim?”

— Certamente.

„Não é sobre tudo no prazer e no soffrimento que o corpo subjuga, e encadeia a alma?

— Como assim?

„Cada pena, cada prazer tem por assim dizer um cravo com o qual segura a alma ao corpo, e a torna semelhante a elle, e lhe faz crer que nada é verdade senão o que lhe diz o corpo. Ora, si ella toma do corpo as suas crenças, e participa dos seus prazeres, forçada é, segundo penso, a tomar-lhe tambem os mesmos costumes e habitos, de modo tal que impossivel lhe será chegar pura ao outro mundo; mas saíndo desta vida ainda embebida do corpo que deixa, bem depressa recai em outro corpo, e se enraíza, como uma planta na terra em que fôra semeada; e assim fica privada da communicação da pureza e da simplicidade divina.

— É uma pura verdade, Socrates (dice Cébes).

„Eis porque, meu caro Cébes, o verdadeiro philosopho se exercita pela força e temperança, e não por todas essas razões que imagina o povo. Pensarias tu como elle?”

— Não.

„E fazes bem. A alma do verdadeiro philosopho não admitte essas razões grosseiras: ella não pensa que a philosophia deve vir libertal-a,

para que outra vez se entregue aos prazeres e aos pezares, e se deixe de novo arrastar por elles, e assim sempre esteja a recommençar, como a téla de Penélope. Ao contrario, tornando-se independente das paixões; tomando a razão por guia; não desistindo jamais da contemplação do que é verdadeiro e divino fóra do dominio da opinião; nutrindo-se destas sublimes contemplações, a alma adquire a convicção que assim deve viver emquanto está nesta vida, e que irá depois da morte reunir-se ao que lhe é semelhante, e conforme á sua natureza, e será libertada dos males da humanidade. Com um tal regime, oh Simmias, oh Cébes, e tendo-o seguido fielmente, razão não ha para temer que a alma, saindo do corpo, seja levada pelos ventos, se dissipe, e cesse de existir.“

Nota 6. Pag. 282, Ver. 18.

Sai do inverno o verão, da noite o dia.

Tendo Socrates assim fallado, começou Cébes, e lhe dice: Socrates, verdade certa me parece tudo o que acabas de dizer. Não ha senão uma cousa que ao homem parece incrível; é o que diceste a respeito d'alma. Parece que quando deixa ella o corpo, deixa tambem de existir; que no dia em que o homem expira, se dissipa ella como um vapor ou como um fumo, e se esvaéce sem deixar vestigios. Si ella em alguma parte subexistisse

recolhida em si mesma, e liberta de todos os males de que nos fizeste a pintura, grande e bella esperança haveria, oh Socrates, que se realizasse tudo o que diceste; mas que sobreviva a alma á morte do homem, que conserve a actividade, e o pensamento, eis o que talvez necessita de explicação e de provas.

„Dizes bem, Cébes, replicou Socrates; mas como faremos nós? Queres que nesta conversação examinemos si isso é, ou não, verisimil?

— Grande prazer teria, respondeo Cébes, em saber o que pensas sobre esta materia.

„Creio, voltou Socrates, que si alguém me ouvisse, ainda que fosse algum fazedor de comédias, não me poderia dizer que zombo, e que fallo de cousas que me não pertencem ¹. Si pois tu queres, examinemos junctos esta questão. Vejamos primeiro si as almas dos mortos estão nos infernos, ou não. É opinião bem antiga ¹ que as almas deixando o mundo, vão aos infernos, e que dahi voltam a este mundo, e tornam á vida depois de ter passado pela morte. Si assim é, e si os homens depois da morte voltam á vida, segue-se necessariamente que durante esse intervallo estão as almas nos infernos; porque não voltariam ao mundo si já não

¹ Allusão á uma censura de Eupolis, poeta comico (Olyp. ad Phaëdon; Proclus, ad Parmenidem lib. 1, pag. 50, edição parisiense. T. IV.

² Dogma pythagorico, e mesmo orphico (Olyp. ad Phaëdon — Veja-se Orpheo frag. Hermann, p. 510).

existissem; e disso será uma prova sufficiente si claramente virmos que os vivos não nascem senão dos mortos; e si assim não é, convém procurar outras provas.“

— Muito bem, dice Cébes.

„Mas, continuou Socrates, para nos assegurarmos desta verdade, não nos devemos contentar só com examinal-a em relação aos homens; é preciso que a examinemos em relação aos animaes, ás plantas, e a tudo o que nasce; porque assim se verá que todas nascem da mesma maneira, isto é, dos seus contrarios, quando ellas o teem; como o bello tem por contrario o feio, o justo tem por contrario o injusto, e assim mil outras cousas. Vejamos pois si é uma absoluta necessidade que as cousas que teem seu contrario não nasçam senão desse contrario; como por exemplo, si é de absoluta necessidade que quando uma cousa se torna maior, fosse antes menor, para adquirir essa grandeza.“

— Sem duvida.

„E quando ella se torna menor, que fosse antes maior, para diminuir depois.

— Evidentemente.

„Do mesmo modo, o mais forte sai do mais fraco, e o mais rapido do mais lento.

— É uma verdade sensivel.

„E então continuou Socrates, quando alguma cousa se torna peor, não é de melhor que era? e quando mais justa se faz, não é de menos justa que antes era?“

— Sem difficuldade, Socrates.

„Assim pois, Cébes, provado está sufficientemente que todas as cousas veem dos seus contrarios.“

— Muito sufficientemente, Socrates.

„Mas entre esses dous contrarios, não haverá sempre um certo meio, uma dupla operação que vá deste áquelle, e depois daquelle a este? A passagem do maior ao menor, e do menor ao maior não supporá necessariamente uma operação intermedia-ria, a saber, augmentar e diminuir?

— Sim, dice Cébes.

„E não se dá o mesmo a respeito do que se chama misturar e separar, esquentar e resfriar, e a respeito de todas as mais cousas? E posto que aconteça algumas vezes que não tenhamos palavras para exprimir todas essas gradações, não vemos nós realmente que é sempre uma absoluta necessidade que nasçam as cousas umas das outras, e passem de uma á outra por uma operação intermediaria?

— É indubitavel.

„Pois bem, continuou Socrates, não tem a vida tambem o seu contrario, como a vigilia tem por contrario o somno?

— Sem duvida, dice Cébes.

„E qual é esse contrario?

— A morte.

„E não nascem estas duas cousas uma da outra, pois que são contrarias? E pois que ha dous

contrários, não haverá uma dupla operação intermediária que os faça passar de um a outro?

— Como não?

„De minha parte, continuou Socrates, vou dizer-vos a combinação dos dous contrários, o somno e a vigilia, e a dupla operação que converte um no outro; e tu me explicarás a outra combinação. Digo pois, quanto ao somno e á vigilia, que nasce do somno a vigilia, e da vigilia o somno; e o que vai da vigilia ao somno é o entorpecimento, e do somno á vigilia o despertar. Não é isto claro?

— Muito claro.

„Dize-nos pois agora qual a combinação da vida e da morte. Não dizes tu que a morte é o contrario da vida?

— Sim.

„E que nascem uma da outra?

— Sem duvida.

„O que nasce pois da vida?

— A morte.

„E da morte?

— Necessariamente devo confessar que a vida.

„É pois do que é morto que nasce tudo que vive, cousas e homens?

— Parece certo.

„E por conseguinte, continuou Socrates, depois da morte vão nossas almas habitar o inferno?

— Assim parece.

„Agora, das duas operações que fazem passar do estado de vida ao estado de morte, e viceversa, não é uma manifesta? porque morrer é visível, não é assim?

— Sem dificuldade.

„Mas que! para fazer-se o parallelo não haverá uma operação contraria, ou estará em falta a natureza por esse lado? Não será necessario que morrer tenha o seu contrario?

— Necessariamente.

„E qual é?

— Reviver.

„Reviver! dice Socrates, é pois, si isso acontece, a operação que vai da morte á vida. Convimos pois, que tanto nasce a vida da morte como a morte da vida: prova sufficiente que a alma depois da morte existe em alguma parte, donde volta á vida.

Nota 7. Pag. 291, Ver. 2.

Mais pressa, amigos, eis do banho a hora.

„É quasi tempo que eu vá ao banho, porque parece que melhor é não beber o veneno senão depois de me ter banhado, afim de poupar ás mulheres o trabalho de lavar um cadaver.“

Tendo Socrates acabado de fallar, começou Criton.

— Muito bem, Socrates, lhe dice, nada tens que recommendar a mim e aos outros, sobre os teus

filhos, ou sobre qualquer outra cousa em que te possamos servir?

„O que sempre vos recommendei, Criton: nada de mais: tende cuidado de vós; assim prestareis serviços a mim, á minha familia e a vós mesmos, quando mesmo nada me promettais agora. Si ao contrario fordes negligentes comvosco, si não quizerdes seguir á risca o que acabámos de dizer, e o que ha muito dicemos, por mais vehementes que fossem as promessas que hoje me fizesses, de nada serveriam ellas.

— Faremos todos os esforços, respondeo Criton, para assim proceder. Mas como te sepultaremos nós?

„Como quizerdes, dice elle, si porventura poderdes agarrar-me, e si vos eu não escapar.“ Depois, olhando-nos com um sorriso cheio de docura: — Não conseguirei eu, meus amigos, persuadir a Criton que eu sou o Socrates que se entretém comvosco, e ordena todas as partes do seu discurso? Elle imagina sempre que eu sou aquelle que prestes vai ver morto, e me pergunta como enterrar-me? E todo este longo discurso que acabo de fazer, para provar-vos que, desde que eu tiver bebido o veneno, não ficarei mais comvosco, que vos deixarei, e irei gozar de ineffaveis felicidades, parece que tudo isso dice inutilmente, como si eu não tivesse querido senão consolar-vos, e consolar-me. Sede pois meus fiadores para com Criton,

mas de um modo inteiramente contrario áquelle do qual quiz elle ser meu fiador na presença dos juizes: porque elle respondeo por mim, que eu não me escaparia, vós ao contrario respondereis por mim, que me escaparei logo que morrer; afim de que o pobre Criton tome as cousas mais brandamente, e vendo queimar meu corpo, ou mettel-o na terra, não se afflija por mim, como si eu soffresse grandes males, e não diga no meu funeral, que elle expõe Socrates, que o leva, e o enterra; porquanto debes saber, meu caro Criton, que fallar imprpropriamente não é sómente uma falta em relação ás cousas, senão tambem um mal que se faz ás almas. É preciso ter mais coragem, e dizer, que é meu corpo que enterras; e enterra-o como quizeres, e do modo que te parecer mais conforme ás leis.“

Dizendo estas palavras, levantou-se, e passou á camara vizinha, para tomar o banho. Criton o seguiu, e Socrates nos pediu que esperassemos. Nós o esperámos, entretidos ora a examinar tudo o que elle nos havia dito, ora a fallar da horrivel desgraça que nos ia acontecer, considerando-nos verdadeiramente como filhos privados de seu pai, e condemnados a passar o resto da vida como orphãos. Depois que elle saíu do banho, trouxeram-lhe seus filhos, que eram tres, dous dos quaes de tenra idade ¹, e um já bastante grande ², e fizeram

¹ Sophronisco e Menexene.

² Lamprocles.

tambem entrar as mulheres de sua familia ¹. Fallou-lhes algum tempo em presença de Criton, e lhes dêo suas ordens; fez depois que se retirassem as mulheres e os filhos, e veio ter connosco; e como tinha elle estado muito tempo encerrado, já então começava o transpor do sol.

.....
 — Mas, Socrates, eu penso, dice-lhe Criton, que o sol ainda está sobre os montes, e não no occaso: além disto, sei que outros muitos não tomam o veneno senão muito tempo depois de lhes ser dada a ordem; que comem e bebem a seu gosto; alguns até poderam gozar dos seus amores; assim pois, não te apresses, que ainda tens tempo.

„Criton, aquelles que fazem o que dizes, respondeo Socrates, teem suas razões; elles crêm que nisso ganham; e eu tenho as minhas razões para o não fazer; porque a unica cousa que julgaria ganhar, bebendo um pouco maist arde, seria o tornar-me ridiculo a mim mesmo, achando-me tão amoroso da vida, que a quizesse poupar quando acabada ². Assim pois, meu caro Criton, faze o que te digo, e não me atormentes mais. „A estas palavras fez Criton signal ao escravo, que alli perto estava. Saío o escravo, e depois de algum tempo, voltou com aquelle que devia dar o veneno, e que já o

¹Só se trata aqui de Xantippa, e de outras mulheres pertencentes á familia de Socrates, e não das suas duas esposas Xantippa e Myrto.

² Allusão a um verso de Hesiodo. (As obras e os Dias.)

trazia preparado em um copo. Logo que Socrates o vio: Muito bem, meu amigo, lhe dice; mas o que devo eu fazer? a ti pertence o ensinar-me.

„Nada mais, dice-lhe esse homem, senão passear logo que o tiveres bebido, até que sintas as pernas entorpecidas, e depois deitar-te no teu leito; o veneno obrará por sí mesmo.“ Ao mesmo tempo apresentou-lhe o copo. Socrates o tomou com a mais perfeita seguridade, Echécrates! sem a menor commoção, sem mudar de côr nem de rosto; mas encarando esse homem com um olhar firme e seguro como em seu ordinario: „Dize-me, será permittido derramar alguma gotta desta bebida, para fazer uma libação?“

„Socrates, respondeo-lhe esse homem, nós não preparamos senão a porção necessaria para se beber.“

Nota 8. Pag. 295, Ver. 5.

Ha n'um ponto do espaço occulto aos homens.

„Primeiramente, continuou Socrates, estou persuadido que si a terra está no meio do céu, e é de fôrma espherica, não necessita nem de ar, nem de qualquer outro apoio que a empeça de cair; mas o mesmo céu que igualmente a circunda, e o seu equilibrio proprio, bastam para sustental-a; porque qualquer cousa que se acha em equilibrio no meio de outra que a comprime igualmente, não pode

pende para nenhum lado, e por conseguinte fica fixa e immovel; e disto estou persuadido.

— E com razão, dice Simmias.

„De mais, estou convencido que mui grande é a terra, e que nós não habitamos senão esta pequena parte que se estende do Phaso ás Columnas de Hercules, espalhados em torno do mar como formigas ou rãs em torno de um charco; e estou persuadido que ha outros muitos povos que habitam outras semelhantes partes; porque em todo logar da superficie da terra ha cavidades de todas as sortes de grandeza e de figura, onde se accumulam as aguas, as nuvens, e o ar grosseiro, emquanto que a terra propriamente está em cima, nesse céo puro onde estão os astros, a que chamam o ether os que se occupam destas materias, e do qual é propriamente um sedimento tudo o que perpetuamente afflue na cavidade que habitamos. Mettidos, sem que o pensemos, nestas cavernas, cuidamos habitar o alto da terra; pouco mais ou menos como qualquer que, tendo sua morada nos abysmos do oceano, imaginasse habitar á cima do mar, e por ver ao través da agua o sol e os astros, tomasse o mar pelo céo; e não tendo jamais subido á cima por causa de seu peso e fraqueza, nem alçado a cabeça fóra d'agua, jamais teria visto por sí mesmo quanto é mais bello e mais puro o logar que habitamos que o em que elle habitasse; nem teria achado quem lho podesse dizer. Eis o estado em que nos

achamos. Confinados em algumas cavidades da terra, julgamos habitar seus cimos, tomamos o ar pelo céo, e cremos que este é o verdadeiro céo, onde gyram os astros; e isto porque nosso peso e nossa fraqueza nos impedem de subir á cima do ar. Si alguém fosse até o alto, e podesse com azas elevar-se, mal pozesse a cabeça fóra deste ar grosseiro, viria o que se passa nessa feliz morada, como vêm os peixes, erguidos á superficie do mar, o que se passa no ar que respiramos: e si elle fosse de uma natureza capaz de longa contemplação, conheceria ser esse o verdadeiro céo, a verdadeira luz, a verdadeira terra; porque esta terra, estes rochedos, todos os logares que habitamos estão corrompidos e calcinados, como o que se acha no mar está corroído pela acrimonia dos saes: assim não se vêm no mar senão cavernas e aréas, e onde ha terra, uma profunda vasa; nada ahi ha perfeito, nada de algum preço, nada emfim que comparar se possa ao que aqui temos. Mas o que na outra mansão se acha, ainda á cima está do que vemos na nossa; e para mostrar-vos a belleza dessa terra pura, situada no meio do céo, dir-vos-hei, si quizerdes, uma linda fabula, que merece ser ouvida.

— E nós a escutaremos, Socrates, com muito prazer, dice Simmias.

„Conta-se, dice elle, que a terra, vista de alto, parece com um de nossos balões cobertos de doze

listas de diferentes cores, das quaes as que empregam os nossos pintores são apenas amostras. As cores dessa terra são infinitamente mais brilhantes e mais puras, e a cercam toda inteira.

„Uma é de maravilhosa côr purpurea; outra côr de ouro; aquella de um branco mais brilhante que o gypse e a neve; e assim as outras côres que a esmaltam, e que são mais numerosas e mais bellas que quantas conhecemos. As cavidades mesmas dessa terra, cheias de agua e de ar, tambem teem suas cores particulares, que brilham entre todas as outras; de modo que em toda a sua extensão tem essa terra o aspecto de uma continua diversidade. Tudo, em terra tão perfeita, está em relação com ella, plantas, arvores, flores e fructos; até as montanhas e as pedras teem um polido, uma transparencia, e côres incomparaveis; as que tanto aqui estimamos, como sejam as cornelinas, os jaspes, as esmeraldas não são senão pequeninas parcelas daquellas: uma só não ha naquella feliz terra que com estas não compita, ou as não supere; e a razão é que alli as pedras preciosas são puras, e não corroídas nem gastas como as nossas pela acrimonia dos saes, e a corrupção dos sedimentos que descem, e se accumulam nesta baixa terra, e infectam as pedras, a terra, as plantas e os animaes. Além de todas estas bellezas, é essa terra marche tada de ouro e prata e outros metaes preciosos, que abundantemente espalhados em todos os logares,

ferem os olhos de todos os lados, e fazem da vista dessa terra um espectáculo de bemaventurados. Também é ella habitada por todas as especies de animaes, e por homens, dos quaes uns esparsos no meio da terra, outros em torno do ar como nós em torno do mar, e outros em ilhas que fórma o ar juncto ao continente; porque alli é o ar o que a agua e o mar são aqui para o nosso uso; e o que o ar é para nós, é para elles o ether. Tão bem temperadas são as suas estações que elles vivem mais do que nós, sempre exemptos de molestias; e quanto á vista, o ouvido, o olphato, e todos os mais sentidos, e mesmo quanto á intelligencia, tão á cima estão elles de nós, quanto o ar supera á agua na pureza, e ao ar excede o ether. Elles teem sagrados bosques, e templos que os deoses realmente habitam; oraculos, prophcias, visões, todos os signaes do commercio dos deoses; elles vêem o sol, a lua, e os astros taes como são; e em proporção segue o resto da sua felicidade.

„Eis como é essa terra em sua superficie: em torno tem ella muitas logares, dos quaes uns são mais profundos e mais abertos que os paizes que habitamos; outros mais profundos, porém menos abertos, e outros menos profundos e mais chatos. São todos esses logares penetrados por baixo em muitos pontos, e entre sí se communicam por conductos ora mais largos, ora mais estreitos, ao través dos quaes corre como em bacias uma immensa

quantidade d'agua; espantosas massas de rios subterraneos, que jamais se esgotam; nascentes de aguas frias e de quentes; rios de fogo, e outros de lôdo, uns mais liquidos, outros mais espessos, como na Sicilia essas torrentes de lôdo e de fogo que precedem a lava, como a mesma lava. De uma ou de outra destas materias se enchem esses logares, segundo a direcção que ellas trasbordando tomam. De alto a baixo essas enormes massas se movem como uma balança no interior da terra. Eis como pouco mais ou menos se opera esse movimento: entre as aberturas da terra uma ha, a maior, que a atravessa toda, é a de que falla Homero quando diz: Lá, bem longe, onde debaixo da terra está o mais profundo abysmo. E que elle alhures, e outros muitos chamam o Tartaro. Para alli vão, e dalli de novo saiem todos os rios, os quaes o caracter e a similhaça tomam da terra por onde passam. A causa deste movimento em sentido contrario é que o liquido não acha alli fundo nem apoio; elle se agita suspenso, e ferve de alto a baixo; o mesmo fazem ao redor o ar e o vento, e seguem todos os seus movimentos, quer se eleve quer recáia; e como o ar na respiração entra e sai continuamente, assim a qui, impellido com o liquido nos dous movimentos oppostos, entrando e saindo, produz ventos terriveis e maravilhosos. Quando pois as aguas, lançando-se com impeto, chegam ao logar que chamamos inferior, formam correntes que, ao través da terra,

vão ter aos leitos de rios que ellas encontram, e que enchem como por uma bomba. Quando abandonam as aguas esses logares, e para os nossos se lançam, ellas os enchem do mesmo modo. Dahi vão ellas, ao través de conductos subterraneos, para os differentes logares da terra, segundo que lhes é aberta a passagem, e formam mares, lagos, rios e fontes; depois aprofundando-se de novo na terra, e atravessando espaços ora mais curtos, lançam-se no Tartaro, umas muito mais a baixo, outras um pouco a baixo, todas porém mais a baixo do que saíram. Algumas tornam a sair, e no abysmo recaiem precisamente do lado opposto ao da saída; outras, do mesmo lado; algumas ha que teem um curso inteiramente circular, e se redobram uma ou muitas vezes emtorno da terra como serpentes, descem o mais baixo que podem, e no Tartaro de novo se precipitam. De uma e de outra parte podem ellas descer até ao meio, mas não além, porque então remontariam. Formam ellas varias correntes grandissimas; mas quatro ha principaes, e a maior destas, e que emtorno e mais exteriormente corre, é o que se chama Oceano. A que lhe faz face, e corre em sentido contrario, é o Acheronte, que logares desertos atravessando, e mettendo-se debaixo da terra, se lança na lagôa Acherusida, para onde vão as almas da maior parte dos mortos, as quaes, depois de terem ahí ficado o determinado tempo, umas mais, outras menos, são reenviadas a

este mundo para reanimarem novos seres. Entre estes dous rios corre um terceiro, que, não longe de sua origem, cai em um vasto logar cheio de fogo, e ahi um lago fôrma maior que o nosso mar, onde a agua ferve misturada com lôdo. Dahi sai elle turbido e cenoso, e continuando seu curso em aspiral, vai á extremidade da lagôa Acherusida, sem misturar-se com suas aguas, e depois de ter feito varias voltas debaixo da terra, lança-se na parte mais baixa do Tartaro; é este rio que denominam o Puriphlégeton, cujos regatos inflammados surgem sobre a terra por onde saída encontram. Do lado opposto, o quarto rio cai ao principio em um logar horroroso, e de uma côr azulada, segundo dizem. Chama-se este logar Stygio, e Styge o lago que fôrma o rio caíndo. Depois de ter tomado nesse lago horriveis virtudes, mette-se elle pela terra, dando muitas voltas; dirige-se em frente do Puriphlégeton, e o encontra no lago de Acheronte, pela extremidade opposta. Elle não mistura suas aguas com as de nenhum outro rio; mas, tendo feito o gyro da terra, se lança no Tartaro, pelo logar opposto ao Puriphlégeton. O nome deste rio é o Cocyto, como o chamam os poetas.

Nota 9. Pag. 310, Ver. 16.

Mas quem pois eras tu, mystico Genio?

„Mas talvez pareça inconsequente, que me tenha eu mettido a dar avisos a cada um de vós em par-

particular, e jámais tivesse eu tido a coragem de me apresentar nas reuniões do povo, para dar conselhos á Republica. O que m'ò impedio, Athenienses, é este não sei que de divino e de demoniaco, de que tantas vezes me ouvistes fallar, e de que fez Melito, para zombar, um motivo de accusação contra mim. Este extraordinario phenomeno manifestou-se-me desde a minha infancia. É uma voz que não se faz ouvir senão para desviar-me do que tenho resolvido, e jamais me exhorta a emprehender coisa alguma. Foi ella que sempre se me oppoz, quando eu me quiz metter nos negocios da Republica; e oppoz-se muito a proposito; porque sabei que ha longo tempo já eu não viveria, se me tivesse embaraçado com os negocios publicos; e nada teria ganho nem para vós, nem para mim. Peço-vos que não vos magoeis, si vos digo a verdade. Não; quem quizer francamente lutar contra as paixões de um povo, o Atheniense, ou qualquer outro; quem quizer impedir que n'um Estado se pratiquem actos injustos, jamais o fará impunemente. É de rigorosa necessidade que quem quer combater pela justiça, si algum tempo deseja viver, conserve-se simples particular, e nenhuma parte tome no governo. Posso dar-vos disto incontestaveis provas, não raciocinios, mas factos, que para vós mais força teem. Escutai pois o que me aconteceu, assim de que saibais bem que sou incapaz de ceder a quem quer que seja contra o dever, por medo da morte;

e não o querendo fazer, impossivel é que eu não morra. Vou dizer-vos cousas que vos desagradarão, e em que talvez achareis a jactancia das defezas ordinarias; entretanto nada vos direi que não seja verdade.

Nota 10. Pag. 311, Ver. 14.

Encobre-te; . . ou segunda vez eu morro! . .

Além disto, oh vós que me haveis condemnado! eis o que ousou predizer-vos; porque estou precisamente nas circumstancias em que os homens têm no futuro, no momento de deixar a vida.

Nota 11. Pag. 312, Ver. 18.

Entretanto em seu peito o alento oppresso.

Sentou-se no leito, e já não teve tempo de nos dizer muitas cousas; porque quasi ao mesmo tempo entrou o servente dos Onze, e approximando-se, lhe dice: Espero, Socrates, não ter de fazer-te a mesma exprobação que aos outros: logo que por ordem dos magistrados venho advertir-lhes que devem beber o veneno, contra mim se transportam, e me praguejam. Mas tu, desde que aqui estás, sempre te achei o mais corajoso, o mais docil, e o melhor de quantos vieram a esta prisão; e certo estou que neste momento não estás zangado contra mim, mas contra os que deram causa á tua desgraça, e que tu bem conheces. Sabes agora o que venho annunciar-te; adeos, trata de supportar com

resignação o que é inevitavel.“ E ao mesmo tempo desviou-se, desfazendo-se em lagrimas. Socrates, olhando-o, lhe dice: — E tu tambem recebe os meus adeoses; farei o que dizes.“ E para nós voltando-se: Vêde, nos dice, que honestidade neste homem. Todo o tempo que aqui tenho estado, muitas vezes me tem vindo ver, e commigo se tem entretido. É o melhor dos homens! e como agora cordialmente me chora! Mas, vamos, Criton, obedeçamos-lhe de bom grado; que me tragam o veneno, si está preparado; senão, que elle o prepare.

Nota 12. Pag. 314, Ver. 13.

De vida um falso raio errando ás vezes.

Até então tivemos quasi todos bastante força para reter nossas lagrimas; mas vendo-o beber, e depois que bebo, já não fomos mais senhores de nós. Quanto a mim, máo-grado todos os meus esforços, tão abundantes se escaparam minhas lagrimas, que cobri-me com o meu manto para chorar sobre mim mesmo; porque não era a desgraça de Socrates que eu chorava, mas a minha, considerando que amigo ia eu perder. Criton antes de mim tinha saído, não podendo suster suas lagrimas; e Apollodoro, que antecedentemente quasi não tinha cessado de chorrar, começou então a gritar, a bramir, e a soluçar com tanta força, que ninguem houve a quem não fizesse estalar o coração, excepto Socrates: — Que fazeis? dice elle, oh meus

bons amigos! Não foi por isso que mandei para fóra as mulheres, afim de evitar scenas tão pouco convenientes? Sempre ouvi dizer que se deve morrer com boas palavras. Acalmai-vos pois, e mostrai mais firmeza.“ Estas palavras nos fizeram corar, e suspenderam nossas lagrimas. Entretanto Socrates, que passeava, dice que já sentia lhe irem pesando as pernas, e deitou-se de costas, como lhe havia o homem ordenado. Ao mesmo tempo aproximou-se o homem que lhe havia dado o veneno, e examinando-lhe por algum tempo os pés e as pernas, apertou-lhe com força um pé, e perguntou-lhe si sentia; respondeo-lhe que não. Apertou-lhe as pernas, e levando as mãos mais á cima, mostrou-nos que o corpo se gelava e endurecia; e tocando-o nos dice, que logo que o frio ganhasse o coração, nos deixaria Socrates. Já todo o baixo ventre gelado estava. Descobrimo-se elle então, porque estava coberto: — Criton, dice, e foram estas as suas ultimas palavras — nós devemos um gallo a Esculapio: não te esqueças de pagar esta divida. „Assim se fará, respondeo Criton; mas vê si ainda tens alguma cousa para nos dizer. Nada respondeo; e pouco tempo depois fez um movimento convulsivo. Então o descobrio o homem inteiramente: immoveis estavam os seus olhos; o que vendo Criton, lhe fechou a bocca, e as palpebras.

F i m.

Lige
22-11-925
M. W.

INDICE

	Pag.
A Dor	1
A Morte de Evaristo Ferreira da Veiga	5
A Morte de Meu Pai	11
A Morte de F. de Lima e Silva	19
A Morte de C. Miguel de Lima e Silva	21
Triste Consolação	27
Lembranças Dolorosas	31
A Memoria de Minha Mãe	37
Os Mystérios:	
Mysterio I. A Morte	41
— II. Lamentações	45
— III. Recordações Dolorosas	65
— IV. O Lethargo	71
— V. A Visão	75
— VI. A Consciencia	85
— VII. A Duvida	89
— VIII. A Fé	101

	Pag.
Epitaphios sobre as campas de meus filhos	103
Notas aos Mystérios	106
Hymno á Morte	107
O Louco do Cemiterio :	
Canto I. O Covello	115
— II. O Vulto	123
— III. O Delirio	131
— IV. A Evocação das Almas	141
— V. O Enterro	157
— VI. O Fim	169
O Amante Infeliz	175
Vanini no Carcere	187
Predicção de Cazotti	223
A Tempestade Nocturna	247
A Voz Paternal	251
A Guerra civil dos Estados-Unidos d'America	255
Morte de Socrates	261







